

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GESTÃO DO TERRITÓRIO

MARCIO JOSE ORNAT

TERRITÓRIO DA PROSTITUIÇÃO E INSTITUIÇÃO DO SER TRAVESTI EM
PONTA GROSSA – PR

PONTA GROSSA
28 DE JANEIRO DE 2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MARCIO JOSE ORNAT

TERRITÓRIO DA PROSTITUIÇÃO E INSTITUIÇÃO DO SER TRAVESTI EM
PONTA GROSSA - PR

Dissertação de Mestrado apresentada para obtenção do título de Mestre, no Programa de Pós-Graduação em Geografia, Mestrado em Gestão do Território, Setor de Ciências Exatas e Naturais, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Joseli Maria Silva

PONTA GROSSA
28 DE JANEIRO DE 2008

Ficha Catalográfica Elaborada pelo Setor de Processos Técnicos BICEN/UEPG

O74 t Ornat, Marcio José
Território da prostituição e instituição do ser travesti em
Ponta Grossa- Paraná / Marcio José Ornat. Ponta Grossa, 2007.
160 f.

Dissertação (Mestrado em Gestão do Território),
Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Joseli Maria Silva

1. Prostituição travesti – território. 2. Travestis – Ponta
Grossa – Pr. 3. Travestis – normas culturais. 4. I. Silva, Joseli
Maria. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Mestrado em
Gestão de Território. III. T.

CDD: 910.086.642

TERMO DE APROVAÇÃO


MARCIO JOSÉ ORNAT

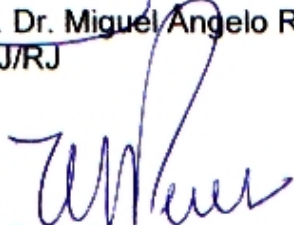
**TERRITÓRIO DA PROSTITUIÇÃO E INSTITUIÇÃO DO SER TRAVESTI EM
PONTA GROSSA - PR.**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado em Gestão do Território, Setor de Ciências Exatas e Naturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora.

Orientador:


Prof.^a. Dr.^a. Joseli Maria Silva
UEPG/PR


Prof. Dr. Miguel Angelo Ribeiro
UERJ/RJ


Prof. Dr. William Siqueira Peres
UNESP/SP

Ponta Grossa, 28 de janeiro de 2008.

Dedico este trabalho a Bianca e João, pelo amor direcionado a mim e pela paciência tida nos *trabalhos de fins de semana*, e pelo amor de Letícia, mesmo a distância.
Esta caminhada de dois anos só foi possível pela força de vocês...

AGRADECIMENTOS

A minha “mestra maior”, professora Joseli Maria Silva, pelos momentos de enfebrada discussão, pela parceria de pesquisa, pelas provocações teóricas e metodológicas, pela orientação deste trabalho, por estes quase seis anos de confiança e apoio, contribuindo com seu conhecimento aprofundando sobre a ciência geográfica, marcando minha formação, maximizando minha paixão pela geografia. Aos meus colegas, em especial a Almir Nabozny e Alides Chimin Jr., companheiros, sócios e amigos fiéis. Aos meus familiares pelo incentivo e apoio.

As travestis que, atenciosamente, atenderam aos questionamentos realizados, em especial a *Bombom, Carla, Carlinha, Débora Lee, Farrá, Giovanna, Gláucia Boulevard, Juliana, Lana, Leandra, Michelly e Pâmela Anderson*. De fato, sem suas participações, este trabalho não existiria. É à academia que hoje apresento este trabalho. Mas o título de Mestre é dado a mim por vocês...

E a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão deste trabalho.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é compreender a co-relação existente entre o território da prostituição travesti e a instituição do sujeito travesti na cidade de Ponta Grossa, Paraná. A linearidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo sexual é uma característica comum da sociedade ocidental contemporânea que procura a todo custo manter explicações da ordem heterossexual baseadas na natureza dos corpos e comportamentos. Sob esta perspectiva os sujeitos que não correspondem aos padrões estabelecidos são considerados desviantes, doentes e outros tantos qualificativos criados para classificar a sociedade e manter sua pretensa ordem natural. O grupo focal eleito para esta pesquisa é justamente aquele que desafia as explicações simplistas e complexifica a ordem estabelecida, as travestis. Utilizamos este termo para nomear as pessoas que assim se identificavam e que, em sua maioria, estavam envolvidas com a atividade da prostituição. As espacialidades desenvolvidas pelas travestis são elementos de fundamental importância na existência do grupo, mesmo que marginal. O espaço condiciona as posições de sujeitos, compõe relações de forças, e orienta as escolhas e sua apreensão da realidade. Assim, após a análise de todas as entrevistas realizadas com o grupo focal das travestis, detectamos um conjunto de 906 evocações referentes às relações estabelecidas na família, relações de conjugalidade, e relação entre as travestis e deste grupo com moradores e policiais. As espacialidades que compõem as memórias travestis simultaneamente criam os laços de afetividade do grupo de pertença e a diferenciação entre outros grupos. São constituidoras da experiência travesti e da identidade travesti, relacionadas a reprodução da heteronormatividade, bem como de sua transgressão. As principais espacialidades evocadas nas falas das travestis estavam relacionadas a casa, ao espaço urbano, e ao território. As experiências que são vividas pelas travestis, relacionadas a casa e ao espaço urbano, são compartilhadas no grupo, promovendo processos de identificação, processo que conflui para o espaço que se torna território. É a vivência do território, instituído por normas e comportamentos orientados aos corpos, que produzem as identidades travestis, conseguindo localizar estas pessoas perante outros grupos sociais. Porém, as posições de sujeitos são móveis, em centro e margem, pois o território da prostituição travesti é relacional, envolvendo configurações de poder entre os sujeitos que configuram as relações. O território é constituído por múltiplas dimensões, podendo a travesti em cada uma delas se encontrar em centro e margem de relações de poder. É esta possível plurilocalização das travestis que pode subverter a ordem de forças entre *eu* e *outro*, pois estes são simultaneamente separados e conectados. O território é um local de obtenção de ganhos da comercialização das práticas sexuais, mas também um elemento importante na constituição do ser travesti, como um local de aprendizado do ser travesti. Território que é constituído e constituínte, assim como corpo, o sexo, o gênero, o desejo e a vida.

Palavras-chave: Espacialidades. Normas culturais. Território. Travesti.

ABSTRACT

The objective of this work is to understand the co-relation between the territory of travesti prostitution and the institution of the subject travesti in the city of Ponta Grossa, Parana. The linearity between sex, gender, sexual practices and sexual desire is a common feature of contemporary western society that seeks at all costs to keep explanations of the order based on the heterosexual nature of the bodies and behaviour. From this perspective the subjects that do not correspond to the standards established are considered deviant, patients and many qualitative created to classify the society and maintain their alleged natural order. The focus group elected to this search is precisely that which defies simplistic explanations and complexifica the established order, the travesti. We use this term to appoint people that they identified and that, in their majority, were involved with the activity of prostitution. The spatiality developed by travestis are elements of fundamental importance in the existence of the group, even if marginal. The space determines the positions of subjects, composed relations of forces, and guides the choices and their understanding of the reality. After the analysis of all interviews conducted with the focus group of travestis, found a set of 906 evocations for relations established in the family, relations of conjugality, and the relationship between this group and travestis with residents and police. The spatiality that comprise the memoirs travestis simultaneously create the bonds of affection the group of belonging and differentiation among other groups. It's constitute of experience travesti and identity travestis, heteronormativity related to reproduction, as well as their transgression. The main spatiality mentioned in the speeches of the travestis were related to the house, the urban space, and the territory. The experiences which are experienced by travestis, related to home and the urban space, are shared in the group by promoting processes of identification, a process that flow for space that becomes territory. It is the experience of the area, established by rules and behaviors oriented to the bodies, which produce the identities travestis, achieving locate these people to other social groups. However, the positions of subjects are mobile in central and margin, as the territory of travestis prostitution is relational, involving configurations of power between the subjects that shape relations. The territory consists of multiple dimensions, as the transvestite in each of them is in center and margin of power relations. This is possible various location of travestis that can subvert the order of forces between me and other, because they are both separate and connected. The territory is a place to get gains from the marketing of sexual practices, but also an important element in the constitution of being travestis, as a place of learning to be travestis. Territory that is made and constituent, as well as body, sex, gender, desire and life.

Keywords: Spatiality. Culture rule. Territory. Travesti.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Cartograma 01 - Espacialidade da Prostituição, Ponta Grossa – Paraná.....	33
Cartograma 02 – Território da Prostituição Travesti Centro.....	34
Esquema 01 - Espacialidade CASA.....	66
Esquema 02 - Espacialidade CIDADE.....	76
Esquema 03 - Espacialidade TERRITÓRIO.....	86
Esquema 04 - Ritual de Passagem.....	93
Esquema 05 - PROSTITUIÇÃO.....	102
Gráfico I - Espacialidades do Ser Travesti em Ponta Grossa – PR.....	64
Quadro I - Características Gerais das Travestis – Ponta Grossa – Paraná.....	61
Quadro II - Preponderância das Evocações referentes a TERRITÓRIO – CONTROLE DO TERRITÓRIO.....	92

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

A PEDAGOGIA DA PESQUISA.....	10
------------------------------	----

CAPÍTULO I

DO TERRITÓRIO INSTITUÍDO AO TERRITÓRIO INSTITUÍNTE DO SUJEITO TRAVESTI.....	19
---	----

1. Os conceitos iniciais: os sujeitos e o 'território instituído' como produto da ação unidirecional <i>insider / outsider</i>	19
2. A Reconstrução do Conceito de Território na Tensão com o Campo de Pesquisa: do 'território instituído' ao 'território instituínte' do sujeito travesti.....	37
2.1 - A visibilidade da “cidade texto travesti” e o “espaço paradoxal”.....	38
2.2 - Da interdição ao duplo vínculo entre território da prostituição e sujeito travesti.....	48

CAPÍTULO II

ESPACIALIDADE E MEMÓRIA: PERFORMATIVIDADE E EXPERIÊNCIA DO SER TRAVESTI.....	52
--	----

1. Espaço e Performatividade na experiência do ser travesti.....	53
2. Espaços memoriais na experiência das travestis.....	59
2.1 A casa.....	65
2.2 A Cidade.....	76

CAPÍTULO III

O TERRITÓRIO COMO FUNDAMENTO DA EXISTÊNCIA DO SER TRAVESTI NA SOCIEDADE HETERONORMATIVA.....	82
--	----

1. Território e poder: plurilocalidades e multidimensionalidades na configuração do território da prostituição travesti.....	83
2. Território e prostituição: condição de existência do ser travesti.....	100

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
---------------------------	-----

REFERÊNCIAS.....	114
------------------	-----

ANEXOS.....	120
-------------	-----

INTRODUÇÃO

A PEDAGOGIA DA PESQUISA

A formação de um pesquisador e de suas escolhas teórico-metodológicas reflete uma teia complexa de relações e identidades que compõe uma história que simultaneamente é singular e coletiva, feita através do grupo de pesquisa. As trajetórias e as possibilidades de questões que um pesquisador faz à realidade estão profundamente arraigadas em sua construção como ser humano. Pensamos que toda reflexão sobre a realidade tem um objetivo, que não pode ser subjugado pelos demais, o objetivo de nos tornar pessoas melhores.

Minhas primeiras inquietações durante a graduação estiveram voltadas à área humana da geografia, notadamente relacionada às questões de acessibilidade que os diversos grupos sociais realizavam em relação ao espaço urbano¹. Mas esta caminhada não foi solitária. Penso que o caminho se faz no andar, andar comungado por um grupo de pessoas que, desde o ano de 2003, estabeleciam relações de identidade teórica, afetividade e solidariedade. Estas relações culminaram com a criação do Grupo de Estudos Territoriais – GETE, sob coordenação da Dr^a. Joseli Maria Silva. Mais dois trabalhos estiveram relacionados a temática “Espaço, cultura e poder na configuração das relações de gênero na periferia pobre de Ponta Grossa – PR²”: a reflexão realizada por Almir Nabozny³, analisando a relação entre a participação política das mulheres chefes de família e a

¹ ORNAT, Marcio Jose. **Pobreza, gênero e deslocamentos espaciais intra-urbanos em Ponta Grossa – PR**. Relatório Final de Iniciação Científica. Universidade Estadual de Ponta Grossa, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Joseli Maria Silva, 2005.

² Linha de pesquisa coordenada pela Dr^a Joseli Maria Silva, pesquisa realizado no período de 08/2004 a 07/2005.

³ NABOZNY, Almir. **A participação política e gênero na produção dos espaços de pobreza em Ponta Grossa - PR**. Relatório Final de Iniciação Científica. Universidade Estadual de Ponta Grossa, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Joseli Maria Silva, 2005.

reprodução de suas condições sócio-espaciais de pobreza em Ponta Grossa – PR, e o trabalho construído por Rodrigo Rossi, tendo por orientação compreender as representações sociais das mulheres chefes de família sobre o Arroio do Padre em Ponta Grossa – PR⁴.

Assim, muito importante para a triangulação das reflexões realizadas no GETE, foi sua compreensão de como se constituem os universos simbólicos dos grupos sociais em relação a estas pesquisas. Mesmo tomadas as suas especificidades, os três trabalhos tiveram como catalisador a solidariedade nos trabalhos de campo e a troca constante de leituras e reflexões. Penso que mesmo considerando nosso interesse e paixão pela Geografia, não teríamos ido muito longe caso não tivéssemos vivido de forma plena o GETE. A pivô desta questão é a Prof^a.Dr^a. Joseli Maria Silva, maximizando nosso potencial e mostrando a direção que deveríamos seguir. Agradecimentos em relação ao GETE e a Prof^a. Joseli são palavras vagas, frente ao sentimento de gratidão que sinto em relação ao fato de ter sido companheiro e acompanhado nesta jornada.

Acho que de certa forma o trabalho que hora apresento, nasceu já na graduação em Geografia, quando fiquei entusiasmado com o trabalho de um colega relacionado a prostituição nas áreas de obsolescência do centro de Ponta Grossa – PR. Não me recordo se ele chegou a transformar seus questionamentos em Monografia, mas lembro que esta orientação me chamava muito a atenção. Outro elemento preponderante foi o tratamento da relação entre geografia e gênero, durante o trabalho de conclusão de curso. Via que o gênero era a primeira relação de poder que organizava o mundo, a *matrix*, e se era a primeira, considerei de extrema relevância compreender a dimensão espacial desta relação de poder, em

⁴ ROSSI, Rodrigo. **As representações sociais das mulheres chefes de família sobre o arroio do Padre em Ponta Grossa – PR**. Ponta Grossa, 2005, 73 pg. (Monografia). Orientação: Dr^a Joseli Maria Silva, UEPG, 2005.

suas mais variadas formas.

Após concluir o curso de Geografia, orientei meus esforços no afimco de ser aprovado em um curso de pós-graduação. Construí um projeto de pesquisa que buscava compreender a relação existente entre a territorialidade intra-urbana dos/as profissionais do sexo e a reprodução dos territórios da prostituição existentes na cidade de Ponta Grossa, Paraná, sob o título “Prostituição, Gênero e Poder: Territórios intra-urbanos do comércio do sexo em Ponta Grossa – PR”. Aceitava o fato de que este tema iria ser um desafio para mim, tanto como pessoa como pesquisador, se é que podemos separar uma coisa da outra (já que nem mesmo Denis Cosgrove, em uma manhã de sábado conseguiu fazê-lo...) ⁵. Entretanto, as barreiras com as quais me deparei se erguiam também no interior da academia. Espaço que sempre imaginei libertário, local de grandes invenções, sonhos, criatividade e debate. Este passava a se apresentar como reprodutor de uma sociedade preconceituosa e elitista, que julgava quais eram os temas nobres e aqueles que não merecem atenção da ciência geográfica.

O processo de seleção para o mestrado em geografia na UFSC⁶ foi extremamente revelador das dificuldades que eu enfrentaria posteriormente. Na fase de seleção fui aprovado nas etapas de conhecimento e língua estrangeira e, assim, fui habilitado para a entrevista. O comportamento da banca que realizava as entrevistas demonstrou claramente que o gênero é algo que realmente estrutura o mundo, e a homofobia é um de seus elementos: a universidade não está fora dele.

Depois de demonstrado meu potencial intelectual durante as etapas anteriores, fui motivo de risos em uma entrevista nada imparcial, na qual a primeira

⁵ COSGROVE, Denis. A Geografia Esta em Toda Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In CORRÊA, R. L., ROZENDAHL, Z. **Paisagem, Tempo e Cultura**. 2ª Edição, Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

⁶ Universidade Federal de Santa Catarina.

pergunta a mim formulada era *se eu era acostumado a freqüentar a zona*. As questões conceituais e metodológicas não foram o centro da entrevista, mas sim a clara exposição do quanto o campo de saber científico é forte no exercício do poder, que determina os rumos 'nobres' da ciência. Não foi minha a surpresa, que de dezesseis finalistas e treze admitidos, eu estaria entre os três não classificados. Chateado, lembrei dos alertas da Prof^a. Joseli, que leu meu projeto antes de ser enviado à UFSC. Ela argumentava que a sexualidade é um tabu para a sociedade como um todo, e que a ciência geográfica brasileira ainda resistia a essa discussão, já em pleno vapor nos países centrais. Negligenciei o fato de que a geografia é feita de geógrafos(as)/pessoas, e que num momento de seleção, a carga cultural machista e heterossexista pesaria na forma como eles me avaliavam. Felizmente, o ocorrido não tirou de mim a vontade de continuar o caminho da Geografia envolvendo o tema sexualidade e espaço.

No início de 2006 a CAPES havia recomendado o Programa de Pós-Graduação em Geografia, Mestrado em Gestão do Território, na UEPG⁷, e o início da seleção para o ano de 2006 ocorreria a partir do final de janeiro do mesmo ano. Fui aprovado e agraciado pelo destino com a possibilidade de realizar meus estudos de pós-graduação, com o trabalho que havia dirigido anteriormente para a UFSC, e continuar a trabalhar juntamente com o GETE. Hoje, ao rememorar minha experiência na seleção de mestrado na UFSC, penso que aquele limite me proporcionou uma oportunidade ainda maior. Jamais teria o crescimento intelectual que pude ter se não estivesse vinculado a um grupo de pesquisa que desafia os limites da ciência, no qual podemos ousar e produzir a Geografia na qual acreditamos científica e politicamente.

Rearranjei o grupo focal abordando agora as travestis, devido ao fato de

⁷ Universidade Estadual de Ponta Grossa.

considerar que este sujeito, além de se apropriar de determinadas porções do espaço e os transformar em territórios, com suas práticas, tensionavam a organização do mundo entre homens e mulheres, pois são indivíduos que carregam consigo duas formas de comportamento.

Da mesma forma que na graduação, o GETE permaneceu solidarizando dados, e a partir desta prática, produzindo análises mais ricas, a partir da posicionalidade do sujeito pesquisador em relação ao sujeito pesquisado. A prática da triangulação da pesquisa possibilitou a confrontação dos caminhos percorridos, promovendo a crítica, não apenas às orientações metodológicas, mas teóricas, pois o ato de pesquisar não está relacionada apenas a uma ação não tensa de aplicação de modelos teóricos ou conteúdos programáticos de conceitos. Estes procedimentos também renovam a teoria, como visto em relação ao conceito de território trabalhado na Geografia brasileira.

Um conjunto de desafios foi posto perante este trabalho. Inicialmente devido ao fato dessa temática ser recente na Geografia brasileira, dificuldade que se cristalizou nos referenciais teóricos e metodológicos que poderiam ou não ser trabalhados: ainda estavam por ser construídos. Em seguida *sentimos na pele* que o nosso trabalho tensionava o poder instituído, de certa forma uma provocação a *Geografia Européia – Branca – Masculina – Heterossexual*. Inspiramos críticas e descréditos, não apenas em relação ao meu trabalho, mas reproduzido em relação ao trabalho que era de responsabilidade de Almir Nabozny, tratando da dimensão espacial da prostituição infanto-juvenil em Ponta Grossa – Paraná⁸ e, também em relação ao Protocolo de Pesquisa⁹ “*Ausências e silêncios do discurso geográfico: a produção do espaço interdito*”, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Joseli Maria Silva,

⁸ Mestrando Gestão do Território – UEPG / Membro GETE.

⁹ Os trabalhos que são orientados ao protocolo de pesquisa tem como parceira a ONG Renascer de Apoio aos Homossexuais, tendo início em 02.03.2007 e com data final em 02.03.2009.

relacionado ao universo travesti.

Em diversos momentos, recebemos sorrisos de canto de boca, ou expressões faciais que desmereciam nossa qualidade teórico-metodológica. Mas, utilizando-me das palavras de Hélio Silva, nós do GETE, esperamos estar contribuindo, trazendo reflexões em relação a uma das dimensões da vida da travesti, a sua dimensão espacial, pois como visto pelo autor¹⁰, o problema não está na travesti, “a questão é quem os mata, espanca e desdenha. Talvez possamos estabelecer uma linha de comunicação entre o risinho no canto direito da boca do intelectual macho (ou do gay respeitável) com a bala que fere o seio esquerdo da travesti. O risinho cria a ambiência que neutraliza a decisão de apertar o gatilho”.

Em relação às críticas a nós direcionadas durante o desenvolvimento deste trabalho, respondemos com as palavras de Denis Cosgrove: “a geografia está em toda parte”. Sendo assim, todo fenômeno social é passível de ser analisado através da Geografia, que aprendemos a fazer 'geografando' em conjunto no GETE.

Desta forma, mesmo havendo um conjunto de elementos que se colocavam, apontando para uma trajetória mal sucedida, as adversidades passadas fortaleceram nossas orientações. Penso que a própria experiência da docência que vivenciei contribuiu para me posicionar próximo do local de vivência das travestis, em relação ao preconceito. Os trabalhos na pós-graduação começaram concomitantemente à experiência docente na graduação em geografia¹¹, no início de 2006. Trabalhando com a disciplina de Cartografia, sempre usava como artifício explicativo, da construção de documentos cartográficos, as cartografias que fazia em relação aos territórios da prostituição travesti, demonstrando o objetivo da

¹⁰ SILVA, Hélio. **Travesti – a Invenção do Feminino** – etnografia. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, Iser, 1993, p.16.

¹¹ Foi professor colaborador no Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Ponta Grossa, nos anos de 2006 e 2007.

cartografia de representar cartograficamente a realidade. Portanto, sempre em algum momento ou outro, me via despercebido, falando das travestis e das formas que os elementos presentes nas suas vidas, se relacionavam à Cartografia. Certo final de aula, alguns alunos permaneceram na sala, perguntando-me se comigo poderiam falar. Estes alunos iniciaram a conversa relatando que algumas pessoas, alunos e não alunos estavam a fazer alguns comentários, e eles gostariam de saber se o que era comentado era verdade ou não. Após esta introdução, questionaram: *professor, o senhor é gay?* Em meio a risos, fiz a réplica: *e se for, ou se não for? Haverá alguma interferência na relação entre professor Marcio e alunos?* Este acontecimento mostrou o quanto vivemos sob o poder da heteronormatividade e o quanto nosso olhar é estruturado por este prisma. Esta experiência possibilitou que quantificássemos, *de forma bem superficial*, o que é ser travesti, perante uma vida de preconceito e discriminação.

Toda a fonte de reflexão que utilizamos aqui nasceu de uma convivência de aproximadamente dois anos com o grupo das travestis, convivência esta que permanece até hoje. Esta convivência foi possibilitada a partir de uma parceria entre o Grupo de Estudos Territoriais GETE – UEPG e a Organização Não-Governamental Renascer / Ponta Grossa – PR. Temos nossos agradecimentos a Ong Renascer, de fato uma parceria preocupada com o andamento do trabalho e com o cumprimento das etapas. A relação entre GETE e Renascer tem analogia a relação estabelecida entre uma nova travesti e a travesti 'madrinha', pois foi a partir do auxílio do grupo, avaliando nossa entrada, enquanto pesquisadores, no território da prostituição travesti, e nas dinâmicas que compõe esta espacialidade, que pudemos produzir a presente reflexão. Considero que este trabalho coloca-se como uma nova frente de pesquisa do GETE, distinta da realizada durante a graduação, pois nossos

questionamentos hoje se colocam a partir das dinâmicas sociais que envolvem sexualidades e espaço.

Assim, a partir da lógica da descoberta, temos como fio condutor deste trabalho a questão central de *qual a co-relação existente entre o território da prostituição travesti e a instituição dos sujeitos travesti na cidade de Ponta Grossa, Paraná*. E buscando responder a esta questão, compreendemos *como ocorre a instituição e manutenção dos territórios da prostituição travesti intra-urbana, quais são as relações de gênero estabelecidas entre os sujeitos componentes da prática do comércio sexual travesti e sua espacialidade, e qual é o componente espacial na produção da performatividade do sujeito travesti*.

Estabelecemos como grupo focal para a presente investigação onze pessoas que se auto-identificam como travestis, todavia aquelas que retiram seu sustento da atividade da prostituição em Ponta Grossa - PR. A partir do aval da ONG junto ao grupo, conhecemos travesti por travesti. Não queríamos gerar algum tipo de estranhamento, pois caso isto acontecesse, o conteúdo das falas poderia ser prejudicado. Nosso primeiro desejo era despertar a confiança do grupo, e demonstrar que nosso trabalho era uma atividade séria, que preservaria a identidade das travestis. Por outro lado, que esta era uma pesquisa compromissada, pois não vemos a vida acadêmica desconectada da vida cotidiana.

Esta relação de paulatino conhecimento e reconhecimento mútuo, tempo contido entre março de 2006 a fevereiro de 2007, resultou na realização de onze entrevistas semi estruturadas, conforme o anexo 1, entre os meses de fevereiro a maio de 2007. Estas entrevistas em profundidade, somadas às observações sistemáticas, buscaram compreender as relações que se estabelecem entre a *transformação do corpo na relação com o outro, a prática sexual realizada por este*

grupo, tanto pessoal como comercial, e as relações entre *corpo*, *território* / *corpo e poder*.

Assim, as discussões e conclusões estão estruturadas neste trabalho em três partes. A *primeira parte* discute as transformações que aconteceram no batimento entre teoria e campo. A teoria disponível, inicialmente utilizada, foi tensionada e contradita, provocando novos posicionamentos teóricos. A *segunda parte* trata das espacialidades que compõe as memórias da experiência urbana do ser travesti a partir dos relatos de vida deste grupo. O espaço é um elemento fundamental nas falas das travestis, constituindo elementos de identificação do ser travesti, fortalecendo os laços da rede de relações sociais instituídas através do território da prostituição, diferenciando o *eu* e o *outro*. Finalmente, a *terceira parte* evidencia a relação entre o território instituído e instituinte do ser travesti, argumentando que o território, paradoxalmente constituído pelas diversas vivências espaciais, compõe identidades e é concomitantemente por elas composto.

CAPÍTULO I

DO TERRITÓRIO INSTITUÍDO AO TERRITÓRIO INSTITUÍNTE DO SUJEITO

TRAVESTI

O presente capítulo tem por objetivo evidenciar as transformações que ocorreram durante o tensionamento entre a teoria disponível e utilizada no balizamento do olhar científico geográfico sobre o campo de pesquisa e de como o campo contradisse a teoria até então utilizada, provocando novos posicionamentos teóricos. O capítulo apresenta, primeiramente, os conceitos iniciais que posteriormente foram negados pelo campo e, num segundo momento, apresentamos a re-construção teórica que embasa a presente pesquisa.

1. Os conceitos iniciais: os sujeitos e o 'território instituído' como produto da ação unidirecional *insider / outsider*

A linearidade entre sexo, gênero e desejo sexual é uma característica comum da sociedade ocidental contemporânea que procura a todo custo manter explicações da ordem heterossexual baseadas na natureza dos corpos e comportamentos. Sob esta perspectiva os sujeitos que não correspondem aos padrões estabelecidos são considerados desviantes, doentes e outros tantos qualificativos criados para classificar a sociedade e manter sua pretensa ordem natural. O grupo focal eleito para esta pesquisa é justamente aquele que desafia as explicações simplistas e complexifica a ordem estabelecida, as travestis. Apesar das normas da língua portuguesa tratar a palavra como relativa ao sujeito masculino, mantemos nesta

pesquisa o termo no feminino a fim de respeitar a identidade do grupo. São seres que possuem uma fisiologia masculina, mas relacionam-se com o mundo a partir do gênero feminino.

Esta simples explicação do ser travesti apresentada anteriormente é necessária no sentido de delimitar minimamente o grupo focal, pois se sabe que há polêmicas em torno das definições de seres que não se enquadram nos pólos femininos e masculinos, tradicionalmente estabelecidos no campo científico, político e social. Peres (2005), em sua tese doutoral considerava as travestis como componentes do grupo chamado de 'transgênero', tradução inglesa de *transgender*. Para este pesquisador, a categoria poderia contemplar todos os indivíduos que não se enquadram em um dos lados das bi-polaridades, masculina ou feminina, englobando, além das travestis, outros grupos como o/as transexuais, *drag queens*, transformistas. Contudo, é o próprio autor, ao observar o movimento das reivindicações e da ação política das travestis, que argumenta a necessidade de se conceber as travestis fora do grupo de transgênero¹². Isso porque elas possuem demandas sociais específicas em relação às transexuais, por exemplo, também componentes do grupo de transgênero. Embora haja ainda muito a ser debatido sobre as categorizações e as afiliações de sujeitos à determinadas nomenclaturas, esta não é uma tarefa para esta pesquisa. Utilizamos o termo travesti¹³ para nomear pessoas que assim se identificavam e que, em sua maioria, estavam envolvidas com a atividade da prostituição em Ponta Grossa – Paraná.

Segundo Peres (2005), as identidades sexuais e de gênero têm superado a

¹² Notas realizadas pelo Dr. Wiliam Siqueira Peres, durante o exame de qualificação ocorrido em 01 de outubro de 2007, no Programa de Pós-Graduação em Geografia, Mestrado em Gestão do Território – UEPG.

¹³ Gostaria de alertar para o fato do estabelecimento da associação equivocada do termo travesti à prostituta, como se fossem sinônimos. Nem sempre uma travesti é também prostituta. Entretanto, como a maioria delas é excluída da possibilidade de viver em sociedade, estudar e trabalhar em outros setores, acabam tendo como única alternativa de sobrevivência econômica a prostituição.

visão orientada pela biomedicina que dava sentido ao discurso heteronormativo. Atualmente, os estudos que abordam a expressão de identidades sexuais e de gênero têm sido intermediados pela compreensão histórica, social e cultural e, para nós geógrafos, também espaciais e/ou territoriais.

Importante contribuição para a desnaturalização da linearidade entre sexo, gênero e desejo é realizada por Butler (2003), que funda seus argumentos na criação cultural de classificação de corpos a partir das características físicas de macho ou fêmea, a partir do processo de performatividade, ou seja, fenômeno relacionado a reiteração de práticas e normas já reguladas na sociedade, que são anteriores ao sujeito, materializados os corpos, marcando o sexo, e exigindo práticas sociais condizentes às normas. Esta discussão, desenvolvida por Butler refere-se ao fato de que este processo não seria uma escolha, mas a uma coibição, mesmo se fazendo sentir como aparentemente natural.

A afirmação de Peres (2005), parte da proposição feita por Louro (1999), a qual argumenta que as práticas sexuais estão relacionadas a um conjunto de convenções culturais e plurais, pois é através da cultura que os corpos ganham sentido socialmente. Quando falamos do ser travesti, não estamos falando de um gênero diferente, mas de um indivíduo que extrapola as classificações binárias, contestando estes indivíduos, de certa forma, a pretensa racionalidade científica moderna bipolar (GOMES, 1996).

Estas modalidades seriam para Catonné (2001) relativas ao tempo. Em sua análise sobre a história da sexualidade, o autor defende a hipótese de que o advento de corpos que escapam da linearidade entre sexo-gênero e desejo tem existência no mundo desde a Babilônia. Dissertando sobre o processo de desenvolvimento da sexualidade no mundo, afirma que o hoje de nossas práticas sexuais é o mesmo do

momento em que se mostra visível um processo de descristianização, e “(...) como fenômeno de massa, este acontecimento nos parece visível na segunda metade do Séc XX” (CATONNÉ, 2001, p. 26).

As modalidades de sexualidade seriam para Catonné construções histórico-culturais. Analisando este fenômeno, o autor demonstra diferentes práticas sexuais ao longo da existência da humanidade, como na Babilônia, na Grécia, em Roma, modelos estes anti-cristãos, e o próprio modelo cristão como elemento fundamental do ocidente. Na Babilônia a prostituição também se relacionava com 'desejos e práticas homossexuais', transpassando perfeitamente de um pólo ao outro. Porém, uma parte destas pessoas desempenhava especificamente um papel passivo na relação, não sendo tais relacionamentos reprovados pela sua cultura.

Na Grécia, o apetite sexual extrapolava esta orientação, realizando-se independente do sexo. A questão que tinha importância era a relação de atividade/passividade, sendo um problema para um cidadão ateniense uma relação passiva. Na sociedade grega, o papel culturalmente atribuído ao homem era o de ativo, sendo vergonhoso este ser encontrado na fase adulta em atos de passividade, reservada apenas ao *efebo*, ou seja, o jovem adolescente a ser introduzido na cultura grega.

O modelo de bissexualidade, constituído pela relação privado-heterossexual e público-homossexual, e o culto a virilidade ativa, se estenderá desde a Grécia até o império Romano, orientando-se para uma heterossexualidade de reprodução, não rompendo com a bissexualidade. Mesmo não existindo a norma heterossexual, o paganismo construiu claramente uma oposição entre passivo e ativo. O cristianismo introduziu a este mundo binário outro par de opostos: uma homossexualidade interdita *versus* uma heterossexualidade única. Indo além, esta concepção

identificou o sexo com o mal, com o demoníaco, relacionando-o ao pecado original, abrindo uma nova página na história da humanidade.

Todavia, como afirma Catonné (2001), hodiernamente o “sexo parece ter feito seu completo strip-tease” (p. 07). Vivemos um período de descristianização, coanudando com uma ruptura de modelos sexuais pré-definidos. O marco deste acontecimento é a segunda metade do séc. XX, quando este passa a ser visto como fenômeno de massa. Louro (2004) demonstrando que os corpos vêm sendo lidos e compreendidos de diversas formas em diferentes culturas aponta para outras orientações em relação a esta apreensão e explicação da relação história-corpo-sexualidade. Para a autora, no período em que a Bíblia era o referencial comportamental, este documento era o local da busca de explicações das relações entre homens e mulheres. Neste momento, o corpo tinha menos importância. Todavia, as características que eram um sinal de distinção transformaram-se em elementos originários da distinção, como o pênis e a vagina. Tendo como limite o início do Séc. XIX, o modelo epistêmico, que agrupava indivíduos, relacionava-se a um único eixo central, onde homens e mulheres diferiam em graus de perfeição, em relação ao centro masculino e perfeito. Este modelo foi em seguida substituído por outro, orientado na constituição de sexos opostos. O sexo torna-se central, ganhando a sexualidade *status* na compreensão da sociedade, orientação esta carregada de cientificidade.

Assim, os corpos culturalmente marcados e seus movimentos são ações de comunicação, onde cada parte do corpo se entende como um símbolo, uma matriz da comunicação entre os indivíduos. Segundo a discussão realizada por Greiner, o local de ocorrência desta comunicação não é passivo, pois “o ambiente no qual toda mensagem é emitida, transmitida (...) nunca é estático, mas uma espécie de

contexto sensível” (GREINER, 2005, p. 129). Ao nosso olhar, o território da prostituição travesti tem como um de seus elementos estruturantes a comunicação, tanto entre as travestis, como entre travestis e clientes, policiais, moradores e demais grupos sociais. Desta forma, existe uma relação estreita entre corpo e espaço. As análises da Geografia brasileira acerca do conceito/fenômeno território têm tratado a comunicação e a relação sexualidade-corpo-espaço como elementos periféricos na constituição dos territórios, demonstrando-se a partir da configuração de outros caminhos teóricos que têm sido tomados.

Na discussão feita por Haersbaert (2004) o território é analisado em suas mais diversas formas. Para o autor, este conceito é polissêmico, apresentando-se em três vertentes principais: o território político – referenciado no poder, um espaço delimitado e controlado, confundindo-se muitas vezes com o Estado-Nação; o território econômico – área como fonte de recurso incorporada à relação capital-trabalho; e o território cultural – como produto de uma apropriação e/ou valorização simbólica.

Outros autores, como Souza (2000) e Silva (2002), afirmam que o território é constituído na delimitação e apropriação do espaço. Esta ação seria possível pela intermediação de relações de poder, configurando-se como um campo de força, uma projeção espacial de relações sociais, que delimitariam ‘os de dentro e os de fora’, instituindo barreiras de restrição e exclusão de objetos, indivíduos e comportamentos. A partir da leitura dos autores, este território demanda constante manutenção, pois além de fruto das relações de poder, é base para elas. Estas demarcações não necessariamente devem ser formais, podendo existir de forma rarefeita e/ou simbólica. Mesmo divergindo em algumas questões, o território é aceito como pressupondo a existência de espaço-fronteira-poder.

Aprofundando a discussão sobre o conceito de território, Silva (2000) demonstra a partir de um diálogo com Holzer, que quando considerado o poder como elemento preponderante do território, são deixadas de lado outras formas de territorialidades, não relacionadas em um primeiro momento à questão das delimitações de áreas pelo poder. Segundo a autora, o território “pode ser visto como um conjunto de lugares, onde se desenvolvem laços afetivos e de identidade cultural de um determinado grupo social” (SILVA, 2000, p. 07), sendo a expressão da constituição do mundo pessoal e subjetivo, envolvendo a instituição do eu em relação ao outro. Esta forma de apreensão da relação entre identidade e espaço também compõe a discussão realizada por Louro (2001). Para a autora, as minorias sexuais teriam como táticas de sobrevivência a ocultação da sexualidade, ou a conversão do segredo e segregação. Em sua afirmação, estes grupos não compõem uma ínfima parcela da sociedade, mas como majorias que são silenciadas, que no caminho de uma politização, “convertem o gueto¹⁴ em território e o estigma em orgulho (...)” (LOURO, 2001, p. 542).

A semelhança das discussões em relação ao território, o estudo do fenômeno da prostituição não é algo novo na ciência, tendo sido objeto de estudo de diversos ramos do conhecimento como a antropologia, psicologia, sociologia e história. Na ciência geográfica, a relação entre prostituição e espaço sem sido tratada com parcimônia, e até certa medida um 'não dito geográfico'. Alguns teóricos, buscando dar visibilidade à relação entre prostituição e espaço, demonstram a disposição de se colocar frente a temáticas consagradas e dignas de discussão acadêmica. Análises geográficas inovadoras, como a discussão feita por Silva (2002) tendo por

¹⁴ Não consideramos o conceito de gueto a melhor ferramenta de explicação do agrupamento espacial de grupos homossexuais, devido ao fato de que, como visto por Wacquant (2004), o conceito de gueto é um instrumento bifacetado de cercamento e controle etno-racial. Desta forma, o conceito é pouco explicativo do fenômeno.

objetivo analisar a aplicabilidade do conceito de território nos estudos da prostituição, Ribeiro (1997) tratando sobre as diversas configurações de conteúdo e significado dos espaços públicos que se colocam como locais de prostituição no bairro de Copacabana – RJ, Mattos e Ribeiro (1996) buscando delimitar e analisar os espaços de atuação da prostituição de prostitutas, michês e travestis, marcados por seus limites e territorialidades, Campos (2000) discutindo a importância das práticas cotidianas como constituidoras de territorialidades, trazendo alguns exemplos das territorialidades do sexo em Recife – PE, Villalobos (1999) analisando a relação entre sexo e território, a partir dos discursos dos viajantes europeus do Séc. XVI, e os territórios do sexo em centros urbanos ou em garimpos, e Oliveira (2002) analisando as mudanças de conteúdos, que ocorrem no território das travestis, durante o dia, na área central da cidade de Nova Iguaçu, no estado do Rio de Janeiro, demonstrando um balé do lugar. Estes trabalhos sinalizam a riqueza e relevância do tema para a ampliação das possibilidades de análise do espaço, enquanto uma das dimensões da atividade da prostituição.

Como tratado pelos autores, estes sujeitos, através de suas práticas, se apropriam de determinados espaços do urbano por um período de tempo. No momento em que impõe a este espaço uma dinâmica própria do grupo, espacializando suas posturas corporais e suas atividades, instituem seus territórios. Estes são vistos como campos de força que delimitam um grupo interno com identidades coesas em relação a grupos externos.

As análises que tem por objeto a relação entre território e prostituição abrem o caminho para a discussão sobre a territorialidade do comércio do sexo intra-urbano, e para a visualização da emergência de novas identidades sexuais e de gênero. Porém, esta é abarcada sob o prisma de sua concretude territorial, orientada pelo

olhar de uma heterossexualidade normatizada. Como aponta Louro (2004), os indivíduos devem ser visualizados atualmente como num processo de 'quem viaja'.

Como visto em seu argumento:

Na pós-modernidade, parece necessário não só pensar em processo mais confusos, difusos e plurais, mas, especialmente, supor que o sujeito que viaja é, ele próprio, dividido, fragmentado e cambiante. É possível pensar que este sujeito também se lança numa viagem, ao longo de sua vida, na qual o que importa é o andar e não o chegar. (LOURO, 2004, p. 13).

Desta forma, em relação às travestis, devemos levar em consideração de que não há um local de chegada *a priori*. O que importa é o processo de movimento e mudança desenvolvido ao longo do caminho. Analisando os filmes *Deus é Brasileiro* e *Bye Bye Brasil*, de Cacá Diegues, Louro (2004), refletindo sobre o processo de desenvolvimento das personagens, afirma que os motivos da 'metáfora da viagem' de um indivíduo podem se alterar ao longo da caminhada, pois quando um objetivo (talvez o da transformação do corpo...) é atingido, este deixa de ser valorado, transformando-se em outro; os sujeitos podem retornar ao ponto de partida, mas, este sujeito, retorna outro, interferência produzida pela viagem. Louro aponta que estes processos, distante de serem lineares e acumulativos, se dão em complexos processos de idas e vindas, resultando em des-arranjos e des-ajustes, demonstrando que só o movimento é capaz de garantir algum equilíbrio ao viajante (LOURO, 2004). Esta viagem metafórica transforma todas as dimensões dos sujeitos, transformações estas que ultrapassam a questão da pele. Como visto "as mudanças na viagem podem afetar corpos e identidades em dimensões aparentemente definidas e decididas desde o nascimento (ou até antes dele)" (LOURO, 2004, p. 15).

Construindo uma argumentação em favor da compreensão dos espaços da prostituição travesti, olhar sendo intermediado por estas afirmações, Marcos

Benedetti (2000) aponta que os locais da prostituição travesti não são legitimados apenas como locais de auferição de renda, mas de sociabilidade e de aprendizado, condição à instituição de uma identidade grupal, auxiliando no processo de 'montagem do corpo', período contido entre a transformação do corpo gay andrógino ao corpo travesti, como já analisado por Larissa Pelúcio (2005). Para a autora, o território seria de fundamental importância na formação deste indivíduo, denotando o fato de que esta pessoa constitui-se referenciada no grupo ao qual pertence territorialmente. Desta forma:

(...) as culturas investem diretamente sobre os corpos, articulando os planos físico, psíquico e social, que assim imbricados, permitem que se considerem os planos simbólicos e o empírico como esferas articuladas, capazes de orientar todo um conjunto de práticas estruturadoras de experiência humana (PELÚCIO, 2005, p. 222).

Estes grupos desenvolvem laços identitários, um conjunto de normas tácitas de conduta para com os territórios. Mayol denomina esta legislação de conveniência: as formas como os corpos devem se portar e qual a recompensa deste comportamento tido 'normal' (MAYOL, 1996). Participar do grupo territorializado significa aderir a um sistema de valores produzidos culturalmente, um conjunto de normas identitárias para cada território, devendo cada jogador realizar seus movimentos respeitando as regras instituídas.

Este conjunto de normas, que são fundadas através da conveniência, tem por suporte os corpos, com suas configurações físico-gestuais: um conjunto de códigos reconhecidos por seus pares de relação. Portanto, os corpos carregariam marcas, pois as posições sócio-espaciais são referidas aos corpos, pois é através destas marcas que os corpos são indiciados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pelas aparências de seus corpos. Portanto, as "características dos corpos significadas como marcas pela cultura distinguem sujeitos e se constituem em

marcas de poder” (LOURO, 2004, p. 76), forjando-se como demarcações de sujeitos. Nestas características físicas e de comportamento, estão presentes padrões de relações de gênero que são compreendidas de forma tácita pelos sujeitos sociais. Segundo Scott (1990) e Silva (2005), gênero é um grupo de idéias que uma cultura específica constrói em relação ao que é ser homem e ao que é ser mulher, ou de certa forma, o que não é ser nem um ou outro. Uma categoria de espera comportamental que é posta sobre um corpo sexuado, este último também não anterior a cultura.

Desta forma, essa relação expulsa para longe a percepção da base social de determinações, pois “(...) a divisão entre os sexos parece estar 'na ordem das coisas', como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável. (BOURDIEU, 1999, p. 17). Portanto, a ordem que rege o funcionamento do mundo, é como nas palavras de Bourdieu, uma imensa máquina simbólica, propiciando a reprodução da dominação masculina, contendo a divisão social do trabalho com suas relações espaço-temporais e a própria estruturação do espaço, uma divisão entre público/masculino e privado/feminino. Como afirmado pelo autor:

O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexuanes. (...) Este sistema aplica-se a todas as coisas no mundo e, antes de tudo, ao próprio corpo (...). Desta forma a diferença biológica entre os sexos é a justificativa natural da diferença entre os gêneros (...) (BOURDIEU, 1999, p. 18).

O mundo e os esquemas de percepção seriam estruturados, em conformidade com os esquemas de dominação masculina, um *habitus*, um princípio tomado para todas as coisas, onde homem e mulher são vistos como variantes da mesma fisiologia, porém ao primeiro atribuído a posição superior, e a segunda, a posição inferior.

A apreciação de Bourdieu se coloca na representação das partes do corpo

em relação ao *habitus dominandi*. Em sua fala “(...) o corpo tem sua frente, lugar da diferença sexual, e suas costas, sexualmente indiferenciadas e potencialmente femininas, ou seja, algo passivo, submisso (...)” (BOURDIEU, 1999, p. 26), pois a própria oposição entre os sexos se inscreve na série de oposições mítico-rituais: “alto/baixo, em cima/embaixo, seco/úmido, quente/frio, ativo/passivo, móvel/imóvel” (*Op.cit*, p. 27).

O *habitus* sexuado seria a própria história das estruturas objetivas e subjetivas de dominação masculina. Uma estrutura que se realiza permanentemente na aparente diferenciação masculino/feminino, reproduzindo a ordem masculina continuamente. Todavia, da mesma forma que a Igreja, o Estado, a Escola e a Família seriam as instituições que garantiriam a permanência do *habitus* sexuado, as próprias transformações ocorridas nestas seriam o indicativo de que as peças do jogo estariam mudando de posição, pois segundo ações orquestradas, conseguiram agir em estruturas inconscientes.

Mesmo surgindo novas formas de existência e de prática sexual no mundo, estas estariam, segundo a proposição de Bourdieu, localizados em algum dos pólos nos pares de opostos. Os dualismos estão enraizados nas coisas (estruturas) e nos corpos, não sendo produtos de simples atos de nomeação, e mais, não podendo ser abolidos com ações performáticas. De certa forma seu texto é uma crítica contundente a própria teoria *queer*. Para ele, os gêneros, ou o *habitus* sexuado, não são apenas papéis, representações em um jogo de representar, mas “inscritos nos corpos e em todo o universo do qual extraem sua força (...) é a ordem dos gêneros que fundamenta a eficácia performática das palavras (...) e é também ela que resiste às definições falsamente revolucionárias do voluntarismo subversivo” (BOURDIEU, 1999, p. 122), discursos reguladores que se materializam nos corpos.

Em posicionamento contrário ao de Bourdieu, Setton (2002) afirma que seria incorreto conceber o *habitus* como inclinado a reproduzir as estruturas de que é produto. O raciocínio de reprodução das estruturas seria cabível, porém, na medida de sua coerência entre si e os princípios gerais de socialização, realidade esta específica em sociedades tradicionais, e muito distante de ser encontrada hodiernamente. Portanto, Setton considera que a formulação do *habitus* que se faz hoje, a partir de uma multiplicidade de referências, não têm a necessidade de ser coerente. Um comportamento forjado a partir de uma pluri-localização identitária, não propiciando a conformidade de formas de agir fechadas. O indivíduo seria hoje constituído de um *habitus* híbrido, demonstrando-se não como a resposta prática e automática ao sentido incorporado do mundo, mas como analisado pela autora, como uma memória em ação e construção constante, uma matriz de esquemas que seriam acionadas conforme as situações espaciais. Como hoje não existe um único referencial de conduta, o indivíduo se vê 'obrigado' a construir suas próprias diretrizes comportamentais, de forma consciente e reflexiva, forjando sua própria 'conveniência' (MAYOL, 1996).

As normas de gênero são os papéis construídos nas relações produzidas através dos encontros, pré-definidos socialmente para os sujeitos diferenciados espacialmente e temporalmente, ditando normas de comportamento e de consumo sexual do corpo feminino e masculino. Esta construção cultural dos papéis de gênero é constantemente tensionada, pois são através das ações que tais papéis são re-significados cotidianamente, estruturados em relações de antagonismos e complementaridades. Quando cada indivíduo, pertencente a um grupo social, espacializa sua sexualidade, cria uma auto-imagem corpórea (YOUNG, 2003), estando relacionada ao grupo de pertencimento e de identificação entre seus pares,

se fazendo legível por outras pessoas e grupos sociais. O território da prostituição travesti pode ser visto assim, como constituído por repertórios corporais discursivos (emissores) e interpretativos (receptores) (SPINK & MEDRADO, 1999). São locais fundamentais no processo de construção do ser travesti. Esta performatividade não se estrutura apenas na reprodução e consolidação de papéis sociais e sexuais pré-definidos, mas como na situação das travestis, na re-significação e construção de novas formas de comportamento e de novas identidades sexuais e de gênero.

Santos (1997) investigando os primeiros registros de travestismo¹⁵ no Brasil, ou seja, homens que em determinados espaços e momentos se travestiam de mulher, discute as transformações das práticas sexuais relacionadas à indumentária e ao travestismo na Bahia do século XIX, concretizando-se como um fenômeno social em fins deste século. Mesmo sendo generalizante, esta análise relaciona-se a recortes específicos, referenciados a distintos modelos teóricos, demonstrando que os nossos comportamentos sexuais, e a sua forma de apreensão, não ocorrem dentro de vazios teóricos, sociais e espaciais.

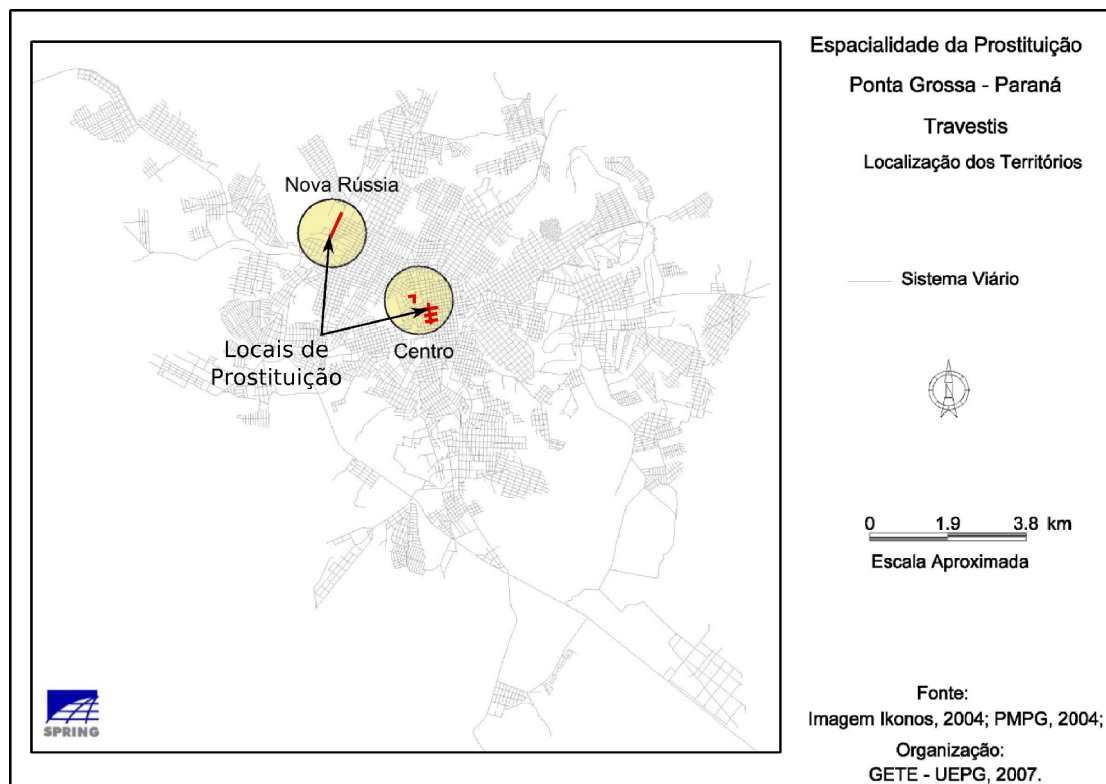
Especificamente na cidade de Ponta Grossa¹⁶, as falas dos/as sujeitos/as pesquisados/as, travestis e outras pessoas que estiveram envolvidas com a atividade da prostituição, apontam que as práticas de comércio do sexo travesti se iniciaram a partir da década de 1970. A implantação de casas de prostituição de mulheres profissionais do sexo foi bem anterior, tendo indicativos que esta atividade remonta a primeira metade do séc. XX. Convém salientar que estas duas formas de

¹⁵ Usamos o termo travestismo fazendo referência ao pensamento do autor.

¹⁶ Assumimos neste trabalho as falas das travestis que colaboraram com a compreensão das dinâmicas do território da prostituição travesti em Ponta Grossa como discursos que descrevem a presente realidade. Tal opção respalda-se no fato da não existência de tais fontes de informação em arquivos 'tradicionais e oficiais'. Caso esta opção não fosse tomada, esta pesquisa se tornaria inviável, pois estas atividades nunca fizeram parte do registro oficial de Ponta Grossa - PR. E mesmo não sendo homogêneos, buscamos alinhar seus registros e fragmentos de memória. Estes indivíduos, assim como diversos outros grupos, sempre foram invisíveis, tanto para os marcos oficiais, como para a ciência. A partir destas orientações, esta dissertação busca registrar a história destes indivíduos que não constam nos autos oficiais. Quando se busca contar a história dos 'vencidos', não podemos nos ater a fontes documentais, pelo simples fato de não existirem.

prostituição convivem até hoje, tomadas as suas especificidades. Além do primeiro território acessado pelas travestis denominado de Nova Rússia, a área central da cidade, que entendemos como território de batalha¹⁷, foi sendo acessado a partir da década de 1980 (ver cartograma 2).

Segundo as travestis entrevistadas, quando do surgimento deste grupo na cidade, havia aproximadamente de setenta a oitenta travestis trabalhando em um local denominado Posto Presidente (Nova Rússia). Ponta Grossa não era um local que proporcionava fixidez, assim como diversos locais constituídos pela concentração desta atividade, propiciando o movimento às travestis. Em relação às dinâmicas da prostituição travesti pontagrossense, houve um movimento em direção ao centro do espaço urbano (ver cartograma 01 – 02).

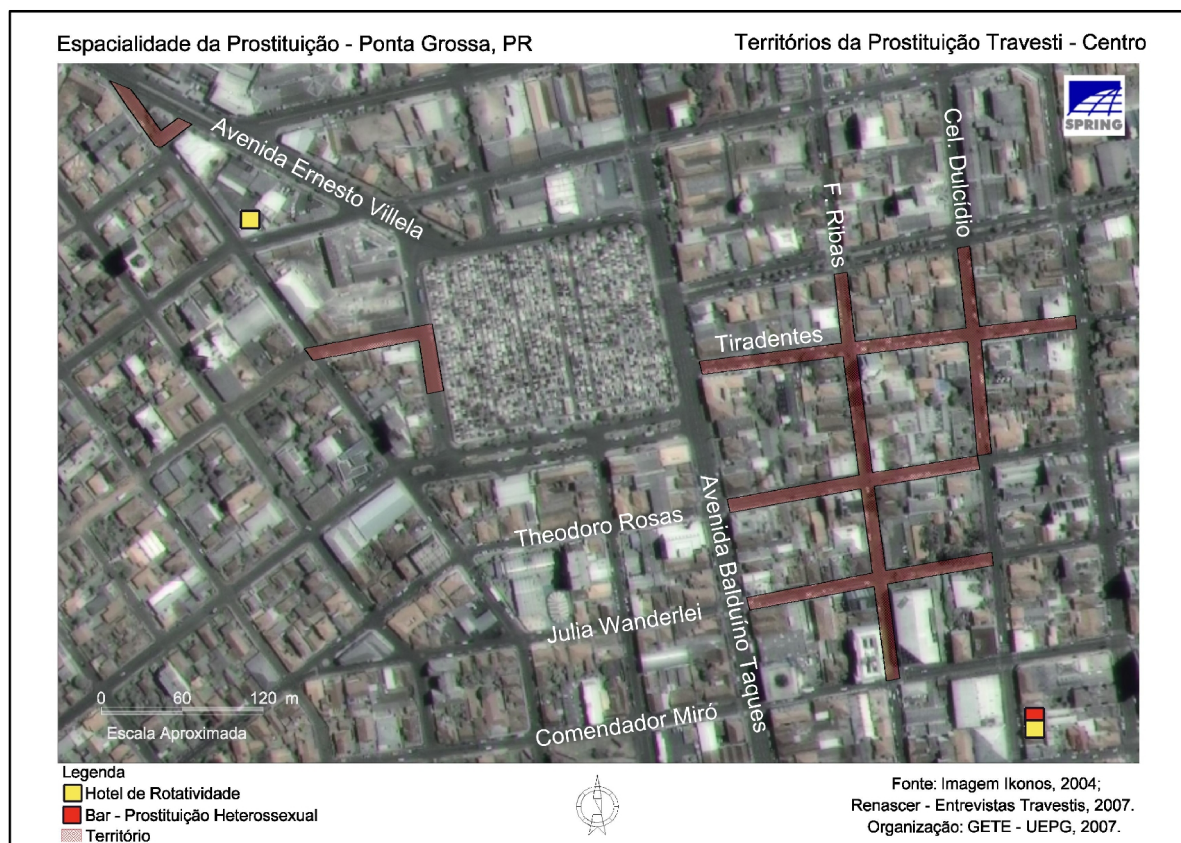


Cartograma 01

O cartograma 02 demonstra o território da prostituição travesti centro, nosso

¹⁷ Termo utilizado pelas travestis que se prostituem.

referencial empírico.



Cartograma 02

Ao mesmo tempo em que a área central era acessada, novas travestis surgiam, trazendo consigo suas experiências de vida e complexificando as relações estabelecidas no grupo. Com o passar do tempo o grupo se desfez, devido a motivos de falecimento por infecção de DSTs – Aids, assassinatos ou ainda por migração e fixação em outros locais. Do grupo inicial, apenas duas travestis são da época em que a atividade se estabeleceu em Ponta Grossa. As demais que hoje batalham surgiram em outros momentos do processo constante de instituição dos territórios da prostituição travesti central.

O local que hoje é o território travesti foi escolhido devido as suas

características peculiares: pouca circulação de carros familiares nos horários em que as travestis estão batalhando, vias com acentuada passagem de pessoas que cruzam a cidade, ou pela cidade, e área em sua maioria comercial. O grupo totaliza, em dias de bom movimento, quinze travestis. Mesmo se constituindo como um pequeno grupo, as travestis alcançam uma média de aproximadamente 1.500¹⁸ programas/mês/grupo, demonstrando o quanto é efervescente a atividade em Ponta Grossa – PR.

A vida cotidiana das travestis é marcada pela exclusão e é através das pequenas brechas que elas podem desenvolver suas táticas de sobrevivência. A existência das travestis é marcada por uma diversidade de ameaças, desde assaltos, brigas, rivalidades, violência, drogas e discriminação. Tais ações são resultado da consideração de que estes indivíduos são pessoas anormais, não pertencentes a uma sociedade que é tolerante com prostitutas/os, mas invariante com travestis.

Esta diferenciação entre a prostituição heterossexual – homossexual é como apontado por Welzer-Lang (2001), ancorada em uma visão heterossexista do mundo, onde a sexualidade tida como normal é a estruturada entre homens e mulheres. Outras formas de corporalidades, homossexualidades, bissexualidades, sexualidades transexuais, transgêneras ou travestis, tidas no limite como diferentes, são calcadas num modelo que tem por objetivo normatizar padrões sexuais ditos normais. Como salientado pelo autor, isto condiz com uma prática heterossexista, onde instituições (família, igrejas, escolas,...) e grupos sociais salientam uma pseudo-superioridade da heterossexualidade frente à homossexualidade, sendo direcionada como preconceito aos homossexuais.

¹⁸ Acompanhamento realizado junto as travestis buscando qualificar as características gerais dos programas realizados, período este contido entre 14/11/06 a 20/12/06.

A matriz heterossexual que organiza o esquema binário passivo/ativo constitui posições estruturais, podendo ser ocupada por homens ou mulheres. Nossa sociedade patriarcal valoriza os que ocupam estas posições, hierarquizando homens e mulheres em relação a estas performances de atividade e passividade, onde a própria categoria de gênero é que separa o mundo em duas metades: homens e mulheres, como separação universal, onde é dada a cultura o papel de operar as construções materiais e simbólicas, uma versão de sociedade estrutural.

O esquema binário é anterior à própria categorização de gênero, como nas orientações metafísicas de céu e inferno, bem e o mal, em cima e embaixo, superior e inferior, ativo e passivo, penetrante e penetrado etc. Um grande desafio para a Geografia, além de assumir uma pauta de gênero, é a de se reconhecer a pluralidade dessas posições, pois como afirma a teórica *queer*¹⁹ Louro:

(...) é impossível lidar com elas apoiadas em esquemas binários; mas também admitir que as fronteiras (de gênero) vêm sendo constantemente atravessadas e - o que é ainda mais complicado - que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira." (LOURO 2001. p. 542)

A organização binária estava também presente no posicionamento científico adotado até então na compreensão do fenômeno da prostituição travesti em Ponta Grossa - PR, já que o território estava sendo ainda concebido como um espaço apropriado por um grupo social e delimitado por uma fronteira que estabelecia e reforçava a posição de *insider* / *outsider*. Assim, a partir do questionamento da ordem dual e bi-polar que foram redefinidas as concepções teóricas que embasam esta pesquisa.

¹⁹ Os *Teóricos Queer* constituem um grupo de diversos pesquisadores que compartilham algumas idéias, particularmente apoiando-se na teoria pós-estruturalista francesa, como forma de escape de um mundo constituído de forma binária, contestando os conhecimentos e as hierarquias sociais dominantes.

2. A Reconstrução do Conceito de Território na Tensão com o Campo de Pesquisa: do 'território instituído' ao 'território instituinte' do sujeito travesti

Toda teoria é apenas uma aproximação da realidade; não é sua imagem refletida, mas resultado da (através) caminhada. A ciência geográfica esteve pautada, durante muitos anos, pelos métodos de investigação em que o pesquisador era um mero observador que revelava a 'verdade' contida na realidade, mantendo dessa forma a tão decantada neutralidade científica. Diferente desta concepção, acreditamos no fato de que o sujeito pesquisado interfere no sujeito pesquisador, ao passo que este lhe permite a reflexão, elaboração e re-orientação. Portanto, o conhecimento não está em nenhum dos lados da relação, mas no processo (SUERTEGARAY, 1996).

Toda a trajetória realizada, tanto empírica quanto teórica, demonstra a situação de posicionalidade do pesquisador em relação ao sujeito investigado e suas experiências espaciais, propiciando o re-arranjo do conceito de território na exploração do grupo das travestis. Para que atingíssemos uma compreensão adequada deste fenômeno, buscamos cercá-lo a partir de uma triangulação propiciada pela vivência de mais de um ano com as travestis que retiram seu sustento da atividade da prostituição, através de uma parceria realizada com a Ong Renascer²⁰. Um dos campos esteve orientado à construção da dissertação, enquanto outro relacionado ao Protocolo de Pesquisa *“Ausências e silêncios do discurso geográfico: a produção do espaço interdito”*, tendo como pesquisadora responsável a Dr^a. Joseli Maria Silva. A orientação central deste trabalho era compreender como o espaço constitui-se em elemento de tensionamento da

²⁰ A ONG é uma instituição que atua na luta pelos direitos humanos e realiza ações para combater e prevenir doenças sexualmente transmissíveis junto às profissionais do sexo, gays, lésbicas, travestis, bissexuais e transexuais em Ponta Grossa – Paraná.

reprodução da matriz normativa de gênero em Ponta Grossa - PR. Desta forma, enquanto uma das pesquisas evidenciava os espaços interditos aos sujeitos travestis e, portanto, sua invisibilidade, relacionada ao protocolo de pesquisa, a outra enfocava a única possibilidade socialmente permitida de sobrevivência dessas pessoas, ou seja, os espaços de prostituição.

A triangulação das informações foi fundamental na constatação de que a mesma sociedade heteronormativa que exclui as travestis dos espaços de convivência social e promoção da cidadania durante o dia, possibilita a criação dos territórios da comercialização de práticas sexuais durante a noite. O poder normativo, tal qual proposto por Foucault (1998) não produz a simples contraposição entre dominados e dominantes, mas complexidades existenciais e, portanto, espaciais.

Tal quais os geógrafos Jon Binnie e Gill Valentine (1999), compreendemos que o ser travesti se constitui no estar no mundo, e isso é essencialmente espacial, pois viver implica ações, práticas, relações que se realizam numa dimensão concreta. Contudo, o estar no mundo significa relacionar-se com outros modos existenciais, fundamentalmente diferentes do ser travesti e, nesse sentido, o poder coloca-se como ponto essencial. Desse ponto de vista, o caminho conceitual seguro para compreender a vivência do grupo de travestis que investigávamos nos levou a adotar o território como ferramenta conceitual.

2.1 - A visibilidade da “cidade texto travesti” e o “espaço paradoxal”

As colocações realizadas por James Duncan (1990) em sua obra “The city as

text” constituem-se como fonte de inspiração para o prosseguimento das proposições teóricas e metodológicas. A análise do espaço de Duncan (1990) vai além de suas apresentações materiais, considerando-o como um sistema de significados, assim como uma linguagem expressada em um texto, sendo depositária e transmitindo informações. Para o autor a “paisagem/texto” é um discurso, uma organização social que se faz compreensível. É por este meio que as práticas sociais são comunicadas, negociadas e desafiadas. Esta ação permite um conjunto de recursos e limites, dentro de certas orientações de discurso e prática, que são vistas como aparentemente naturais. Esta naturalidade e a dimensão espacial da sociedade é para James Duncan o resultado de um conjunto de embates e lutas entre os grupos sociais.

As interpretações das informações, que são disseminadas através da paisagem/texto, dependem dos sujeitos que atuam no processo de recepção e interiorização da informação que, por sua vez, é determinado e determinante dos valores culturais. O autor nos proporciona a compreensão de uma trama de relações em vários sentidos na análise espacial, privilegiando o ato criativo dos sujeitos sociais através de sua leitura e interpretação, evidenciando tanto as interações entre diversos grupos, quanto à grande dificuldade de interação interpretativa do espaço, entre grupos que não participavam dos mesmos códigos culturais. Esse autor cria uma abordagem política do espaço, afirmando que este embate deve constituir parte da análise de como a vida social é organizada, e de como as relações de força que a compõem são constituídas, reproduzidas e contestadas. Importante, a nosso ver, é o conceito de 'intertextualidade' que se refere as inter-relações de textos que se entrecruzam, instituintes e instituídos da “cidade texto”.

Assim, a cidade texto do geógrafo James Duncan define-se numa dinâmica

relacional e processual entre sistema de significados e práticas que se transformam mutuamente ao longo do tempo. Os seres humanos são agentes de mudança social e, portanto, espacial. Ao considerar o aspecto da intertextualidade, o autor incorpora a construção de diferentes significados de um mesmo objeto, assim como apresenta seus contrastes e assimilações e, além disso, admite que haja uma conjugação de forças que agem sobre a produção simbólica do espaço, considerada enquanto forma de conhecimento que orienta as ações cotidianas. Esta proposta geográfica é aberta aos paradoxos, à pluralidade e, até certo ponto, provoca a 'desordem' do discurso geográfico calcado na objetividade material do espaço e nas interpretações hegemônicas. É uma fonte importante de reflexão, pois a partir da apreensão da cidade enquanto um texto, que é produzido por 'intertextualidades', abre-se a possibilidade de tornar visível outros textos não hegemônicos, e sua dimensão espacial, propiciando através do trabalho científico a visibilidade de grupos tradicionalmente inexpressivos na geografia, como o grupo das travestis que retiram seu sustento da atividade da prostituição. Assim, tal qual James Duncan, a pesquisa concebe o espaço da prostituição travesti como mais um texto urbano que é lido e interpretado por sujeitos que tem seus próprios textos. Os múltiplos textos coexistem, interceptam, conectam, sobrepõem ou justapõem uns aos outros, construindo tramas de múltiplas dimensões e escalas.

Ao adotar a postura de construir a visibilidade do texto urbano produzido pelas travestis, sua existência é possível nesta mesma relação com profissionais do sexo, é importante lembrar que este é um texto à margem do poder hegemônico, mas, paradoxalmente em relação àqueles que mantêm a hegemonia. Emerge desta posição o argumento de que o território da prostituição travesti é instituído pelo grupo, mas, simultaneamente, o território é instituidor dos sujeitos que exercem suas

performances identitárias através desta territorialidade específica.

O sentido atribuído ao território, simultaneamente instituído pelos sujeitos e instituinte dos sujeitos, é paradoxal e não reprodutivista. Há uma invenção constante do território e do sujeito no desempenho das performances travestis que recriam e subvertem os ideais de gênero. Isso porque, embora as travestis visivelmente afrontem a linearidade entre sexo, gênero e desejo, elas também são fruto e constroem a mesma sociedade heteronormativa que as refuta.

Os ideais de gênero são aqui compreendidos como uma criação da sociedade, tal qual Butler (2003), que considera as normas de gênero como critérios capazes de classificar corpos e comportamentos e lhes conferir legitimidade social. Mesmo assim, o sistema de normas dicotômicas que organiza a sociedade entre o feminino e o masculino não é totalmente perfeito e das fissuras emergem novas performances impossíveis de caber nos modelos binários reificados do masculino/feminino, ativo / passivo, heterossexual / homossexual.

Da mesma forma, é impossível conceber uma identidade única para as travestis. Como visto na discussão realizada por Pelúcio e Miskolci (2006), os autores corroboram a idéia apresentada por Don Kulick (1998) de que a travesti constituiria uma identidade brasileira, defendendo os autores o argumento de que as travestis em geral seriam indivíduos pertencentes as nossas classes populares, comungando os mesmos valores éticos, morais e estéticos sobre gênero e sexualidade. Todavia, somos contrários a estas colocações, pois seria equivocado atribuir às travestis uma única identidade. As travestis são múltiplas, congregando elementos diferentes sobre gênero e sexualidade, devido à imbricação entre identidade e espaço. Para Cucho (1999), a crescente moda da utilização do conceito de identidade se deve ao fato, de um lado, da exaltação da sociedade multicultural,

e por outro, da busca do individualismo protegendo a identidade. Como visto nas palavras do autor

Não se pode pura e simplesmente confundir as noções de cultura e de identidade cultural ainda que as duas tenham uma grande ligação. Em última instância, a cultura pode existir sem consciência de identidade, ao passo que as estratégias de identidade podem manipular e até mesmo modificar uma cultura que não terá então quase nada em comum com o que ela era anteriormente. A cultura depende em grande parte de processos inconscientes. A identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas. (...) A questão da identidade cultural remete, em um primeiro momento, a questão mais abrangente da identidade social, da qual ela é um dos componentes. (...) é um instrumento que permite pensar a articulação do psicológico e do social em um indivíduo. Ela exprime a resultante das diversas interações entre seu (espaço)²¹. (CUCHE, 1999, p.176)

Portanto, a questão da cultura remete inicialmente ao fato de identidade social, um de seus elementos, pois para Cucho (1999) a identidade é uma ferramenta que possibilita a reflexão da articulação entre psicológico e social no indivíduo, exprimindo a resultante das diversas interações que tem ocorrência espacial: identidade compõe espaço assim como espaço compõe identidade. Segundo o autor, a identidade caracteriza a idéia de que um indivíduo se relaciona a um conjunto de vinculações sociais, permitindo se localizar e se localizando. Todavia, este processo não se relaciona apenas ao indivíduo, mas a todo grupo social, num processo de identificação e de distinção entre 'nós e eles', por base em diferenças culturais. A noção de identidade empregada neste estudo remete à idéia de mutação constante. Ela se constitui num instrumento que permite articular indivíduo e espaço, possibilitando que o indivíduo (ou grupo) localize-se num sistema social e também seja localizado socialmente. Nesse sentido, a identidade requer vínculos baseados em oposições simbólicas.

Somente a compreensão da identidade em seu contexto relacional pode

²¹ Grifo Nosso.

explicar como ela pode ser reprimida ou afirmada, dependendo de cada momento. Para Cuche (1999), a identidade é construída com função de opor um grupo a outro, oposição com os grupos com os quais se está em contato. Assim, mais importante que distinguir os traços específicos de cada grupo cultural, fundamental para o autor é localizar os traços culturais sendo utilizados na afirmação grupal, instituindo distinções culturais, construindo-se e reconstruindo-se a partir de trocas sociais. Assim, não existe identidade em si, mas em relação a outras identidades, pois “a identidade é sempre a resultante de uma situação relacional, na medida em que ela também é relativa, pois pode ser múltipla e evoluir se a situação relacional mudar” (CUCHE, 1999, p.182)

A caracterização de indivíduos múltiplos é a principal apreensão para compreendermos o grupo das travestis que retiram seu sustento da atividade da prostituição em Ponta Grossa – PR. Esta identidade, ou melhor, identidades, configuram-se como múltiplas e plurais e espacialmente pluri-localizadas, pois mesmo que existam elementos comuns que unam as travestis, elas são sujeitos que possuem múltiplas identidades, assim como acontece com as mulheres e com o movimento feminista em relação ao proposto por Butler (2003), pois o “nós feminista é sempre e somente uma construção fantasística, que tem seus propósitos, mas que nega a complexidade e a indeterminação interna dos termos” (p. 205), pois:

Compreender a identidade como uma prática, e uma prática significativa, é compreender sujeitos culturalmente inteligíveis como efeitos resultantes de um discurso amarrado por regras, e que se insere nos atos disseminados e corriqueiros da vida lingüística (e cotidiana) ²² (BUTLER, 2003, p. 205).

Judith Butler (2003) considera que as normas construídas pelos grupos sociais regulam e materializam o sexo nos corpos dos indivíduos. Para que esta

²² Grifo Nosso.

ação se cristalice faz-se necessário a repetição e a reiteração das normas de regulação, a performatividade. Porém Louro (2001) aponta que em Butler estes corpos nunca se conformariam integralmente à imposição das normas para uma linearidade entre corpo biológico, expressão de gênero e prática sexual. Devido a este fato, estas normas, para poder ter efeito, deveriam ser constantemente citadas e reconhecidas . Como reconhecido pela autora

Judith Butler toma emprestada da lingüística o conceito de performatividade, para afirmar que a linguagem que se refere aos corpos ou ao sexo não faz apenas uma constatação ou uma descrição desses corpos, mas, no instante mesmo da nomeação, constrói, 'faz' aquilo que nomeia, isto é, produz os corpos e os sujeitos. Esse é um processo constringido e limitado desde seu início, pois o sujeito não decide sobre o sexo que irá ou não assumir; na verdade, as normas regulatórias de uma sociedade abrem possibilidades que ele assume, apropria e materializa. Ainda que essas normas reiterem sempre, de forma compulsória, a heterossexualidade, (espaço -) paradoxalmente, elas também dão (margem) para a produção dos corpos que a elas não se ajustam. Esses serão constituídos como sujeitos "abjetos²³" – aqueles que escapam da norma. Mas, precisamente por isso, esses sujeitos são socialmente indispensáveis, já que fornecem o limite e a fronteira, isto é, fornecem 'o exterior' para os corpos que 'materializam a norma', os corpos que efetivamente 'importam'. (LOURO, 2001, p. 548).

Os corpos abjetos que se refere a autora, não importam para a sociedade a não ser como algo a ser evitado ou como exemplos de deformações ou disparates. As instituições sociais não lhes conferem o direito de existir na cidade como todos os outros que se encaixam nas normas. Mesmo em detrimento de todas as sanções, os corpos transgressores das travestis inscrevem seus textos na cidade que lhes nega a existência cidadã. Seu texto se conecta ao texto da heteronormatividade, permitindo-as viver do exercício da prostituição, o qual, paradoxalmente, garante a

²³ Como questionado por Prins e Meijer (2002), poderíamos contar como abjetos os corpos de prostitutas, travestis e dementes? Corpos andrajosos, mutilados e velados? Como visto pelas autoras, Butler reluta em dar exemplos. Contudo aponta que a abjeção de certos corpos e sua inaceitabilidade manifesta em política e na política. Como visto nas palavras de Butler: "o abjeto para mim não se restringe de modo algum a sexo e heteronormatividade. Relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas vidas e cuja materialidade é entendida como não importante". Continuando: "não é o impensável, que aquilo que não pode ser vivido ou compreendido (que) não tenha uma vida discursiva: ela certamente a tem. Mas ele vive dentro de um discurso como a figura absolutamente não questionada, a figura indistinta e sem conteúdo de algo que ainda não se tornou real". (PRINS & MEIJER, 2002, p. 162).

vivência dos desejos não permitidos pela norma compulsória considerada 'normal'.

Os caminhos adotados para sustentar o argumento proposto estão apoiados na geógrafa Gillian Rose (1993) em sua teoria do espaço paradoxal. Para esta geógrafa o 'espaço paradoxal' constitui-se de múltiplas teias de sociabilidade, cada uma com suas próprias espacialidades e o território pode ser uma delas. As teias podem se interceptar, serem autônomas ou complementares, ou mesmo contraditórias. Todavia, estão em constante movimento.

Silva (2007) ao abordar os estudos realizados por geógrafas/os feministas chama a atenção para a vertente *queer* que tem revigorado a capacidade reflexiva da geografia e a introdução de novos questionamentos. Para a reflexão da autora, as principais influências estariam localizadas na obra de Michel Foucault, nas propostas realizadas por Teresa de Lauretis, Judith Butler e Dona Haraway. Os principais reflexos destas produções seriam visíveis nas obras de Clare Lewis, David Bell, Gill Valentine, Gillian Rose, Jon Binnie, Linda McDowell, Nigel Thift e Steve Pile.

Abordando o trabalho de Gillian Rose (1993), Silva (2005) argumenta que o conceito de espaço paradoxal permite a construção da visibilidade de grupos sociais não hegemônicos. Os grupos periféricos só alcançam visibilidade se observados segundo seus espaços de luta e resistência, e em relação a nossa questão, através do território da prostituição travesti, na contradição ao discurso hegemônico – normativo. Valorizando o espaço, Rose visualiza o urbano como formando e sendo formada por teias multidimensionais de sociabilidades, cada uma com suas próprias espacialidades. A principal cena desta construção seria a multiplicidade de relação entre estas teias: teias que se interceptam, que se complementa que se contrapõe, ou autônomas. Essa característica atribui a cada teia um constante movimento de

transformação espaço-tempo. O espaço desta forma é desconstruído e construído cotidianamente na ideologia dominante e 'potencialmente' subvertido pela possibilidade do novo criativo. Silva (2005) aponta que o conceito de gênero de Rose (1993) é aberto ao movimento e a transformação, construindo a possibilidade de compreensão da produção que cada grupo social faz da diferença dos corpos. Como apontado por Silva, “a cultura é construída permanentemente e há uma co-determinação entre indivíduo e sociedade, tornando difícil o olhar sobre as relações de poder que determinam suas características, pois as práticas são encravadas nos gestos mais automáticos ou aparentemente mais insignificantes do corpo” (SILVA,2005, s/p).

Mesmo este conjunto de práticas sendo encravado nos gestos mais automáticos dos corpos, comportamento óbvio, o *habitus* sexuado, este não tende a reproduzir-se sem transformar-se, pois o gênero é considerado, tanto para McDowell (1999), como por Rose (1993), como uma construção social permanentemente destruída pelos atos cotidianos. Ou seja, assim como no *habitus*, existe uma representação em relação ao que é ser homem ou mulher, sedimentando-se em atos repetitivos. Mas o que o grupo social espera do comportamento masculino ou feminino não corresponde a vivência do sujeito, construindo-se sua identidade na relação entre a expectativa de comportamento e a ação concreta, nascendo o novo nas próprias ações aparentes de repetição. Desta forma, o *espaço paradoxal* de Rose (1993) abre-se como uma possibilidade de transformação do *habitus* sexuado de Bourdieu ao *habitus* híbrido de Setton. Para Silva

O espaço paradoxal é complexo, envolve variadas articulações e dimensões (...). Qualquer mulher (ou homem, gay, lésbica, travesti, transexual...) ²⁴ não pode ser vista constituindo apenas um gênero, mas também, a sexualidade, a raça, a religião e a classe social (...) (sendo) experienciados

²⁴ Nossa inclusão.

simultaneamente, podendo, portanto, subverter a ordem de forças entre “nós” e os “outros” devido sua pluri-localidade (...). É importante conceber que há pluralidade de masculinidades tanto quanto de feminilidades e que eles não são blocos homogêneos, pelo contrário, segundo Rose (1993) são construídos por significações repetidas na ação e, toda ação, é passível de variação. As características de multidimensionalidade (...) pode provocar uma desestabilização da configuração estabelecida e gerar uma nova posição entre nós (centro) e os outros (margem), entretanto, sempre compreendidos como simultaneamente separados/conectados. (SILVA, 2005, s/p).

Devido ao fato de cada indivíduo estar inserido em múltiplas teias socioespaciais, as relações de poder entre centro e margem de cada rede é permanentemente tensionado. Um mesmo indivíduo pode ocupar uma posição periférica em uma das teias da rede e obter uma posição central em alguma outra teia de relações de forças.

As configurações podem ser inúmeras porque os sujeitos se constituem na relação com os outros sujeitos e em situações socioespaciais que podem trazer vantagens e desvantagens, dependendo das características das forças colocadas em tensão. Foucault (1988, p. 104) adverte sobre a mobilidade das relações, pois “o poder não é algo que se adquira, arrebate ou compartilhe algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis”.

A concepção foucaultiana de poder é a base do pensamento da vertente dos/as geógrafos/as feministas que entendem o poder como práticas discursivas impregnadas de espaço, não existindo em algum lugar ou em alguma coisa, mas produzido por relações sociais, pois

O poder não existe. (...) a idéia de que existe, em um determinado lugar, ou emanando de um determinado ponto, algo que é um poder, me parece baseada em uma análise enganosa, e que em todo caso, não dá conta de um número considerável de fenômenos. Na verdade o poder é um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado. (FOUCAULT, 1998, p. 248).

Se o poder é um feixe de relações, ele existe na experiência cotidiana dos sujeitos vivos e estes, vivem concretamente através das suas espacialidades. Este argumento é um dos pilares da proposta de Gillian Rose já que ela, tal qual Foucault, compreende “que lá onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder” (FOUCAULT, 1998, p. 105). Esta noção de resistências plurais a que se refere Foucault está na idéia de resistência sustentada pela geógrafa Gillian Rose quando ela atrela a possibilidade de mudanças às plurilocalizações dos sujeitos, às multidimensões das relações e à falsa idéia de que existe uma passividade frente ao poder hegemônico da heteronormetividade. Assim, há brechas e fissuras a serem rompidas e, portanto, revelações dos paradoxos do poder estabelecido. É nesse sentido que invocamos o espaço paradoxal já que acreditamos que o texto urbano construído pelas travestis é uma complexa vivência entre interdições espaciais e resistências que se transformam em territórios. De uma situação de indivíduos de restritas espacialidades é que elas criam forças potenciais de des-estabilização das normas heterossexuais, a partir de performances territoriais.

2.2 - Da interdição ao duplo vínculo entre território da prostituição e sujeito travesti

A experiência espacial das travestis desenvolve-se marcada por interdições e práticas de apropriação de determinados espaços do urbano por um período de tempo. É nesses espaços apropriados que elas conseguem impor condutas consensuadas no grupo e desta forma, instituem os territórios da prostituição

travesti. É apenas na prática da prostituição que elas conseguem um tipo de organização grupal capaz de ser reconhecida e identificada socialmente. Embora haja organizações não governamentais em que a participação das travestis ocorre, a visibilidade do grupo é constituída pelos espaços apropriados pela atividade da prostituição.

Na exploração do campo de pesquisa do Grupo de Estudos Territoriais (GETE) a pesquisa direcionada à interdição dos espaços obtinha quase por unanimidade a frase *as travestis não têm espaço para viver na cidade*. A outra pesquisa sobre o território da prostituição nos levava a crer que havia sim um espaço das travestis que lhes é significativo, capaz de dar sentido à sua existência, já que a frase *se aprende a ser travesti na rua* tornou-se paradigmática. Do confronto entre as duas pesquisas do grupo pudemos evidenciar este paradoxo: é da interdição à existência das travestis na sociedade heteronormativa que elas resistem na atividade da prostituição provocando desejos, fantasias sexuais proibidas pela moral cristã ocidental, mas, mesmo assim, reais e concretamente vividas estrategicamente no escuro da noite e no silêncio cúmplice entre travestis e clientes.

O confronto entre o saber sobre o espaço urbano produzido pelas travestis e o saber acadêmico formal produziu novas perspectivas e leituras da cidade. Nós, enquanto pesquisadores posicionados fora do grupo focal, concebíamos o território numa diferenciação entre o grupo de travestis na atividade de prostituição e os outros que não compartilhavam dos mesmos valores e atividades. Esta posição simplista da manifestação de limites de fronteiras entre grupos e da expressão material do fenômeno da prostituição foi derrubada pelo saber das travestis. Uma expressão comum do grupo é que *os mesmos homens que fecham as portas*

durante o dia são os que abrem as pernas à noite, o que nos colocava um questionamento sobre a constituição das categorias opostas *outsider* e *insider*.

A relação com o grupo nos possibilitou construir o argumento de que é justamente a força da interdição socioespacial que possibilita o fortalecimento do território da prostituição travesti, já que este é o único espaço que lhes possibilita reconhecimento social, independentemente de sua valoração moral. Nesse sentido, exclusão e apropriação espacial não se anulam em campos oposicionais, pelo contrário, entrelaçam-se e potencializam-se numa espiral constante e complementar, constituindo um território que é multidimensional.

Outro argumento construído da interação do saber científico com o saber travesti às nossas bases conceituais se relaciona ao poder. Inicialmente, nós concebíamos o poder atrelado às práticas do grupo para a manutenção do território frente a outros grupos no sentido *insider* X *outsider*. Entretanto, o território da prostituição travesti existe na medida em que ele contempla a relação da comercialização dos serviços sexuais que se dá entre a travesti e o cliente. Isso implica uma prática que envolve centro e margem de uma configuração de poder que se apropria do espaço e o torna território. Este feixe de relações, para utilizar os termos de Foucault (1988) é móvel, instável e transitório. É justamente na composição da configuração travesti / cliente/ espaço, que tensionadas, criam possibilidades de novas posições entre os sujeitos. O território adotado para esta pesquisa se institui de pluri-localizações dos sujeitos que não são fixos em suas posições de centro e margem, mas constantemente tensionados.

Além disso, pudemos acessar mais uma contribuição da intelectualidade feminista da Geografia. Linda McDowell, em seu livro *Gender, Identity and Place. Understanding Feminist Geographies*, argumenta que o espaço não é inerte ou um

recipiente para a ação social, mas um elemento importante na constituição das identidades dos sujeitos²⁵. Havíamos nesse momento encontrado o respaldo teórico na “Geografia da resistência” e já podíamos dar inteligibilidade científica ao que estava sendo lido e interpretado pelo GETE no campo.

Durante a fase de construção do modelo de análise desta pesquisa, nos foi possível perceber que o território da prostituição travesti, além de lhes garantir a sobrevivência econômica, era um importante elemento fundante de sua subjetividade. Enfim, foi a partir da frase paradigmática do grupo, é através do território que as travestis se tornam travestis, oriunda da compreensão da experiência espacial do grupo focal, que re-articulamos nossas bases conceituais e pudemos afirmar que o território é elemento ativo na construção da subjetividade travesti e da constituição sua identidade coletiva. Assim, território e sujeito constituem uma relação de interdependência. Mais uma vez o saber das travestis nos levou a ultrapassar a concepção de que o território é resultado da dinâmica de relações dos sujeitos e, sendo assim, considerado um elemento passivo. Pelo contrário, afirmamos que o território institui a existência identitária do sujeito travesti assim como é por ela instituído.

²⁵ "As I have begun to suggest here, space is not inert, not merely a container for social action, but is a significant element in the constitution of identity" (MCDOWELL, 1999, p. 68).

CAPÍTULO II

ESPACIALIDADE E MEMÓRIA: PERFORMATIVIDADE E EXPERIÊNCIA DO SER TRAVESTI

Este capítulo estabelece uma discussão sobre as espacialidades componentes dos relatos de vida, ativados pela memória constituinte da experiência urbana do ser travesti. O resgate de fatos e interpretações sobre suas relações socioespaciais constitui-se em elementos de identificação do ser travesti que acaba por fortalecer laços tecidos na vivência do território da prostituição e, também, estabelecendo os parâmetros de diferenciação em relação aos outros, considerados diferentes delas. Como argumentado no capítulo anterior, baseado em Duncan (1990), as travestis produzem um dos múltiplos textos urbanos presentes na cidade que, ao se conectarem, produzem complexas configurações. O ser travesti, foco desta pesquisa, se constitui num processo de constante transformação e os relatos do passado estão impregnados dos códigos identitários do presente, constituindo um eixo de significações capaz de produzir sentido à sua existência, mesmo em detrimento às diferenças e ao poder da heteronormatividade que as mantém afastadas do pleno acesso ao urbano. As travestis, paradoxalmente, resistem e corroboram à hegemonia das normas de gênero em suas vivências socioespaciais. Trazemos, desta forma, uma reflexão que discute a relação entre espaço e processo de reiteração das normas de gênero, trazendo em seguida uma reflexão sobre os espaços que são memorados e constitutivos da identidade do grupo das travestis em Ponta Grossa – PR.

1. Espaço e Performatividade na experiência do ser travesti

O espaço é uma categoria negligenciada pelas demais ciências sociais. Os processos identitários e as vivências cotidianas são analisadas num vácuo espacial. Em alguns momentos o espaço aparece como receptáculo ou localização de ações. Para este trabalho, o espaço compõe sujeitos sociais, suas memórias e sua existência cotidiana.

As espacialidades desenvolvidas pelas travestis são elementos de fundamental importância na existência do grupo, mesmo que marginal. O espaço condiciona as posições de sujeitos, compõe relações de forças, e orienta as escolhas e sua apreensão da realidade. Assim, a análise que se segue persegue os espaços componentes dos elementos de identificação resgatados nas memórias das travestis e que simultaneamente criam os laços de afetividade do grupo de pertença e a diferença em relação aos outros grupos.

É o paradoxo entre heteronormatividade e transgressão da heteronormatividade que é compositora das diversas formas de espacialidade travesti. Sendo a identidade, como afirma Cuche (1999), uma construção social, esta se faz a partir de distintas configurações socioespaciais, e performativamente determinando posições de agentes entre centro e periferia de relações de poder, orientando representações e escolhas.

Diversas espacialidades ligam-se aos elementos de memória, são equalizados e tratados enquanto elementos de identidade, alinhavados através do território da prostituição travesti vividos no presente. As identidades são móveis, tanto reproduzem a heteronormatividade compulsória, como podem transgredi-la. Portanto, o espaço é fundamental enquanto componente da performatividade

travesti. Mais especificamente, como visto por Prins e Meijer (2002), as condições através das quais os corpos materiais e sexuados tomam forma, estão relacionadas a sua existência, para nós existência que é espacial, porque o espaço compõe a existência dos corpos, não mero receptáculo ou superfície. Através do espaço, enquanto componente de sujeitos e práticas sociais, que ocorrem as escolhas, mesmo de forma constrangida, de elementos constituidores das normas de gênero, que estão postos na realidade, colocando-os no corpo, adequando o corpo a estas normas.

É a partir das espacialidades vividas, que compõe as memórias das travestis, que estas dão um sentido a suas vidas. Estes elementos de memória são tratados a luz do presente, em uma construção social relacionada a um empreendimento coletivo, pois como analisado por Spink e Medrado (1999), este processo interativo é o meio através do qual as pessoas constituem termos para lidar e para compreender fenômenos e situações da vida.

O conceito de performatividade proposto por Judith Butler é central nas análises científicas que envolvem as normas de gênero. Esta filósofa foucaultiana inspira fortes discussões entre os teóricos *queer* a fim de validar o conceito como ferramenta de inteligibilidade de algumas questões sociais. Como analisado por Butler (2003), o gênero, seu objeto de reflexão, é uma identidade sutilmente constituída espacialmente e temporalmente, produzida através da repetição estética de ações, devendo ser apreendido como a matriz pela qual a miscelânea de comportamentos corporais constitui a falácia de um indivíduo que é permanente. Desta forma, como visto por Pelúcio e Miskolci (2006), Butler (1993) em “Bodies that Matter” vai de forma explícita compreende a performatividade como um processo relacionado à reiteração de práticas e normas sociais de gênero já reguladas na

sociedade, que são anteriores ao sujeito, normas que tem uma expressão espacial, materializados os corpos, marcando o sexo, e exigindo práticas sociais condizentes às normas, um processo de materialização daquilo que é nomeado.

Mas este processo é constantemente inventivo, pois como visto por Gallina (2006), para Butler a constituição do *eu* relaciona-se ao *eu* inventar uma identidade e uma coerência entre sexo, gênero, prática sexual e desejo, inventada porque o gênero não existe materialmente, enquanto referencial ideal alocado em algum lugar da estrutura social. Posso ter nascido com um corpo, que pelo fato de possuir pênis, sou nomeado como macho. Através do amadurecimento, vou me apropriando de alguns elementos relacionados ao pólo masculino, ao passo que outros elementos vou descartando, ou captando elementos mais orientados ao pólo feminino, como o cuidado com a casa e com os filhos, o usar cabelo comprido, etc. Posso neste processo ser nomeado como uma forma masculina distinta, mas permaneço homem. Assim, como não consigo localizar na estrutura social um gênero ideal, outras pessoas também não o conseguem. Desta forma, identidade de gênero e coerência entre sexo, gênero, prática sexual e desejo não são senão ficcionais, pois não existem identidade e gênero anterior a suas performances. Portanto, estes corpos são discursivamente constituídos, pois performativamente o corpo recebe uma insígnia referente a um dos sexos. Mas se o sexo é bipolar, a composição espacial e temporal relativa à linearidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo é aberta a infindáveis configurações, todas constrangidas pela heteronormatividade compulsória. Portanto, o gênero não pode ser visto como uma identidade estável, ou a origem de várias formas de comportamento. Somos de fato, no cotidiano de nossas vidas, produto de nossa época, não “escapando”²⁶ do conjunto de

²⁶ Colocamos escapam entre aspas devido ao fato das travestis quase escaparem, criando simultaneamente novas configurações e delimitando com seus corpos a normalidade heterossexual.

convenções, ordens e estruturas de legitimação, como visto por Spink e Frezza (1999). Estes conjuntos de convenções são socialmente construídos, temporal e espacialmente localizadas. A idéia do gênero enquanto existente em si relaciona-se a uma identidade construída, uma realização performática do gênero.

Para Butler (2003) o poder constituidor dos indivíduos nas relações de gênero, é mais que uma troca entre sujeitos, ou uma relação constante de inversão entre *eu* e *outro*, pois o poder opera na produção da estrutura binária em que se reflete sobre o gênero, sendo a heterossexualidade a produtora e reificadora das categorias de masculino e feminino. Como visto em Foucault (1988), a proposta é que se visualize o poder como sendo exercidos em múltiplas e variadas direções, como uma rede constituída por toda a sociedade. Desta forma, o poder deve ser apreendido mais como uma estratégia, não sendo um privilégio de quem ou de quais grupos o possuem, mas relacionado a manobras, táticas e técnicas de funcionamento. O poder não estrutura hierarquias rígidas, prova disto são as travestis, na relação a outros grupos heterossexuais, mas como assimetrias numa situação estratégica em que ora um ora outro pode se encontrar como dominante ou dominado, em múltiplas relações espaciais.

As propostas que são realizadas pela filósofa norteamericana Judith Butler têm produzido um ambiente de muita discussão e reflexão nas ciências sociais. Uma das críticas que Butler recebe é originada na reflexão realizada pelo antropólogo e sociólogo francês Pierre Bourdieu, em seu livro “A dominação masculina”. Para o autor, a análise deve se voltar contra as forças históricas de des-historicização, mecanismos que naturalizam a história. Esta buscada mobilização, notadamente política, abriria, segundo o autor, uma possibilidade de resistência coletiva às mulheres, uma oposição de resignação à psicanálise e à biologia, e como nas

palavras do autor, a “certas doutrinas teóricas feministas”, relacionadas a “rupturas heróicas da rotina cotidiana, como as *parodic performances*, tão caras a Judith Butler”, pois segundo ele, a análise que a autora faz produz um “resultado muito diminuto e demasiado incerto”²⁷. Bourdieu tece uma crítica severa aos filósofos pós-modernos²⁸, por buscarem ir além dos dualismos. Para o autor, os dualismos estão enraizados nas coisas (estruturas) e nos corpos, não nascendo de meros atos de dominação, e não podendo ser eliminados por um “ato de magia performática”. Os gêneros não seriam apenas papéis, mas estaria localizados e inscritos nos corpos e “em todo o universo do qual extraem sua força” (BOURDIEU, 1999, p. 122). O próprio autor demonstra, em uma pequena nota²⁹, que a própria Butler rejeita esta visão voluntarista do sujeito, atribuída por Bourdieu a obra intitulada “Gender Trouble (1990)” e revista pela autora em “Bodies That Matter (1993)”.

Da mesma forma, Pelúcio e Miskolci (2006) demonstram a partir das leituras realizadas de “Bodies That Matter (1993)” e “Undoing Gender”³⁰ (2004), que se havia mal entendidos em relação ao conceito de performatividade proposto por Butler, através destas obras estes são desfeitos, dissociando a autora da idéia do gênero com a representação de um papel. Como visto pelos autores, as normas que regulam os comportamentos dos sexos são performativos no sentido de reiterarem um conjunto de normas que são anteriores ao agente, pois este fenômeno “não é uma escolha, mas uma coibição, mesmo não parecendo como tal” (PELÚCIO & MISKOLCI, 2006, s/p)

Assim, os comportamentos dos corpos são coibidos a corresponder a heteronormatividade compulsória, coibidos não sendo entendido como obrigados.

²⁷ Notas de Pierre Bourdieu no prefácio da edição alemã.

²⁸ Leia-se este pós-moderno como Judith Butler.

²⁹ Nota de rodapé 36, página 122 (BOURDIEU, 1999).

³⁰ Nota dos autores: A versão utilizada desta obra foi a espanhola de 2006.

Os sujeitos fazem escolhas múltiplas, devido à multiplicidade de situações pelas quais passam os sujeitos. Esta multiplicidade, que compõe o espaço paradoxal, tal qual proposto por Rose (1999), tenciona a ordem, não a reproduz, como defendido por Bourdieu (1999). Devido ao fato de cada indivíduo estar inserido em múltiplas teias de sociabilidade (os campos de Bourdieu), que possuem suas próprias espacialidades, as relações de poder, entre centro e margem de cada rede, fica tensionado, pois um mesmo indivíduo pode ocupar uma posição periférica em uma rede, podendo, contudo, ter uma posição central em outra rede de relações de forças. Isto não reproduz relações históricas como afirma Bourdieu, mas as resignificam. É através do espaço que as travestis, sujeitos em conflito com a ordem vigente de gênero, conseguem significar suas práticas e resignificar as práticas dos grupos aos quais se relacionam. É através do espaço que conseguem uma possibilidade de existência social, mesmo frente a seus ditos desvios de comportamento.

Portanto, o processo de vinculação grupal das travestis refere-se aos espaços através dos quais estas vinculações são estabelecidas. As espacialidades constituidoras das experiências das travestis são importantes na constituição de identidades, performativamente relacionada tanto à reprodução da heteronormatividade compulsória, como a transgressão destas mesmas normas. Construimos em seguida uma análise das espacialidades constituidoras das memórias das travestis, produzindo elementos que são convertidos em elementos de identidade, através de um processo de vinculação sócio-espacial.

2. Espaços memoriais na experiência das travestis

A vida das travestis se dá através das espacialidades. Assim, a vivência espaço-temporal pode ser concebida e experienciada de forma contínua e/ou descontínua, com rupturas brutais ou bloqueios espaço-temporais, como argumenta Corrêa (2000). Em sua discussão sobre o espaço como conceito-chave da geografia, o autor defende a tese de que, no processo de produção e organização do espaço, os grupos sociais criam um conjunto de ações, através das quais são possibilitadas a criação, a reprodução, a destruição, a reconstrução e a apropriação das formas e das interações espaciais. Portanto, como visto por McDowell (1999), o espaço é dimensão fundamental para a reprodução social, não mero receptáculo para sua ação, mas componente desta.

Todavia, a forma como compreendemos o espaço e o tempo resulta em um conjunto de práticas materiais e simbólicas, um conjunto que é tão variado quanto à plêiade de experiências individuais e coletivas. Harvey (2002), refletindo sobre “Os Espaços e Tempos Individuais na Vida Social”, dialoga com Bachelard (1964). Para este último, o espaço que foi apropriado pela memória e pela imaginação não se coloca como indiferente. A reflexão que Harvey realiza com Bachelard é muito rica, pois indo além da temporalidade do discurso, da localização dos elementos de fala em relação a períodos da vida, o que nos é apresentado é que os grupos se conhecem, ou melhor, pensam que se conhecem no tempo, tempo específico de cada travesti. Contudo, a socialização de experiências espaciais vividas por cada travesti acontece através do território da prostituição travesti.

A reflexão sobre o estabelecimento discursivo dos traços culturais que afirmam o grupo e o *outro*, a partir das espacialidades indicadas enquanto

componentes da vivência travesti e dos elementos identitários relacionados ao grupo das travestis, passa pela utilização da memória, ou dos elementos de memória convertidos em elementos identitários, pois o espaço é componente dos discursos, assim como é por ele composto.

Em seu trabalho discutindo a “Geografia Cultural do Milênio”, Cosgrove (1999) trata que, nos estudos culturais, existe uma substituição da história pelo passado e pela memória, fazendo com que haja uma conexão do passado com o presente e futuro. Portanto, a memória constitui uma temporalidade na qual o espaço aparece como fenômeno vivo e significativo. Em sua reflexão, a memória é tanto individual como social, pois “as relações sociais de memória (são) a memória das relações sociais, e são poderosamente importantes na constituição da identidade e do lugar” (COSGROVE, 1999, p. 23).

Os relatos de vida das pessoas que colaboram com o presente trabalho são memórias construídas que articulam os acontecimentos passados, interpretados à luz do presente, permanentemente negociadas intersubjetivamente na construção identitária, tal qual proposto por Pollak (1992), tendo a espacialidade destas relações fundamental importância:

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. Se assimilarmos aqui a identidade social à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, (...) este elemento, é o Outro. Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. (POLLAK, 1992, p. 5)

Assim, a memória é um elemento de afirmação da identidade e mesmo esta memória não sendo a mesma para todas as travestis, os elementos comuns das memórias individuais são elementos da identidade travesti do grupo específico,

devido ao fato do cruzamento de experiências passadas, que são socializadas através do território. O quadro I a seguir demonstra as principais características do grupo focal das travestis³¹, envolvidas com a atividade da prostituição em Ponta Grossa – PR.

Sujeito	Idade	Cidade Nascimento	Tempo Residência	Mora Com	Ano Início Batalha-PG	Estudo³²	Local Batalha
Nike	26	Ponta Grossa-PR	10 anos	Companheiro	2000	2° G-C	Centro
Pandora	28	Pitanga-PR	13 anos	Sozinha	1995	2° G-I	Rodovia
Hera	24	Curitiba-PR	4 anos	Companheiro	2002	2° G-C	Centro
Têmis	37	Cachoeira do Sul-RS	13 anos	Companheira	1994	1° G-I	Centro
Héstia	42	Castro-PR	42 anos	Mãe	1978	2° G-C	Centro
Artêmis	21	Ponta Grossa-PR	21 anos	Amiga	2000	1° G-C	Centro
Eirene	36	Maringá - PR-PR	21 anos	Companheiro	1986	2° G-C	Centro
Eos	23	Ponta Grossa-PR	23 anos	Companheiro	2005	2° G-C	Centro
Afrodite	27	Ponta Grossa-PR	27 anos	Mãe	1998	2° G-I	Centro
Atena	48	Santana de Ferros-MG	23 anos	Sozinha	1998	1° G-C	Rodovia
Deméter	28	Ponta Grossa-PR	5 anos	Companheiro	2003	3° G-C	Centro

Quadro I - Características Gerais das Travestis – Ponta Grossa – Paraná.
 Fonte: Campo realizado entre março de 2006 a julho de 2007.
 Organização: Marcio Ornat, 2007.

Para este trabalho algumas características relevantes na caracterização do grupo das travestis são destacadas, mas sua rica história de vida resumida pode ser melhor observada no anexo 2. Inicialmente podemos detectar que 63 % do grupo possuem idade entre 21 e 28 anos. O grupo é jovem e é muito difícil encontrar

³¹ Com o objetivo de proteger estas fontes, optamos em utilizar nomes que reportam as figuras femininas contidas na Mitologia Grega. Os nomes utilizados foram: Hera - rainha do paraíso e a guardiã do casamento; Atena - deusa da sabedoria e da guerra; Artêmis - deusa da caça e dos animais selvagens; Afrodite - deusa do amor; Héstia - deusa do coração e da chama sagrada; Deméter - deusa da agricultura; Eirene - personificação da paz para os gregos; Eos - deusa que enunciava a chegada do sol; Nike - deusa grega da vitória; Pandora - doadora de todos os talentos divinos ou de todos os males da humanidade; Têmis - deusa da justiça.

³² Refere-se: G-I (grau incompleto); G-C (grau completo).

travestis muito idosas. Em geral, a vida das travestis é marcada por muita violência, chegando até a morte precoce. Este perfil também foi detectado por Mott e Cerqueira (2003), livro orientado a trazer um relatório sobre violação dos direitos humanos e assassinato de homossexuais no Brasil. Como visto pelos autores, nosso país é um país de contradição, pois mesmo frente a todas as conquistas, a “violenta intolerância antihomossexual”, chamada de homofobia, persiste e se generaliza. Pois,

Este ódio explícito, cruel, persistente e generalizado, vai do insulto e ameaça, a graves episódios de discriminação, constatados em todos os segmentos e esferas sociais. Incluem violência física, golpes e tortura, culminando em violentíssimos e pavorosos assassinatos – via de regra cometidos com revoltantes requintes de crueldade, abrangendo elevado número de golpes e tiros, o uso de múltiplos instrumentos e tortura prévia. Crimes de ódio em que a homossexualidade da vítima motivou a agressão e pesou definitivamente no *modus operandi* do homicida. (MOTT & CERQUEIRA, 2003, s/p)

Os autores apontam que de todos os casos de assassinatos de homossexuais ocorridos em 2002 no Brasil, 63 % das mortes estavam relacionadas à homossexual com idade entre 16 a 39 anos, dado nacional que coanuda com o explicitado por umas das travestis:

Existiam setenta a oitenta travestis em Ponta Grossa (...) há uns trinta anos atrás. Isso tinha horrores de travestis. Era bastante. Porque um pouco foi para fora, trabalhar fora, foram para as capitais, como em Curitiba deve ter uma cinco ou seis. Tem umas três na Espanha. Mas das mais velhas tem umas três em Ponta Grossa mesmo. O resto morreram assassinadas (...) (Entrevista realizada com Têmis em 12 de maio de 2006).

Outro dado que demonstra certa atração regional da prostituição travesti ocorrida em Ponta Grossa, em relação aos demais municípios na sua proximidade, é de que apenas 27,3% das travestis nasceram em municípios não próximos a Ponta Grossa. Dados que complementam o anterior é de que 82 % das travestis residem

com outras pessoas, e que destes, 66% residem com um companheiro/a e 22% com a família, notadamente a mãe. Esta fixidez territorial das travestis em relação a prostituição em Ponta Grossa demonstra-se no percentual de 81 % de travestis que batalham em Ponta Grossa pelo menos há 13 anos. Estes números são fundamentais para que capturemos as principais características do grupo, mas de longe fornecem indícios completos para a compreensão das dinâmicas que dão coesão ao grupo, que através de diversas vivências espaciais focadas através do território, dão sentido a suas vidas. Devido a isto, mergulhamos na experiência espacial vivida pelas travestis, pertencentes ao grupo de Ponta Grossa – PR.

Após a análise de todas as entrevistas realizadas com o grupo das travestis, que retiram seu sustento da atividade da prostituição, detectamos um conjunto de 906 evocações referentes às relações estabelecidas na família, relações de conjugalidade, e relação entre as travestis e deste grupo com moradores e policiais. Contudo, como visto por Congrove (1999), a memória que reporta a acontecimentos passados constitui uma temporalidade pretérita, na qual o espaço é um fenômeno significativo e vivo.

Do total de evocações detectadas, em todas as entrevistas realizadas, as principais espacialidades relacionadas ao ser travesti referem-se ao território, a casa e ao espaço urbano, como visto no gráfico I a seguir. As demais espacialidades, evocadas nas falas das travestis, estavam relacionadas a totais das evocações com percentual menor que 2%, como em relação à boate, a casa de cafetina, ao exército, a ONGs, a rua, ao trabalho e a vizinhança.



Gráfico I – Espacialidades do Ser Travesti em Ponta Grossa – PR
 Fonte: Campo realizado entre Março de 2006 e Julho de 2007
 Organização: Marcio Ornat, 2007.

Do universo total de variáveis evocadas, detivemo-nos com maior interesse nas mais expressivas, deixando aquelas pouco lembradas como as boates, a casa de cafetina, o exército, as ONGs e à vizinhança. A espacialidade marcante na memória do grupo de travestis é a casa e o espaço urbano. Assim, deixando para o próximo capítulo a discussão referente ao território da prostituição travesti, principal foco da pesquisa.

Os fragmentos de trajetórias de vida que trazemos aqui nasceram de uma convivência de aproximadamente dois anos. Esta convivência, que permanece até hoje, foi resultado de uma parceria entre o Grupo de Estudos Territoriais GETE – UEPG e a Organização Não-Governamental Renascer / Ponta Grossa – PR. Esta relação com o grupo das travestis culminou na realização de onze entrevistas semi-estruturadas, entre os meses de fevereiro e maio de 2007, buscando compreender as relações que se estabeleciam entre a transformação do corpo na relação com o outro, a prática sexual realizada por este grupo, tanto pessoal como comercial, e as

relações entre corpo, território – corpo e poder. Várias formas de evocações nasceram destas conversas que agora são à base da análise que se segue.

2.1 A casa

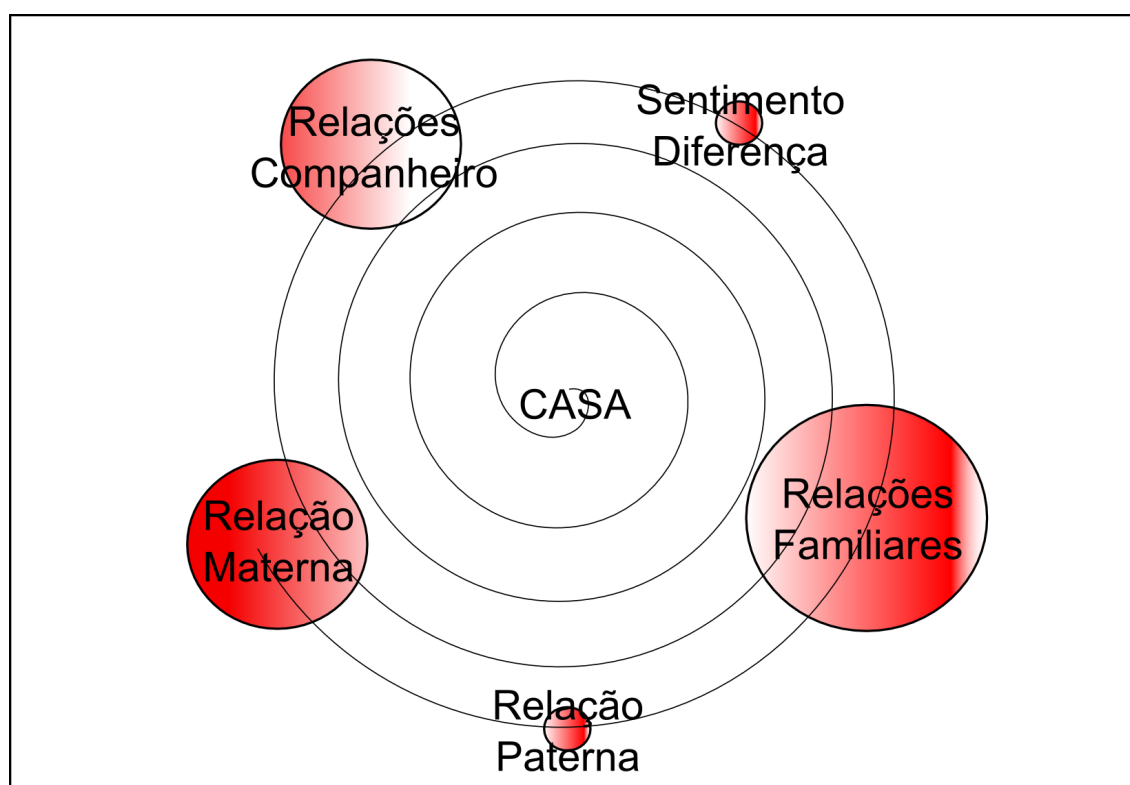
Todo o processo de conhecimento dos grupos sociais está relacionado a uma seqüência de fixações em espaços da estabilidade do sujeito. Desta forma, quanto mais imóveis e fixadas no espaço, mais sólidas são as lembranças e memórias. Nossa proposta não é hierarquizar as formas de espacialidade do ser travesti, mas demonstrar a importância de cada espacialidade, e de suas relações inerentes, na constituição do sujeito travesti e do território instituído e instituinte do sujeito travesti na cidade de Ponta Grossa – PR. Desta forma, a casa aparece como o início do processo, um local de pensamentos, lembranças e sonhos, pois é através deste espaço “que aprendemos a sonhar e a imaginar” (HARVEY, 2002, p. 200). Como visto na fala de Bachelard,

O espaço contém tempo comprimido. É para isto que serve espaço. E o espaço fundamental para a memória é a casa, uma das maiores forças de integração de pensamentos, lembranças e sonhos da humanidade. (na casa) ser já é um valor. A vida começa bem, e começa encerrada, protegida, aquecida no seio da casa... É esse o ambiente em que vivem os seus protetores...Nesta região remota, a memória e a imaginação se mantêm associadas, cada qual trabalhando para o seu mútuo aprofundamento... Por meio dos sonhos, as varias habitações da nossa vida se co-penetraram e retém os tesouros de dias passados. E, depois de estarmos na nova casa, quando as memórias de outros lugares em que vivemos retornam a nós, viajamos a terra da infância imóvel, imóvel como são todas as coisas Imemoriais. (BACHELARD, 1964 *Apud* HARVEY, 2002, p. 200)

E se é verdade que o tempo sempre é memorizado não como um fluxo, mas como lembranças de lugares e espaços vividos, a história deve ceder lugar à poesia, o tempo ao espaço, como material fundamental da expressão social. Assim, a imagem espacial (construída na memória) afirma um importante poder sobre a história. (HARVEY, 2002, p. 200)

Contudo, diferentemente da reflexão feita por Bachelard e por Harvey, a espacialidade da casa é o oposto do proposto pelos autores. A vida da travesti, a partir da espacialidade da casa notadamente começa mal, ficando a travesti desprotegida. Assim, esta espacialidade que compõe a memória da travesti é embebida em uma tristeza que é trazida a outras espacialidades, pois todas as formas de espacialidade se co-penetraram.

Inicialmente, a espacialidade da casa, na vida do grupo das travestis envolvidas com a atividade da prostituição em Ponta Grossa – PR foi relacionada aos três períodos da vida destas sujeitas, referentes a infância, a adolescência e a fase adulta. A configuração da espacialidade casa é vista no esquema I abaixo:



Esquema 01³³ - Espacialidade CASA.

Fonte: Campo realizado entre março de 2006 a julho de 2007.

Organização: Marcio Ornat, 2007.

Do total de evocações referentes a casa, 50% teve relação a infância e

³³ O tamanho das esferas no esquema referem-se a intensidade de evocações.

adolescência, enquanto os outros 50% estando referenciados na fase adulta. Desta forma, a casa enquanto elemento fundante da vida da travesti compõe as relações materna, paterna, marital, familiares e é ainda rememorada nos primeiros sentimentos de diferença em relação aos outros.

Diversos elementos foram demonstrados quando evocada a relação entre *Casa - Relação Companheiro*, elemento relacionados ao antagonismo das relações que se estabelecem na casa para as relações que são contratadas no território e realizadas no motel com o cliente; da reprodução dos papéis de gênero; da demanda de escolha entre prostituição ou relação amorosa; e a necessidade da fidelidade entre o casal.

A distinção apontada entre a relação estabelecida entre o cliente e a relação com o/a companheiro/a tinha por elemento de diferenciação a afetividade e a intimidade, tendo como necessidade a existência da fidelidade entre o casal, fidelidade esta relacionada a não transgressão de algumas normas estabelecidas entre estes, como por exemplo a proibição de realizar programas em casa, beijar o cliente na boca, e a existência ou não do prazer da travesti na relação entre o paradoxo sexual travesti-companheiro e travesti-cliente. Através da performatividade das travestis, as condutas para os corpos são convencionadas na relação entre os parceiros da conjugalidade, mas também estabelecidas no grupo social de pertença.

Uma questão interessante é o apontamento feito por Cançado (2001), em suas discussão sobre Paixão e Honra na relação entre homens e mulheres e a reprodução destas normas de gênero, sendo a principal norma relacionada ao 'casamento' heterossexual a fidelidade. Outros apontamentos, agora relacionados ao amor e neste sentido sendo elemento constituinte da heterossexualidade

compulsória, são encontrados na análise de Silva (2006) relacionada ao “Amor, Paixão e Honra como Elementos da Produção do Espaço Cotidiano Feminino”. Para a autora, as mulheres pertencentes ao grupo focal de sua pesquisa, em suas vivências espaciais, apontam que determinados períodos de suas vidas estiveram centradas no amor-paixão, um amor que é construído culturalmente. Em suas reflexões sobre Rougemont (2003), a autora demonstra a vinculação do amor-paixão na sociedade ocidental, alegando que a relação conjugal tem como foco central o amor-paixão alocado na mulher e ao nosso caso, na travesti. Da mesma forma, Pelúcio (2005), aponta que nas relações amorosas das travestis, não existe uma cadência formada pelos “roteiros comuns da classe média heterossexual”. Todavia, “informadas pelos códigos conjugais heteronormativos, almejam uma vida conjugal nos moldes instituídos: casa, marido, *homem de verdade*³⁴, tranquilidade financeira, *trabalho normal*³⁵” (2005, p. 236). Portanto, é através da performatividade que estas regras e normas são reiteradas, materializando em uma relação conjugal de indivíduos em conflito com a ordem vigente de gênero as mesmas normas de relacionamento contidas na heterossexualidade compulsória. Como visto nas três falas paradigmáticas de três travestis:

O maior diferencial disso tudo é fazer com amor, e fazer por dinheiro. Lá na esquina, no meu profissional, eu vou para a cama com o cara, e obviamente que eu não vou por prazer. Vou apenas pelo nosso trato ali. (...) faz quatro anos que eu sou casada, hoje em dia na esquina, o que conta para mim é o dinheiro. Eu dou prazer, mas não tenho prazer. (...) Com meu companheiro, faço com amor, com carinho. Espero aquilo, sinto desejo daquilo, já fico pensando como vai ser a próxima, que horas, quando. Já na esquina não. Se o cliente vai voltar o não, não importa. Se o dinheiro dele vai voltar, aí importa. (Entrevista realizada com Nike em 01.02.2007).

A diferença básica é que tem sentimento. É porque com o meu marido eu não faço sexo, eu faço amor. Esta é a diferença. E na rua eu faço sexo, sexo por sexo. Uma coisa mecânica, bem comercial mesmo. Sou

³⁴ Grifo da Autora.

³⁵ Grifo da Autora. Entende-se este como uma vida fora da prostituição.

estritamente profissional assim. (Entrevista realizada com Hera em 28.03.2007).

Tem muita diferença. Primeiro, quando eu vou fazer um programa, eu não beijo. Eu já falo pro homem que eu não beijo. Em segundo lugar, eu não transo sem camisinha. Que isto também é igual com a minha esposa, eu só transo com camisinha. E eu não gosto de ficar me agarrando. Meu programa no máximo é de 20 minutos. Que eu não faço amor, eu faço dinheiro. Amor eu faço com a minha mulher. Não tem envolvimento. Tanto que eu não pergunto nem o nome dos clientes. (...) Com a companheira é diferente. A gente faz por amor. A gente faz porque gosta da pessoa. (...) Com a companheira é bem diferente, tem envolvimento, é amoroso. (Entrevista realizada com Têmis em 07.03.2007).

Outros elementos constituidores da relação entre *Casa - Relação Companheiro* apontaram para a categorização dos papéis que cada um dos parceiros deve desempenhar em uma vida a dois. Assim, as evocações demonstraram uma busca de que no relacionamento o comportamento de ambos deveria corresponder ao padrão encontrado entre um homem e uma mulher, um comportamento homossexual que busca corresponder a padrões heterossexuais, alinhando-se paradoxalmente, a heteronormatividade.

Desta forma, as evocações declararam que o papel do companheiro no relacionamento deveria ser o de provedor da casa; que na relação sexual, a travesti deveria ser passiva e o companheiro ativo; que a travesti deveria ser responsável pelos afazeres da casa e do cuidado com o companheiro; assim como a necessidade de escolha entre a vida da prostituição e a vida com o companheiro, como pré-requisito para a manutenção saudável do relacionamento. Como visto por Ornat e Silva (2007), discutindo “Deslocamento Cotidiano e Gênero: Acessibilidade Diferencial de Homens e Mulheres ao Espaço Urbano de Ponta Grossa – PR, cada grupo sócio-espacial, relacionado aos grupos focais estabelecidos para a pesquisa, constroem culturalmente os papéis sociais a serem desenvolvidos por homens e mulheres, papéis estes relacionados hegemonicamente ao homem como o de

provedor da família, como em relação as mulheres, tendo por função a manutenção da família e a organização da casa. Como visto, os papéis orientados a homens e mulheres nos relacionamentos contidos na sociedade heteronormativa, são performaticamente, buscados nos relacionamentos das travestis. Assim, na mesma busca, quando a travesti tem um relacionamento com uma mulher, ela deve ocupar o papel atribuído ao homem na relação:

Como casada, com o companheiro, você vai conviver com ele, você vai cuidar dele como uma mulher mesmo, você vai ser passiva. Porque a maioria das travestis que tem uma relação, elas saem da vida (da prostituição). Pra poder sobreviver uma relação você tem que estar fora da prostituição. Não pode misturar. Ou você fica com o parceiro mesmo, ou você fica na prostituição. Porque o parceiro vai ter ciúme de você, ou você fica com a cabeça no parceiro. Então é difícil. (...) Você veja bem, se eu vou viver com um rapaz, eu vou me dedicar a ser perfeita pra ele. Vou cuidar da casa, do bem estar dele. Então eu vou ser sempre prestativa, como uma mulher é pro marido, ou pros filhos talvez. (Entrevista realizada com Héstia em 15.03.2007).

A travesti deve ser como um dona de casa. Se ela for casar por exemplo, se ela tiver namorando, levar uma vida normal. Ela tem a vida dela e ele a vida dele, mais a responsabilidade. (...) No casamento eu vejo assim como uma dona de casa, se ela não tem o seu trabalho, sua responsabilidade é cozinhar, passar, lavar, ficar dentro de casa. E do companheiro é trabalhar, os dois acho. (Entrevista realizada com Eos em 24.02 e 07.03.2007)

Se a travesti é casada com uma mulher, que é minoria, mas tem, como o exemplo da Têmis, ela tem que fazer como ela faz, ela tem que se virar, tem que ser o homem da relação. Ela tem que ir para a rua, conseguir dinheiro, tem que sustentar a esposa, como o homem sustenta a esposa. Agora a travesti que é casada com homem, acho que o homem tem que sustentar a travesti. E se a travesti quiser ir para a rua, para gastar dinheiro nas futilidades, ela vai, se não quiser, não. Se eu fosse casada eu seria assim. Seu eu fosse casada, o meu marido bancaria tudo. (Entrevista realizada com Afrodite em 20.03.2007).

Nas evocações da relação entre *Casa e Relação Materna e Relação Paterna*, demonstra-se muita contradição e conflito, relacionado a aceitação e a rejeição. De forma preponderante, a relação paterna na casa tem a marca da rejeição, estruturada na cobrança da masculinidade, na indiferença, na violência física e sexual, como na expressão máxima da rejeição que é a expulsão de casa, pois

como visto por Welzer-Lang (2001), a disseminação das normas de gênero processa-se através do grupo social, podendo ser a comunidade, se esta for estruturada sob fortes laços sociais, construídos com o tempo de vivência e também através da família, pela educação que é dada às crianças e com a convivência com seus pares. Certa fala nos foi marcante, lembrança esta feita pela travesti Eirene, do dia de sua expulsão de casa, demonstrando muita tristeza. Seu pai havia chegado embriagado em casa tarde da noite,

Ele chegou bêbado em casa, e falou para mim assim, que se eu era travesti, que se eu era bicha, ele não aceitava viado na família. E daí ele falou que se eu gostava disso, então tá a minha rola para você chupar. Daí eu falei: não pai, eu não quero. Então vou levar você pra ganhar dinheiro com os meus amigos. Daí eu falei: não pai, imagina. Eu tinha onze para doze anos. (...)

(O pai) pegou uma mochilinha que eu tinha da escola, pequenininha assim. Colocou uma calça jeans, uma camiseta, uma jaqueta daquela jeans também e falou para mim: pode ir embora. Daí eu falei que ia levar mais roupa. Ele falou que eu não ia levar roupa nenhuma, quer roupa compre. Isso aconteceu de madrugada. Pode ir embora. Daí eu comecei a sair de casa chorando, eu tinha onze anos. Daí eu comecei a olhar para traz. Daí ele falou assim: não olhe para traz que eu te arrevento na porrada. Daí eu liguei para os meus parentes em Maringá - PR, que a minha família toda mora em Maringá - PR. (...) Daí eu liguei para as minhas tias, pros meus primos, para todo mundo lá. Não aceito o (nome masculino) porque ele é homossexual, é viado. Não vamos aceitar ele porque ele vai tomar jeito na vida e vai vira homem. E daí fiquei largada na rua (...). (Entrevista realizada com Eirene em 03.04.2007).

No tocante a relação materna, tal situação é constituída pela mescla de aceitação e rejeição. A positividade da relação materna esteve vinculada a possibilidade de assumir a sexualidade, ao respeito, a referência de bondade e generosidade, e a referência positiva de aceitação, assim como a negatividade da relação orientada a cobrança da masculinidade, a não aceitação, a rejeição e a violência. Tais paradoxos são demonstrados a partir das seguintes falas paradigmáticas:

(...) a minha mãe sempre me repudiou. Sempre fez questão de falar que eu era homem, e que ela queria um filho homem, que ela tinha posto um filho

homem no mundo, e era o que ela queria.

Cada vez que eu vou fazer uma visita pra minha mãe, parece que eu fui fazer uma visita ao médico. A gente conversa coisas superficiais, nada a ver, ninguém fala de ninguém. (...) sempre tive uma relação assim com a minha mãe. Hoje em dia que eu vivo há seis anos fora da casa da minha mãe, a minha relação é bem melhor do que era antes, de que quando eu convivia com ela, eu apanhava todo dia, nós brigávamos todo dia, porque ela sempre me rejeitou, a rejeição pelo que eu sei até então, a rejeição que ela tem comigo vem desde o ventre. (Entrevista realizada com Nike em 01.02.2007).

Eu tenho a minha mãe como referência de pessoa. Tipo assim, eu tento ser igual a ela, eu não consigo, mas eu tento. Ser uma pessoa boa e generosa, ter um bom coração, desejar o bem para os outros, acreditar em Deus, mas é difícil, ainda mais sendo uma travesti. (Entrevista realizada com Afrodite em 20.03.2007).

Para o grupo das travestis que participaram deste trabalho, concedendo suas histórias de vida, a infância é o momento em que cada travesti percebe que é diferente das outras crianças, devido ao fato de que suas brincadeiras não correspondem a brincadeiras de meninos, conflito vivido que compõe a memória da casa. Todas as evocações relacionadas a *Casa – Sentimento de Diferença* apontaram a infância como o principal momento de descoberta desta diferença, período compreendido pelo grupo entre oito a doze anos de idade, diferença relacionada as brincadeira realizadas como uma consideração de diferença, como visto abaixo nas falas das travestis:

Na infância, dos seis-sete anos de idade, que eu tenho lembrança dos meus cinco anos em diante, dos seis-sete anos de idade em diante e já sabia que era diferente. Sabia que eu gostava de homem, que eu sentia atração, porque quem é assim já sabe(...). já ficava imaginando o melhor amigo, sempre o melhor amigo, acho que já fazia questão de ficar mais próximo por isso. Mas em relação ao meu corpo, com doze anos eu fui ver que eu era diferente, que o meu corpo era diferente. (Entrevista realizada com Nike em 01.02.2007).

Eu não sabia que eu era homossexual. Eu era delicada. Desde criança, toda a vida eu fui delicada. Isso desde os sete anos. Eu estudei no Seminário São José. É onde á agora aquele colégio de freira, o Sagrada Família. A minha família me colocou ali já pela tendência que eu tinha, desde o primeiro ano do primário. Porque eu já não gostava de ficar no meio da piizada, jogar bola e brincar de carrinho e estas coisas, isso não era a

minha área. A minha parte era ficar no meio das meninas, brincar com coisas de meninas. Então eu fui crescendo assim, e a minha família foi deixando. (Entrevista realizada com Héstia em 15.03.2007).

Uma das formas da criança se relacionar com o mundo e construir sua auto-imagem para/perante este, estruturando individualmente seu papel futuro, é pela brincadeira, por meio do jogo, como proposto por Chateau (1987). Em seu trabalho, o autor trata a brincadeira como ação que é direcionada ao sujeito em prejuízo do objeto, pois o jogo não é atividade em si, mas o processo por meio do qual o indivíduo se identifica com a atividade. A criança despeja sua força de existência enquanto brinca, sendo tragada pela ação. Neste sentido o jogo é uma antecipação do mundo adulto, onde "(...) Brincar de mãe e filha é exercitar-se no plano imaginário para a realização concreta futura (CHATEAU, 1987, p. 22). Da mesma forma os pequenos jovens, sofrendo em brincadeiras de tortura, o fazem sem se queixar, após o que serão considerados pelo grupo, homens. O jogo violento é a prova de valentia e afirmação da masculinidade em detrimento da feminilidade, pois segundo Welzer-Lang (2001):

(...) essa aprendizagem se faz pelo sofrimento. Sofrimentos psíquicos de não jogar tão bem quanto os outros. Sofrimentos dos corpos que devem endurecer para poder jogar corretamente. Os pés, as mãos, os músculos... se formam, se modelam, se rigidificam por uma espécie de jogo sado-masoquista com a dor. O pequeno homem deve aprender a aceitar o sofrimento "(...) para se tornar um homem". (WELZER-LANG, 2001, p. 463).

Como visto, aos sujeitos culturalmente nomeados como masculinos, resta a reiteração de normas de gênero que são anteriores a este, muitas vezes vivido através da tortura, ou a sua exclusão. Para Welzer-Lang (2001), no ocidente, quando a criança deixa de certa forma o mundo das mulheres, se distanciando da mãe e começa a freqüentar outros espaços masculinos, a criança atravessa uma fase na qual surgem fortes constrangimentos para viver momentos de

homossexualidade.

Alguns homens com mais idade aproveitam-se da centralidade das relações de poder, onde uma sociabilidade masculina transforma-se em abuso. Muitas vezes, é desta forma que crianças são iniciadas sexualmente, sendo a criança, como nas palavras do autor, “obrigada – sob obrigação ou ameaça – de acariciar... de chupar ou de ser penetrado de maneira anal por um sexo ou um objeto qualquer. Masturbar o outro. Deixar-se acariciar...” (WELZER-LANG, 2001, p. 462, 464). Como relatado por uma das travestis:

Desde os meus sete anos, desde quando eu estudava no seminário, que era de padre, eu já tinha relações. Porque os próprios padres que estudavam no colégio, que davam curso, que eram interno, já tinha relações. Então já era experiência que você nem sabia o que tava fazendo. Mas a minha primeira relação homossexual, eu tinha nove anos, e o rapaz era vizinho da minha mãe (...). O homem que saiu comigo era caminhoneiro. Ele era casado. Foi a minha primeira relação, pra mim homossexual mesmo, porque ele era adulto. (Entrevista realizada com Héstia em 15.03.2007).

É a casa que compõe o primeiro circuito de relações sociais, que o sujeito se distingue enquanto indivíduo em relação ao *outro*, ou a partir das brincadeiras, ou a partir de práticas que não correspondem à norma de gênero. Todavia, os corpos que são ininteligíveis buscam a inteligibilidade. Assim, este processo de identificação relaciona-se a heteronormatividade, pois é no grupo social da família que se buscarão impor aos corpos sexuados a linearidade entre sexo-gênero-desejo, buscando as travestis, no conflito entre cobrança da masculinidade e comportamento e desejo difuso, tornar seus corpos inteligíveis.

Este não é o único espaço através do qual tal fenômeno e conflito ocorrem, pois ao lado da casa temos a escola, o espaço público das brincadeiras, e a vizinhança. Como visto, do total de evocações relacionadas à *Casa – Relações Familiares*, a soberania está relacionada a aspectos negativos desta relação. Estas

são marcadas pelo conflito, devido à diferença de comportamento das travestis em relação aos demais integrantes deste grupo, como visto nas seguintes falas paradigmáticas:

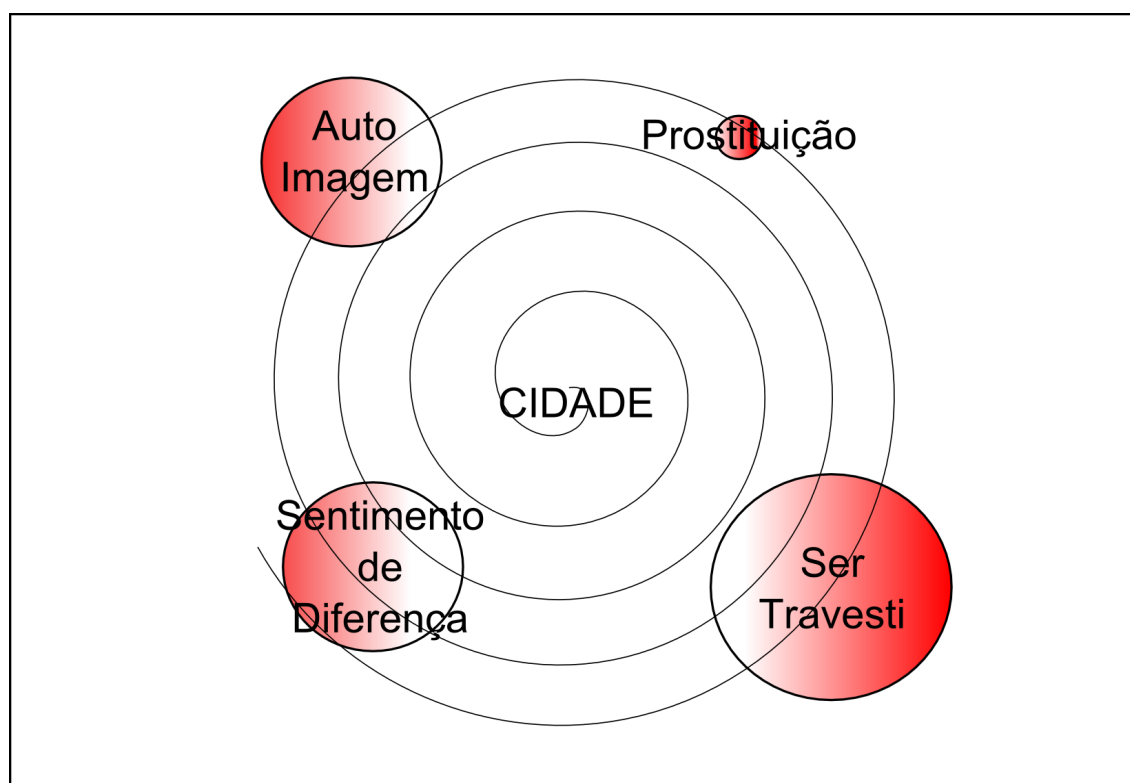
Depois que a minha mãe morreu, que eu fui para esta casa da minha irmã em Caxias do Sul, nunca mais eu tive contato, a minha família descobriu que eu era homossexual. Aí preconceituoso, de Caxias do Sul, italianos, aquela coisa assim, sabe, eles pegaram e viraram as costas. Vai fazer 24 anos que eu não vejo ninguém da minha família. (...) O meu relacionamento com a minha família, antes da transformação era bom. Os meus irmãos era aquela coisa, de irmão mais velho, uns pegavam assim falavam: você não seja gay, não seja barrão. Mas eu não sou, e eu chorava. Mas dentro de mim eu sabia que eu era. Mas fora isto, meus irmãos sempre me trataram de forma igual. Daí depois que eu me transformei, eles mostraram que eles eram preconceituosos, que eles não queriam um irmão travesti, um homossexual ou um gay dentro da família. Aí quando foi na hora que eu mais precisei deles, que foi na época que eu tava na rua, que eu não tinha mais pra onde ir, não tinha nem onde morar, telefonei pros meus irmãos de Porto Alegre, eles não quiseram me dar apoio. (Entrevista realizada com Têmis em 07.03.2007).

(...) A família não aceitou durante este tempo. Eles foram aceitar quando eles viram que eu tinha progredido. Eu os abandonei também, eu não tive mais contato com eles desde quando eu saí de casa. (...) Voltei com o dinheiro. (...) E eles falaram que era para eu ir do jeito que eu estivesse, e desde então eles passaram a aceitar, a me respeitar e respeitar o meu espaço. Não sei se é por questão financeira! (Entrevista realizada com Atena em 04.04.2007).

Os elementos de tal estrutura são o preconceito, a violência, a cobrança da masculinidade. A rejeição e a expulsão da casa é ao mesmo tempo a expressão mais forte da exclusão familiar. Mesmo que hajam apontamentos positivos, relacionados à aceitação da feminilidade, o apoio, o carinho, o respeito, vendo o espaço da casa como um lugar de aceitação, esta é a exceção, além do fato de que, em alguns casos, esta ocorre devido ao auxílio financeiro prestado pela travesti à família, pois como também visto por Pelúcio (2005), é através da ajuda prestada às famílias que as travestis têm uma forma de resgate de carinho e obtenção de aceitação dos familiares.

2.2 A Cidade

A cidade, enquanto elemento constituinte da adolescência e da vida adulta da travesti, esta relacionado às categorias de *Auto-Imagem*, *Prostituição*, *Sentimento de Diferença* e *Ser Travesti*, como visto no esquema 02:



Esquema 02³⁶ - Espacialidade CIDADE

Fonte: Campo realizado entre março de 2006 a julho de 2007.

Organização: Marcio Ornat, 2007.

As relações que foram apontadas pelas falas das travestis, que se relacionavam a espacialidade da cidade, ou ao espaço urbano, em sua maioria tinham referência à fase adulta, com 82 % das evocações, ficando a fase da adolescência com 17% e a infância com 1% das evocações. As que demonstraram a relação entre a *Cidade – Ser Travesti*, apontaram, em um primeiro momento, para elementos que tratam do que é o ser travesti na cidade e em um segundo, a relação

³⁶ O tamanho das esferas no esquema refere-se à intensidade de evocações.

deste ser travesti na cidade.

As principais questões se referem a travesti como sinônimo de batalha e coragem, sendo central na vida da travesti o silicone, a busca constante pelo corpo feminino, a aceitação da identidade de gênero e a idéia de um indivíduo que tem a força masculina com a fragilidade feminina. Outro ponto é a demonstração constante de uma explicação para o ser travesti, a busca de uma inteligibilidade ao sujeito, tomando tais evocações duas direções, a explicação do ser travesti através de questões médicas e biológicas, sempre relacionadas ao fato das travestis terem maior quantidade de hormônios femininos que masculinos no corpo, e a divinização do ser travesti, sendo sua condição relacionada a questões divinas, um ser como um anjo, sem sexo definido, ou mais próximo do espiritismo, um corpo masculino com uma alma feminina.

Em meio a uma cidade que é produzida por jogos de intertextualidade, como proposto por Duncan (1990), existe uma cidade produzida na experiência travesti, experiência esta denominada por Silva (2007) de 'produção do espaço interdito', pois como analisado pela autora, o espaço é produzido tanto pelo visível, concretizado na paisagem, como por seu complemento contraditório, invisível. O espaço urbano compondo as histórias de vida das travestis aqui retratadas espelha o sofrimento de exclusão espacial por elas passada. Assim, é a partir deste panorama de rejeição que se normaliza a circulação das travestis, no espaço urbano, notadamente à noite, espacialidade esta relacionada à prostituição travesti.

A cidade é multidimensional, composto por vários textos, pois como visto de forma distinta por Corrêa, é através deste que as pessoas “produzem, circulam, consomem, lutam, (amam, odeiam)³⁷, sonham, enfim, vivem e fazem a vida caminhar” (CORRÊA, 2000, p. 44). As relações deste ser travesti com a cidade não

³⁷ Nossa Inclusão.

se fazem dissociadas deste calidoscópico contraditório e complementar, demonstrando estas pessoas a sua intensa luta por sobrevivência, em meio a todas as adversidades, pois as evocações trataram de uma vida de preconceito, sendo visíveis o preconceito na igreja, no trabalho e no espaço público. Tal preconceito produz uma maior dificuldade para que este grupo consiga obter uma melhoria de vida econômica, sempre relacionada a impossibilidade de exercer outra atividade produtiva, fora da prostituição. Tais elementos produzem a necessidade de construção de um escudo, de uma redoma, possibilitando que a travesti suporte os percalços da vida.

Para a apreensão da auto-imagem construída pela travesti, em relação a cidade, a mostrada é a construção de pares paradoxais de relação, como a admiração vinda da sociedade em relação ao corpo feminino que possuem, ao lado dos apontamentos de falta de vergonha na cara, devido a apreensão da não correspondência da linearidade entre sexo-gênero-desejo, visível em outros corpos masculinos na cidade, constituindo-se como um corpo indesejável na cidade; o sentimento de inveja advinda de mulheres ao lado do sentimento de desejo vinda dos homens; da aceitação e do desejo do ser travesti ao lado na necessidade de manutenção do corpo andrógino como possibilidade de trabalho; e a fama ao lado do abandono, visível na cidade, existindo através da cidade.

Esta apreensão corresponde às evocações relacionadas à *Cidade – Sentimento de Diferença*. A configuração destas relações tem por elementos a apreensão da travesti que na cidade o seu corpo é colocado como um corpo defeituoso, um ser defeituoso, um corpo não humano Prins e Meijer (2002); uma vida urbana pautada pela rejeição, pelo preconceito e pela não aceitação, pois a heteronormatividade tem por cobrança que corpos sexuais como machos tenham

comportamentos correspondentes ao universo masculino:

Neste momento a maior importância do território para mim é por causa da discriminação da sociedade, eu não ser uma travesti que possa se impor durante o dia, por causa do meu trabalho. Não que eu não possa. Talvez eu queira evitar algumas feridas, que eu não vou saber lidar com elas. Talvez eu queira evita isso. (...) que se a sociedade me vê como uma aberração da natureza, entendeu, e outra, nós vivemos em um capitalismo selvagem, em uma selva capitalista. Se eu começar a causar problema em meu trabalho, por causa da minha imagem, meu patrão vai se obrigar a me demitir (e) nunca vai ser discriminação. (Entrevista realizada com Nike em 01.02.2007).

Então eu espero que diminua o preconceito, a sociedade pegue e enxergue o travesti como um ser humano. Acho que cada um tem o seu valor, não é verdade? Espero que tenha mais campo de trabalho, que diminua a prostituição. Que sem oportunidade de serviços, a prostituição só tende aumentar. Tanto a contaminação de DST/HIV - AIDS. Eu acho que a sociedade tem que ser mais unida e pegar, e olhar para o ser humano, olhar para o travesti, olhar para a prostituta, como um ser humano que está ali porque precisa. (Entrevista realizada com Têmis em 07.03.2007).

Agora ser travesti neste mundo não é bom, preconceito, não é bom. O preconceito é muito, você sai lá fora o povo comenta. Agora todo mundo sabe que eu sou, todo mundo olha, todo mundo comenta. Aqui a vila eles olham, comentam, tem uns que eu tenho amizade, tem uns que eu não tenho, tem umas amizades falsas, tem uns que respeitam, mas tem uns que falam: pouca vergonha! Estes dias eu estava no ponto e passou um cara com a esposa dele. Daí eles ficaram me olhando e eu cumprimentei: oi, tudo bem? Daí o cara ficou olhando com cara de nojo para mim e disse: pouca vergonha isso daí. O preconceito é grande. (Entrevista realizada com Eirene em 03.04.2007).

Todas as formas de espacialidade são simultaneamente estanques e estreitamente conectadas, como visto no apontamento de Nike, uma espacialidade pautada pela interdição e pela acolhida espacial, relacionada à reiteração das normas de gênero e de sua transgressão. É na relação entre *Cidade e Prostituição* que se colocam os elementos como a acolhida e o sentimento de pertença, distinto ao vivido cotidianamente fora do território. Estas informações são trazidas por uma memória espacial, e são vistos pelo grupo das travestis como um conjunto coerente, que é transmitido aos demais integrantes do grupo social. Contudo, captados e apreendidos de forma inventiva pelos sujeitos.

O processo de vinculação de cada travesti ao grupo se faz em parte, a partir do que foi memorado, do que foi vivido espacialmente por cada travesti, mas que em outra escala, é comum ao grupo. Este fato se relaciona às posições de sujeitos e sua apreensão da realidade, tendo visto o fato que o espaço é uma dimensão da existência das travestis.

As suas espacialidades, a casa e a cidade, são marcadas pelo abandono e rejeição na infância ou adolescência e pela angústia diante da percepção das diferenças em relação aos outros meninos, num mundo organizado entre o pólo masculino e feminino.

As memórias não se colocam como idênticas para todas as travestis. Porém, o processo de socialização dos elementos de memória faz com que o indivíduo perceba que o resgate que é feito por uma travesti corresponde, não de forma idêntica, mas semelhante a de outras travestis. A apreensão deste fato transforma elementos de memória em elementos identitários, servindo a coesão do grupo das travestis. Mas esta configuração se faz a partir da dimensão espacial da prostituição travesti, o território da prostituição travesti. São memórias re-significadas pelas regras e normas construídas no presente e projetadas ao futuro.

O processo de reiteração de normas de gênero e transgressão destas normas tem por suporte o corpo, onde características físicas, não verbais, e gestos comportamentais, objetivados como marcas do corpo, compõem esta ação. Todavia esta ação se realiza através do território, constituindo-se como uma espécie de contexto sensitivo, tanto entre os sujeitos que são compositores de uma mesma identidade, quanto em relação ao *outro*. É a partir da apropriação e instituição do território da prostituição travesti que se demonstra a imbricação entre corpo-sexualidade-espaço-poder. Um território compreendido como cotidianamente

instituído, e altamente transitório, em construção permanente, tanto quanto o corpo, o sexo, o gênero, o desejo e a vida.

As existências das travestis são atravessadas por espaços interditados e por territórios, locais de exclusão e de acolhida, em processos contraditório / complementares. A capacidade de interdição socioespacial proporciona o fortalecimento de seu território, já que este é um espaço que lhes possibilita reconhecimento social, seja de que forma for. Como compreendido, exclusão e inclusão não são oposicionais, mas complementares, compondo territórios da prostituição travesti multidimensionais. Nosso objetivo, no próximo capítulo, é analisar o território como um elemento ativo na constituição do ser travesti, pois é este que lhes permitem ser, existir e viver suas vidas de acordo com suas escolhas e desejos.

CAPÍTULO III

O TERRITÓRIO COMO FUNDAMENTO DA EXISTÊNCIA DO SER TRAVESTI NA SOCIEDADE HETERONORMATIVA

Este capítulo tem como objetivo evidenciar a relação entre o território instituído e instituinte do ser travesti. O argumento é de que o território da prostituição, paradoxalmente composto por diversas vivências, é componente fundamental das identidades travestis, assim como as identidades experienciadas instituem este mesmo território.

O capítulo anterior analisou as espacialidades constitutivas das experiências resgatadas da memória das travestis que se convertem em elementos de identificação do grupo. As experiências espaciais compartilhadas pelo grupo são marcadas pelo abandono, percepção da diferenciação em relação aos demais meninos na infância e adolescência e exclusão socioespacial. Paradoxalmente, estes elementos acionados nas conversas entre elas se constituem em processos de identificação entre iguais e, assim, criam laços que se fortalecem na formação de territórios.

Assim, o compartilhamento de sofridas experiências socioespaciais que promovem processos de identificação, confluem para um espaço que se torna território. É a vivência do território, instituído por normas e comportamentos convencionados dos corpos, que produzem as identidades travestis, conseguindo localizar estes sujeitos frente aos outros grupos sociais.

Este capítulo se constitui, primeiramente, da instituição do território da prostituição travesti, discutindo os seus componentes; em seguida o território é analisado enquanto elemento ativo na instituição das identidades travestis.

1. Território e poder: plurilocalidades e multidimensionalidades na configuração do território da prostituição travesti

A concepção inicial de território que foi adotada para este trabalho estava pautada pela proposta de Souza (2000), que sustentava a idéia de que o território se definia por um espaço delimitado por e a partir de relações de poder, estabelecendo uma relação oposicional entre *insider* e *outsider*. Entretanto, ao explorar a vivência territorial das travestis prostitutas em Ponta Grossa - PR, pudemos questionar esta relação de oposição simplista, porque este grupo se realiza apenas com a ação do cliente, em geral, sujeito identificado com a sociedade heteronormativa, em relação à qual, a travesti se opõe. Entretanto, esta relação de oposição se realiza apenas numa primeira apreensão, já que o cliente, ao buscar o serviço sexual compõe o território da prostituição.

Estas evidências puderam ser sustentadas porque este trabalho adotou o conceito de território baseado nas proposições de Rose (1993) com sua teoria sobre o espaço paradoxal. Esta geógrafa feminista e foucaultiana, adota a noção de poder enquanto multidirecional, constituído por movimentos de contrapoder, escapando da noção clássica de dominantes e dominados. Para Foucault (1998, p. 248) o poder é “um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado” que busca hierarquizar pessoas e marcam os comportamentos, os corpos.

O poder é plurilocalizado e funciona como uma rede a que ninguém escapa, não existe exterior, limite ou fronteira, muito menos existe de um lado, quem tem, e outro, que não tem o poder. Assim,

Rigorosamente falando, o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. E que funciona como uma maquinaria, como uma máquina social que não está situada em um lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda uma estrutura social. Não é um objeto, uma coisa, mas uma relação. E esse carácter relacional do poder implica que as próprias lutas contra o seu exercício não possam ser feitas de fora, de outro lugar, do exterior, pois nada está isento de poder. Qualquer luta é sempre resistência dentro da própria rede do poder, teia que se alastra por toda a sociedade e a que ninguém pode escapar: ele está sempre presente e se exerce como uma multiplicidade de relações de força. E como onde há poder, há resistência, não existe propriamente o lugar da resistência, mas pontos móveis e transitórios que também se distribuem por toda a estrutura social. (...) (o poder) é luta, afrontamento, relação de força, situação estratégica. Não é um lugar, que se ocupa, nem um objeto, que se possui. Ele se exerce, se disputa. E não é uma relação unívoca, unilateral; nesta disputa, ou se ganha, ou se perde. (FOUCAULT, 1998, p. XIV).

Ao adotarmos esta idéia de poder que sustenta as propostas de Rose (1993) passamos a superar a noção de *insider* e *outsider* em relação ao território e passamos a considerar um território que se compõe de um poder plurilocalizado nas relações, tal qual Rose (1993), e que a relação se faz entre centro e margem. Contudo, é fundamental lembrar que na proposição de Rose (1993) esta relação é móvel, transitória e muitas vezes é a partir da resistência dos sujeitos da margem em relação aos sujeitos do centro das configurações, que pode ocorrer um reposicionamento dos sujeitos nos feixes de relação.

Como visto por Silva (2007) a experiência urbana das travestis se faz dos espaços interditos, entretanto, é da interdição que se afirma o território da prostituição. Assim, tal como visto em Rose (1993) o território é multidimensional, havendo mais de um plano raso de relações a ser analisado. É nos múltiplos planos que os sujeitos, tensionados, se reposicionam espacialmente, podendo, ou não constituir territórios.

O território da prostituição travesti é relacional e envolve as relações de poder entre sujeitos que configuram a relação. Na atividade da prostituição a travesti é a responsável pela determinação das características do contrato de serviços sexuais

e, assim, conquista o centro da configuração de poder. Os clientes se colocam na periferia, mesmo que em diversas vezes possuam vantagens financeiras. Este sujeito procura a travesti para viver o prazer interdito pela sociedade heteronormativa.

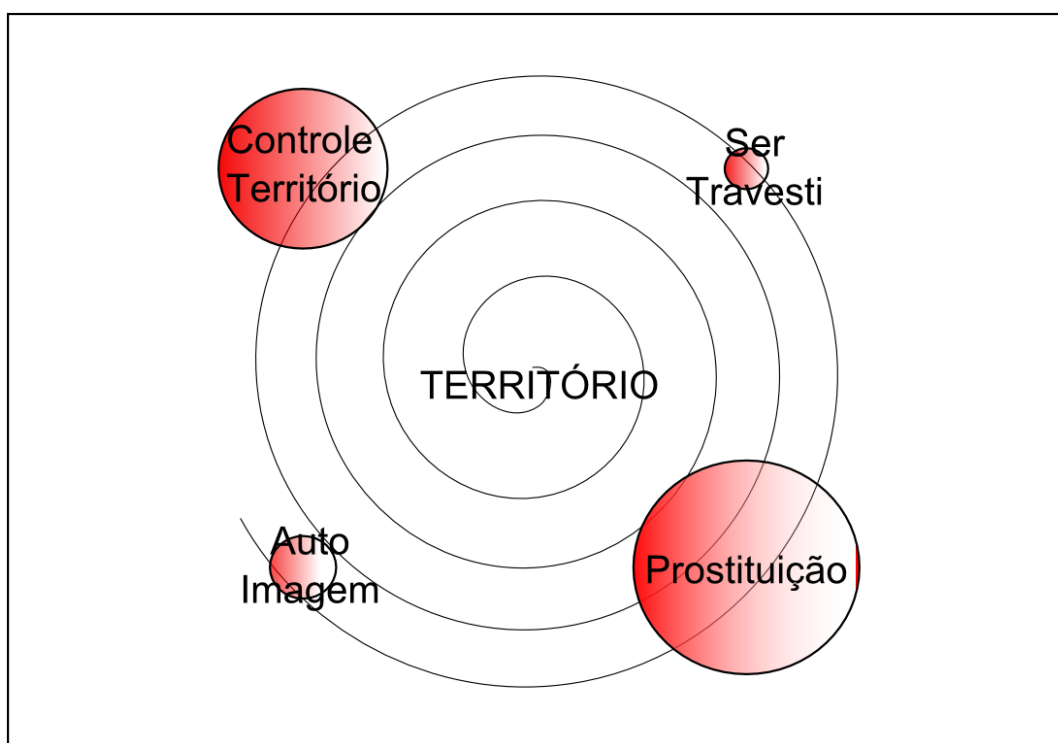
Quando a relação se estabelece entre travestis – moradores, o panorama pode ser múltiplo. Mas na maioria dos casos, as travestis, através do território, estão na periferia das relações de poder. Moradores podem se organizar e solicitar ao poder público a retirada deste grupo da área que foi apropriada e instituída como território. Mas de outro lado, se existe poder, existe contra-poder, neste caso nascido do grupo das travestis, em uma resistência à relocação da atividade. Estas dinâmicas entre centro e margem de relações de poder são também visíveis na relação entre travestis – policiais, ora havendo alianças, ora conflitos de resistência de contra-poder à ação do Estado.

Assim, a construção teórica que Rose (1993) faz do espaço paradoxal é muita válida, pois traz elementos de compreensão da prostituição travesti a partir da dimensão territorial. O *território paradoxal*, é complexo, constituído pela articulação de variadas dimensões. Em cada dimensão ou espacialidade de vivência, a travesti pode se encontrar em centro ou margem de relações. Estas plurilocalizações de travestis entre centro e margem podem subverter a ordem de forças entre o grupo das travestis e outros grupos. Assim, o *território paradoxal* da prostituição travesti, multidimensional, é potencialmente desestabilizador da configuração entre *eu* e *outro*, entre centro e margem, apreendidos como simultaneamente separados e conectados

Para este trabalho, portanto, adotamos o conceito de território definido por um espaço apropriado por um grupo que exerce a centralidade das relações de

poder, ou seja, uma complexa relação existencial que institui sujeitos - espaço – poder e é simultaneamente por eles instituída, através das performances cotidianas. No desenvolvimento desta reflexão, trazemos uma discussão do território à luz da constituição do paradoxo entre centro e margem nas relações de poder que são partes integrantes do território da prostituição travesti.

O território é elemento fundante da vida adulta da travesti e é evocado por elas a partir das categorias de *Controle do Território*, *Prostituição*, *Ser Travesti* e *Auto-Imagem*, como visto do esquema 03 abaixo.



Esquema 03 - Espacialidade TERRITÓRIO.
 Fonte: Campo realizado entre março de 2006 a julho de 2007.
 Organização: Marcio Ornat, 2007.

Do total de evocações apreendidas nas falas das travestis, as principais referem-se a prostituição, com 52%, sendo seguido pelo controle do território, com 42%. As evocações que se relacionavam a *auto imagem* e ao *ser travesti*,

apontaram que é através do território que a feminilidade da travesti é aceita, tanto pela sociedade como pelas outras travestis.

Os elementos do universo feminino, postos sobre o corpo das travestis são tidos como marcas, que são motivo de admiração ou de repulsa. Assim, como analisado por Louro (2004), é no corpo e através do corpo que a heteronormatividade ou a transgressão da heteronormatividade ocorre, sendo os corpos marcados simbolicamente, materialmente e socialmente. Marcas estas que são feitas pelas próprias travestis - como a ingestão de hormônios, a colocação de silicones, as incursões cirúrgicas, a depilação e utilização de roupas femininas. Estas marcas também simbólicas identificam nestes corpos os limites do que seria “certo ou errado”, limites de moralidade, produzindo indivíduos imorais e patológicos. Contudo, preconceito e admiração compõe o paradoxo da vivência territorial travesti, relacionada a *Ser Travesti e Auto Imagem*, como visto abaixo nos depoimentos que se seguem:

Os que saem comigo falam que eu sou bonita, só que eles podem falar isso pra mim como falam para os bagulhos...(deu uma gargalhada) (...) Já as travestis novatas falam que queriam ter o meu corpo. As mais antigas não falam nada. As que estão começando perguntam: como que você conseguiu este corpo? O que tem que fazer para conseguir este corpo? (...) E assim, eu nunca me inspirei em nenhuma travesti, eu me inspirava em mulheres bonitas, Carla Peres, Feiticeira, as da mídia e da televisão, porque pessoalmente eu nunca vi uma mulher bonita. Sempre as da mídia e da televisão. Aquilo que é mulher pra mim. E até hoje, pra mim mulher é aquelas. E eu me espelhei nelas. Seio grande, cintura fina, coxas grossas, era esse o modelo de corpo que eu queria.

As pessoas enquadram a travesti como se todas fosse iguais, e não é. Cada uma tem uma personalidade. Pro mundo a travesti é um homem que se veste de mulher e que quer sexo. É isso que as pessoas pensam. Que é essa a vida da travesti, se vestir de mulher, e ter bastante relação sexual. (Entrevista realizada com Afrodite em 20 e 21.03.2007).

Bom, eu sempre recebi muitos elogios, você é feminina, você é bonita, nunca nada agressivo. Nada que me constrangesse, sempre foi tudo muito bom, tanto por homens como por mulheres. E pelas travestis também, até com um pouco de ciúme, mas também. (Entrevista realizada com Hera em 28.03.2007).

Eu ia para a rua, porque todo dia você tinha que ter uma roupa diferente, para que chamasse a atenção. Então isso me fazia ser bem mais mulher. Quando você passava, as pessoas mexerem, a trajetória de você chegar no ponto, porque tinha uma trajetória, você passava pelo terminal, então os homens mexiam, e isso era bom. É bom você ser desejada. Ao contrário de quando você passava e os outros te criticavam, te xingavam, então isso deixava você mais para baixo. (Entrevista realizada com Eos em 24.02 e 07.03.2007)

As falas remetem à relação entre espacialidade e corpo, provocando rejeição ou admiração, legitimando de uma forma ou de outra as marcas do corpo, características do poder do gênero. Contudo, são as marcas da feminilidade, carregadas nos corpos das travestis, que paradoxalmente permitem a estes sujeitos o reconhecimento e enquadramento em determinado grupo identitário ou sua exclusão. Como afirmado por Louro (2004), as marcas incluem ou excluem corpos de específicos espaços e grupos, usufruindo ou não de direito. Em suma, dependendo da espacialidade vivida pela travesti, os corpos podem ser aprovados, tolerados ou rejeitados. Dependendo da espacialidade que o corpo se encontra, a travesti pode estar no centro, correspondendo ao padrão esperado de corpo, ou na periferia das relações de poder, sendo motivo de insultos, chacotas e até de atos violentos. A reflexão que a autora faz refere-se ao fato de que os corpos que transgridem as fronteiras do gênero, corpos em conflito com a ordem vigente de gênero, são marcados como corpos desviantes ou diferentes. Dependendo do corpo e da espacialidade do corpo, estes são tidos como corpos ilegais, como corpos infratores, sofrendo penalidades, sendo punidos.

Assim, os corpos que não correspondem com o que é esperado para o corpo no território, também sofre sanções como em qualquer outra espacialidade pois da mesma forma que o espaço constitui relações de poder, é por ele composto, posicionando corpos em centro e margem, compondo e sendo compostos pelo espaço paradoxal, como vistos nas seguintes falas:

As travestis do meu convívio elas têm um certo preconceito comigo. É que todas as travestis pensam que para ser travesti tem que estar entupida de silicone, peito grande, tudo transformado. Mas eu não penso assim, e sabe porque? Se encha de silicone e vá procurar emprego! Eu vivo da noite, mas eu não posso sobreviver da noite. A noite para mim é um complemento de renda. Eu tenho meus sonhos, eu tenho meus desejos. Então é o meu complemento de renda. E é também o local onde eu me realizo, meu lado feminino, meu lado mulher. Não é o silicone que faz o travesti.

Mas, eu não fui bem aceita, sabe, sofri o preconceito com o pessoal, porque daí quando eu sai do exército eu tinha um corpo masculino, não tinha cabelo, cabeça raspada. Então botei uma peruca, um vestidinho curto e fui. Deram risada, me xingaram, *o que você pensa que é, tá se achando travesti*, isso das amigas. *Porque nem feminina você é, o que você quer, um homem barbudo de saia*. Elas me viram assim. Eu via dentro de mim a travesti que eu sou hoje, entendeu. Montada, belíssima, na minha cabeça. Bonita! Belíssima não existe. Bonita, feminina. Pode-se dizer uma mulata, quase a Thaís Araujo. O mais próximo que eu pude chegar dela. Eu já via isso em mim, e elas não. Que o meu físico não deixava elas verem isso, entendeu. O meu físico era inaceitável. Eu querer, me achar bonita, feminina se tinha acabado de sair do exército. Na cabeça delas eu era um boy de peruca na esquina. Eu nunca fui aceita. Eu sempre corri, sempre me escondi. (Entrevista realizada com Nike em 01.02.2007).

Na escola era terrível, eu tive até que parar de estudar porque o preconceito era terrível. O pessoal esperava eu sai da escola para me pegar na saída para me bater. Me batiam porque eu era homossexual. Daí eu terminei o primeiro grau. Daí eu não consegui terminar mais. Não consegui ir para o segundo porque era muito preconceito. (Entrevista realizada com Eirene em 03.04.2007).

Discutindo o processo através do qual se visualiza uma transformação na maneira como os grupos sociais experienciam o tempo e o espaço, Harvey (2002), a partir de um diálogo com Bourdieu, propõe que as divisões dos grupos sociais são projetadas espacialmente, em uma organização espaço-temporal, atribuindo a cada fenômeno o seu espaço-tempo, pois seria através da relação dialética entre corpo e configuração espaço-tempo que práticas e as representações das práticas seriam determinadas. A idéia que existiria um espaço e tempo para tudo é muito válida sob o prisma que as ações sociais teriam tempos e espaços específicos de ocorrência. Assim, a possibilidade de existência socioespacial das travestis se faria relacionada ao território da prostituição travesti, com uma espacialidade definida, e com uma temporalidade definida, notadamente noturna.

A existência da travesti vai além da instituição de uma identidade, não devido

ao sujeito ir além da tecnologia de gênero disponível, mas devido ao fato de que a coerência e consistência do sujeito vai além das ligações estabelecidas entre raça, etnia, sexualidade e classe, todavia, a partir de vínculos espaciais discursivamente constituídos. É através do espaço que as noções de gênero são produzidas, reproduzidas, e negociadas, pois como visto em Spink e Medrado, “o discurso é uma regularidade lingüística (...) remetendo ao uso institucionalizado da linguagem e de sistemas de sinais de tipo lingüístico.” (1999, p. 43), processo este que ocorre desde a macro sistemas sociais, à micro sistemas, notadamente relacionados aqui ao grupo territorial das travestis.

Falar em território da prostituição travesti pressupõe falar de controle de área, notadamente a área que foi definida e apropriada, como visto por Silva (2002), uma área onde a *normalidade* é a existência de um conjunto de comportamentos “desviados, aberrantes e transgressores”. O controle do território pressupõe uma certa união das travestis envolvidas com a atividade da prostituição, na reprodução cotidiana do território. Desta forma, entendemos controle do território como um conjunto de ações, postas em prática pelas travestis profissionais do sexo, objetivando a re-produção do território, a partir da demarcação de atitudes esperadas às travestis, não incluindo ou excluindo travestis, mas marcando corpos a partir de relações de poder, entre centro e margem. Visualizando o território da prostituição travesti, a partir de uma escala de análise, detectamos que este se coloca como um contra-poder, contraditório / complementar a heteronormatividade. Contudo, quando mudamos a escala de análise, novos conteúdos nos são descortinados, pois como visto por Castro (2000),

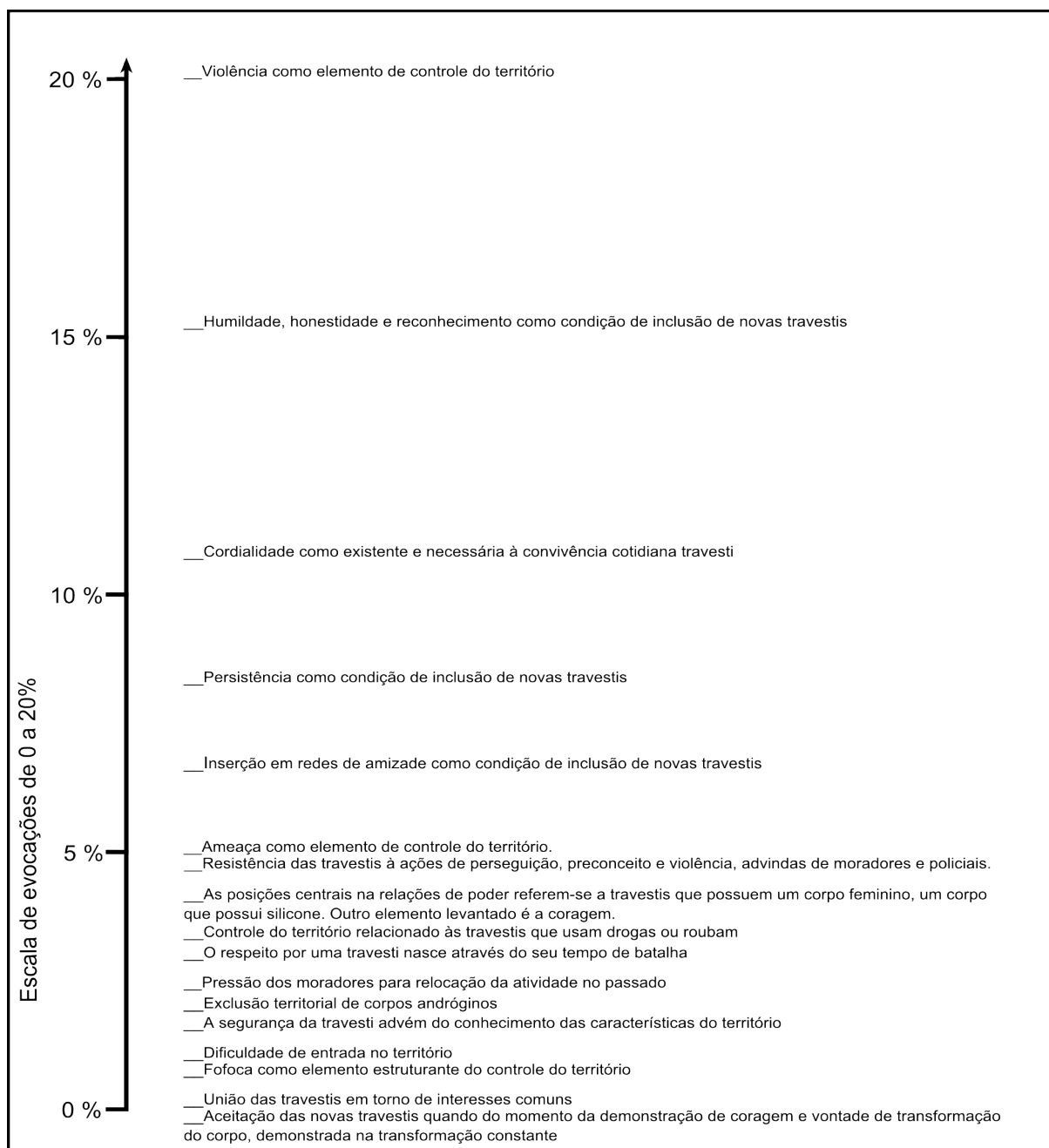
quando o tamanho muda, as coisas mudam, o que não é pouco, pois tão importante quanto saber que as coisas mudam com o tamanho, é saber como elas mudam, qual o novo conteúdo das novas dimensões” (CASTRO,

2000, p. 137).

Em outra escala de análise as relações são completamente dispare, cabendo a nós estabelecer, a partir da mudança de escala de análise, os novos conteúdos das novas dimensões. As evocações feitas pelas travestis apontam tanto para ferramentas de *Controle do Território*, como para os resultados da implementação de tais ferramentas e normas, demonstrando um intenso feixe de tensões que formam o território da prostituição travesti em Ponta Grossa – PR.

O quadro II abaixo evidencia as evocações em seu conjunto, classificando os elementos pela frequência. Embora todos os elementos presentes nas evocações das travestis sejam importantes, alguns elementos se colocam como centrais ou predominantes nas falas do grupo.

O território surge da apropriação de uma rua ou um conjunto de ruas, durante determinado tempo. Assim, a existência de redes de relações sociais é condição desta apropriação, pois como visto por Mattos e Ribeiro (1996), é a partir da utilização de um conjunto de normas que os grupos profissionais do sexo garantem a apropriação da área, legítima para seus pares. Controle do território também é entendido, como visto por Ribeiro (2002) como violência, pois além deste estar relacionado a adoção e utilização de códigos, ações discursivas e corporais, esta se faz a partir da utilização da violência explícita, verbal ou física. No conjunto de evocações, a predominante se referia a utilização da violência como elemento de controle do território.



Quadro II – Preponderância das Evocações referentes a
TERRITÓRIO – CONTROLE DO TERRITÓRIO

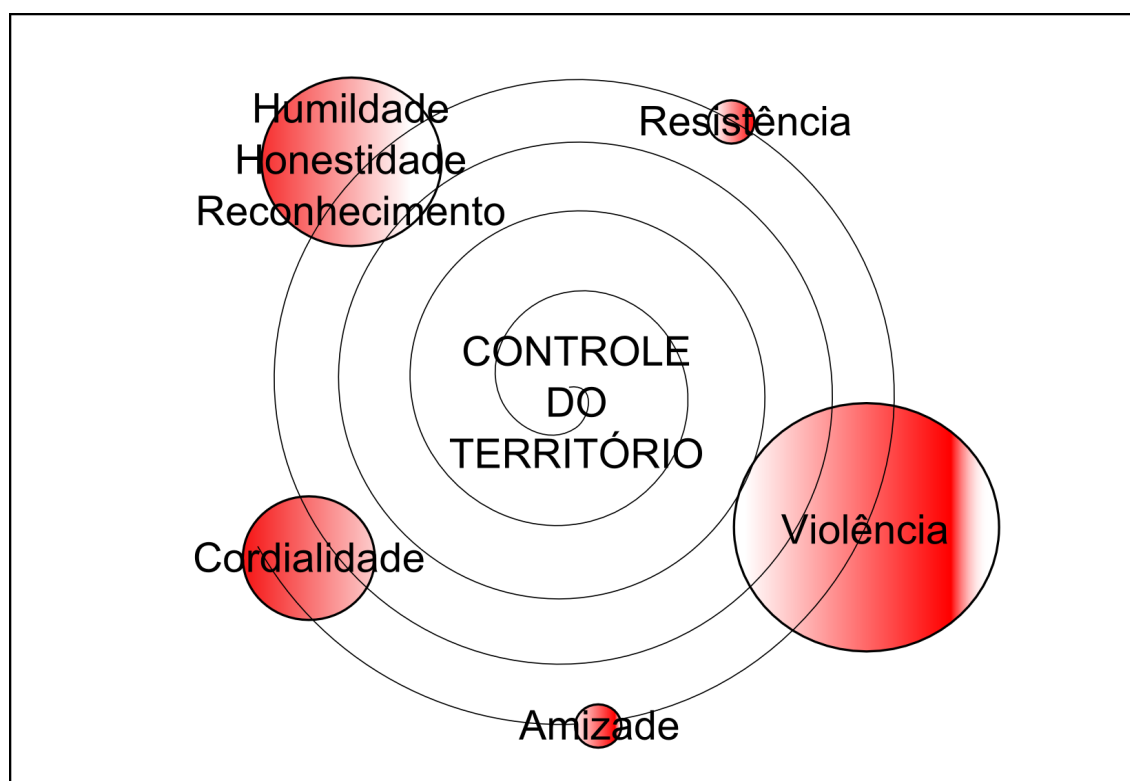
Fonte: Campo realizado entre março de 2006 a julho de 2007.

Organização: Marcio Ornat, 2007.

O território compõe-se de contradições. Além da violência, o território é também, como visto por Silva (2000), constituído por um conjunto de locais, onde se desenrola a construção de afetividades e se forjam identidades relacionadas ao grupo. Simultaneamente, estes mesmos locais são o foco de embates, que tem por constituição a violência, disputas de locais que compõe o território, pontos que

potencialmente possibilitam maiores ou menores rendimentos.

A violência vivida através do exercício territorial funciona como um ritual de passagem, estabelecido pelas velhas travestis, orientado à corpos que desejam aceitação no território, como visto no esquema 04 abaixo. Ao lado da violência, há a exigência da humildade, da honestidade, do reconhecimento da superioridade das 'mais antigas'. A resistência nesta conjuntura demonstra a vontade, a resignação e a aceitação das normas convencionadas no grupo das travestis, possibilitando a participação das/nas dinâmicas territoriais.



Esquema 04 – Ritual de Passagem.
 Fonte: Campo realizado entre março de 2006 a julho de 2007.
 Organização: Marcio Ornat, 2007.

O primeiro ato que demonstra a intenção de participar de tais práticas, e ingressar neste específico ritual, relaciona-se ao permanecer do corpo em algum local da área reconhecida como território de prostituição. O local escolhido relaciona-se as próprias características da travesti e seus clientes, como por exemplo a busca

por discricção. Via de regra, no território da prostituição travesti de Ponta Grossa, a principal via esta localizada na frente da Caixa Econômica Federal (ver cartograma 02, página 33). Esta é eleita pelas travestis como a principal via, devido ao fato de que, além de ser uma área em sua maioria comercial, é o caminho de deslocamento de veículos no sentido sul – norte no espaço urbano, via que tem pouca circulação de veículos familiares nos horários de atividade das travestis. Esta busca por locais com grande passagem de veículos é relacionada por Mattos e Ribeiro (1996) ao fato de que são estes clientes que proporcionam melhores rendimentos a sua atividade da prostituição. Mas não são apenas a estes pontos localizados nesta área que as disputas ocorrem, pois este *ficar no ponto* sempre esta relacionado a uma imposição de vontade, como visto na fala abaixo:

Eu vou ficar e pronto. Se a bicha for forte, tiver peito para ficar, coragem para ficar, ela fica. Agora se ela não tiver, dá pancadaria. Porque tipo assim, é muito raro quando uma briga de travesti fica só no bate-boca. É muito raro. Normalmente é via de fato. Pelo menos desde a minha época é. É igual o que eu falei para a travesti de fora: você não vai ficar! Se ela reagisse, ela apanharia. Este também é o caso de se a travesti for muito fofqueira, muito mexeriqueira, ficar colocando uma contra a outra, elas se reúnem e falam: você não fica mais aqui. Existe isso. Mas em matéria de só querer. Se eu não quero que você fique, eu tenho que ter um motivo, eu tenho que ir lá e falar. Se a bicha falar, me tire daqui, daí é pancada. Quem apanhar sai fora. Mas normalmente acaba apanhando, e bem mais tarde acaba voltando, porque dá dó, já apanhou, deixe ela, entendeu. Mas normalmente o controle é feito assim. Eu não sou assim, se eu tocar uma travesti da esquina, ai dela se ela voltar. (Entrevista realizada com Nike em 01.02.2007).

O controle do território, referente ao ponto onde fica a travesti, é via de regra, relacionado ao fato de dois corpos não poderem ocupar o mesmo local, lógica socializada por todo o grupo. Devido a isto, diversos momentos de tensão entre travestis são apontados, circunstâncias quando uma travesti deseja ficar no local escolhido por outra. Estes fatos sempre acabam em conflito, onde a primeira abordagem sempre acontece na conversa, no pedido e no respeito, culminando

muitas vezes no “bate boca”. Muitas travestis não desejam entrar em luta corporal, ou não se sentem aptas para realizá-lo. Quando tal fato ocorre, outros meios são ativados:

E se você não quiser brigar, você dá dez-quinze reais pro gurizinho, o gurizinho vai lá, bate e pronto. (...) Porque se (as novas travestis) vem falar pra gente que querem se transformar e querem trabalhar, a única coisa que eu falo, vá na farmácia, tome hormônio, vá se transformando, vá se cuidando, e faça um ponto pra você e trabalhe. Mas se cuide. E não é porque tá começando que eu vou ficar esnobando. Porque você é feia, isso e aquilo. Eu não tenho esse negócio. Mas se eu puder ajudar, eu ajudo. Mas longe de mim. (Entrevista realizada com Pandora em 05.03.2007).

A violência, notadamente ativada no controle do território, representa uma forma de expressão, uma forma de enunciação, a mobilização de atitudes que afirmam a presença da travesti frente as outras, assim como visto por Diógenes (1998), na sua discussão sobre os grupos identitários e a fragmentação social, tendo a violência como marca. A autora aponta que a violência pode estar relacionada, como visto por Michaud (1989), aos valores sob os quais ocorre a coesão do grupo em que a violência ocorre, em um processo de afirmação do *eu* em relação ao *outro*, ou como analisado por Arendt (2004), como uma forma muda de comunicação, referente a afirmação da invisibilidade e da exclusão compartilhada pelos integrantes deste grupo. Porém, como visto por Diógenes, a violência não é homogênea, podendo ser “instrumental ou gratuita”. Diferentemente do caso utilizado pela autora, da violência das gangues e entre as gangues, denominada de “violência gratuita”, recorrentemente não se colocando como um meio, mas por si só, sendo um “acontecimento, expressivo e sem objetivos” (1998, p. 165), a violência que detectamos entre as travestis é do tipo instrumental, articulando-se em torno de um objetivo, no caso a reprodução das mesmas relações hierárquicas de poder entre travestis, que tem possibilidade de ocorrência através do território.

Como dito acima, o território é composto por um conjunto de pontos, objetos de embates entre as travestis, estruturados a partir da violência. Contudo, os pontos de batalha podem agregar travestis por afinidade, pois isto é muito visível no território da prostituição. Quando falamos de afinidade, nos referimos a práticas convencionadas no grupo, estando dentre elas aquelas que são eleitas como centrais nas relações de poder, hierarquizando indivíduos entre centro e margem: a *beleza*, relacionada a visibilidade da transformação do corpo, e o *tempo de batalha*, são sempre lembrados.

O espaço compõe relações de poder, como é por ele composto. Desta forma, as travestis que aglutinam um maior número de elementos eleitos pelo grupo como centrais, são alocadas pelo discurso como travestis centrais, centralidade que é espacial, pois a estas fica “reservado” os melhores locais que compõe o território:

No meu caso eu vou te dizer que eu tenho um certo controle, bicha feia do meu lado não fica, não fica, pode ter cinco comigo ali, uma mais linda que a outra, eu não ligo, agora feia não. Daí eu falo, olhe não dá certo, procure outro lugar, entendeu? Eu sou sincera, eu falo mesmo, não dá. Até a maneira de vestir da pessoa me irrita as vezes, porque eu não sou vulgar. Se chegar uma pessoa vulgar vai acabar estragando, os vizinhos vão acabar não gostando, os clientes vão se assustar, então isso eu não quero para mim. Até porque eu vivo disso, eu tenho que cuidar disso. Eu converso com a pessoa, eu não sou da violência. Sou do papo. Ache um lugar que seja melhor para você. (Entrevista realizada com Hera em 28.03.2007).

Bom, na Caixa ali não desce. Ali onde nós ficamos só ficam as veteranas. Ali só as velhas, (...) só fica as velhas. Agora travesti novo nem fica ali. Não fica ali, a gente toca. A gente fala para ir procurar outra esquina, aqui não pode ficar. Se a gente deixar vira um galinheiro ali. (...) a gente busca manter a ordem. Se elas querem trabalhar, que nem a (travesti)³⁸, ela não trabalha lá na esquina. A (travesti) trabalha na rua de trás. A outra lá, a (travesti) também, trabalha lá, a (travesti) também, trabalha lá, lá embaixo. Elas não descem ali. Porque na época que a (travesti) era viva elas não desciam em lugar nenhum. (Entrevista realizada com Deméter em 18.04.07).

O controle do território também se coloca relacionado a humildade, como

³⁸ Os nomes foram substituídos por *travesti*, pois a inclusão dos nomes identifica os sujeitos.

visto no quadro II, atitude esperada das novas travestis, envolvendo este o ritual de passagem, visualizado no esquema 04. A humildade, eleita como preponderante, tem relação a um conjunto de deveres, de regras iniciais de comportamento àquelas candidatas a pertencer ao grupo das travestis e ao território da prostituição travesti, tanto às que são nascidas em Ponta Grossa, como às advindas de outros municípios. É esperado do comportamento das novas travestis, que estas não cheguem querendo ser maiores, superiores, mais bonitas. Relaciona-se ao chamado *dar close, chegar batendo o cabelo, de nariz empinado*. Ser humilde para o grupo é admitir que é nova, se colocar em seu lugar, lugar este relacionado a periferia das relações de poder, assumir que não é tão bonita quanto as demais, nem tão forte quanto as demais.

A humildade em diversas vezes vem acompanhada da honestidade, a não realização de furtos a clientes e transeuntes. E como visto por algumas travestis que já vivenciaram outros territórios, isto não está apenas relacionado ao território da prostituição travesti existente em Ponta Grossa, mas refere-se a qualquer território em que estas travestis desejem batalhar. Humildade também relacionada ao cultivo de amizades, ao conhecer as dinâmicas de funcionamento do território: qual travesti é central, quais não são, quais são as práticas convencionadas no território, qual o valor médio dos programas. Em suma, humildade é pedir para ficar, para se prostituir, saber qual local ficar, reconhecer que as relações de poder são estruturadas em centro de margem, posições de hierarquia que são tensamente ocupadas. Hierarquia que tem como um dos elementos o tempo de batalha, como visto nas seguintes falas paradigmáticas:

Humilde. Não querer das close, escutar mais que falar. Porque as bichas mais velhas tem a necessidade de falar para as novatas, as vezes elas falam para as novatas o que elas deveriam ter feito e não fizeram. Então a

novata tem que escutar. Obedecer não é a palavra certa, mas o respeitar e o escutar. Isso é o básico, ser uma pessoa humilde, é isso. Acho que em PG não tem esse negócio, outras cidades tem que pagar, aqui não tem que pagar, não tem disso. Tem que pagar cafetina. Vamos considerar que chega uma travesti nova aqui, a gente vai falar para ela, você pode ficar onde você quiser, mas não aqui, esta é a esquina que eu tô. O centro é grande, a rua é grande, é isso. Aí se ela fizer a linha: *tá bom, eu fico*. Com o tempo ela vai se aproximando e quando ver ela tá no meio da gente. Em outras cidades tem que pagar cafetina, se não não desce³⁹. A cafetina manda as outras travestis tirarem. (Entrevista realizada com Afrodite em 20 e 21.03.2007).

Ela tem que ser humilde. Primeiramente ela tem que ser humilde, tem que chegar, cumprimentar, perguntar se pode ficar, entendeu? Se pode ficar perto da gente, ou se tem um outro lugar que não vá atrapalhar. Ela tem que fazer a linha humilde. Aí às vezes ela acaba ganhando a confiança da outra. Que tem muitas vezes que tem o caso de chegar travesti e ficar perto de mim, daí eu digo: tchau, desce mais para baixo, eu quero trabalhar. Lá embaixo você pode ficar, cada uma tem o seu ponto aqui. Mas sempre as humildes ficam. O principal é a humildade. Tem que pedir para ficar. Tem que ser submissa primeiro. (Entrevista realizada com Atena em 04.04.2007).

O controle do território está relacionado a um conjunto de estratégias, como uma rede de relações sempre tensa, um modelo de batalha eterno. Batalha esta que tem por paradoxo a cordialidade de relações entre as travestis. Pensamos que estas declarações, tratando de uma vida de cordialidade entre as travestis, se relaciona ao fato da busca para que haja tal cordialidade, pois seu universo de amizades é restrito. Cabe ao grupo conviver com todo tipo de diferença e gestar toda forma de conflito, pois a existência de redes de relações sociais é condição tanto na instituição como na manutenção do território, como visto por Mattos e Ribeiro (1996). Se não houver cordialidade entre as travestis, uma cordialidade relacionada, ao menos, à busca de uma convivência pacífica, o território se esfacela, se acaba. E se existe a necessidade de cordialidade, esta pressupõe conversa e a conversa para o grupo das travestis pressupõe fofoca. Um falatório que parece ter como objetivo localizar as travestis em centro ou margem das regras criadas para normatização do grupo. As três falas abaixo demonstram claramente o paradoxo da violência e da cordialidade, necessárias ao grupo e ao território da prostituição travesti:

³⁹ Descer está relacionado a ir para a rua, se prostituir, mas não qualquer rua. O descer refere-se ao território.

Tem muita falação. Muita fofoca. Muito close, uma querendo ser mais bonita que a outra. Porque a minha cintura tá mais fina, porque o meu cabelo tá brilhando mais. Mas o geral, se passar um peneira, todo mundo se dá bem. Todo mudo conversa numa boa, mas a fofoca sempre existe. (...) Este blábláblá delas existe. E normalmente isto gera briga. (...) Mas isso é mais de boca, vias de fato é mais por território mesmo, por espaço. A não ser que a fofoca seja muito quente. Não é um povo que vive em comunhão. Deveria ser um povo mais unido da face da Terra, e na minha cabeça é o mais desunido. Por quê? A eterna concorrência, a travesti vai sempre estar concorrendo com alguém, sempre vai estar concorrendo com outra travesti, ela sempre vai achar que o cabelo da outra tá mais feio, mais bonito que o dela, ela sempre vai achar que a roupa... pera aí, se ela botou uma roupa, amanhã eu coloco uma mais cara. A gente fica uma semana de cara virada, daqui a pouco volta. (Entrevista realizada com Nike em 01.02.2007).

Mas passando uma peneira, elas se dão bem, em vista de outras cidades que elas se matam, se cortam e se picam, nas capitais assim, Curitiba, Porto Alegre, Santa Catarina. Isso acontece muito, que é a disputa de poder. Aqui não acontece isso em Ponta Grossa. Disputa de local, de esquina. Nas capitais isso tem muito. Nas capitais elas se matam, mas em cidades como Ponta Grossa não tem mais isso. Então as bandidonas que vem de fora, a gente bota pra correr. Se a gente não pode com uma, a gente se reúne com todas e bota pra correr. Nossa! Nessas horas somos bem unidas. Mesmo não se falando direito. (Entrevista realizada com Têmis em 12 de maio de 2006).

Eu cumprimentava a Pandora, perguntava como que foi a noite passada, a gente conversava um pouco, daí cada uma desejava boa sorte para a outra, e cada uma ia para o seu ponto. E daí só se encontrava na noite seguinte. Ali também todo mundo se cumprimentava, se dava beijo. Conversava uma coisa ou outra. Mais o básico. No centro não era como na rodovia. Na rodovia a gente conversava mais. Tinha mais intimidade, ali não era assim. Porque é assim, você passa no ponto, elas não querem que você fique parando, porque parou e deu close, já pára um e já pega você. É muita concorrência pelo dinheiro, por mais que elas digam que não é. Uma relação não muito amigável. Por exemplo, a que me tratava bem no centro era a Nike, a Têmis. A Artêmis eu vi uma vez. A Afrodite nunca vi no período que eu tava lá. Porque segundo as más línguas, a Afrodite vai quando quer. A Afrodite tem para ganhar. O que eu escutava é que elas estavam em guerra. A Têmis ficava mais na dela, tanto amiga de Nike como de Afrodite. Mas a Nike compara todas as travestis como colegas, ela diz que amiga, amiga mesmo (são duas). O resto das travestis são colegas. Você vê o veneno de como é, né? No dia que elas brigaram, você ouve os cometários, né? Você vai caçando, né. Que uma estava no lado de uma, depois estava do lado de outra, que uma lambia uma, depois lambia outra. Realmente se tornava um clima chato, né. Porque aparentavam que as duas eram bem amigas. Quando elas estavam de bem, elas conversavam muito bem. Depois que elas brigaram, ficou uma coisa chata. Mas enfim, são elas e não eu. (Entrevista realizada com Eos em 24.02 e 07.03.2007)

A persistência e a inclusão em redes de amizade também aparecem vinculadas ao controle do território, como condição de inclusão de novas travestis ao

território, neste ritual de passagem. A existência de vínculos de amizade de uma travesti, que não reside em Ponta Grossa, com as travestis que compõe o território da prostituição, é condição para que não haja resistência, ou para que esta seja menor, no ingresso de novas travestis. Muitas descobrem os locais freqüentados pelas travestis durante o dia, investindo na criação de uma amizade. Outras vão, a partir do próprio território da prostituição travesti, cativando uma amizade, um vínculo construído paulatinamente, ingressando paulatinamente do território.

O território da prostituição travesti, visto a partir de seu controle, produz um texto que é lido e interpretado por sujeitos que compõe ou que almejam compor as dinâmicas territoriais envolvendo o grupo das travestis. Este texto, conectado ao texto da heteronormatividade, possibilita que enquanto grupo, consigam viver, paradoxalmente, o espaço urbano a partir da prostituição. Vemos o território da prostituição travesti, instituído pelo grupo, mas simultaneamente instituinte do grupo, e constantemente criado, da mesma forma que continuamente os comportamentos das travestis são inventados, recriando e transgredindo a linearidade dos gêneros. Mesmo tendo uma vivência constituída por diversas formas de espacialidade, as travestis se instituem enquanto grupo e enquanto sujeito, socializando suas experiências a partir de uma especificidade temporal e espacial, através território da prostituição travesti.

2. Território e prostituição: condição de existência do ser travesti

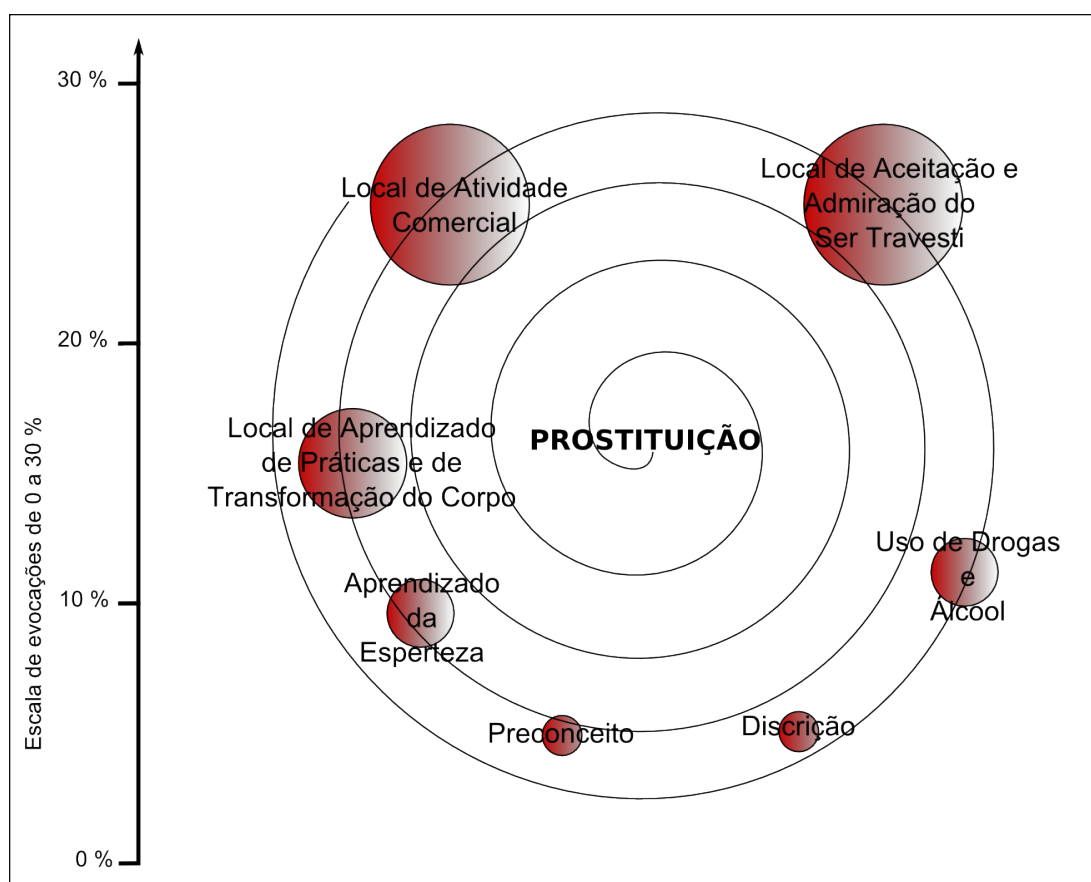
Todas as travestis mostraram que o ingresso no grupo e a permanência no território da prostituição travesti com fins comerciais não é uma ação automática e

simples. Para que a travesti possa ficar na esquina, para que ela possa ir para o território se prostituir, é necessária a aceitação das velhas travestis. Vemos que isto é quase uma questão de vida ou de morte. Buscasse incessantemente adentrar ao grupo, participar de suas práticas, viver o território da prostituição travesti como as demais travestis. E para isto são lançados mão de um conjunto de táticas, como a resistência e persistência de, mesmo tendo levado um “corridão” em um dia, voltar para à noite no outro dia, e assim sucessivamente. Outra tática alçada pelo grupo pode ser mostrada na fala de Afrodite, uma entrada no território de forma paulatina:

No meu caso como eu falei, eu fiz igual a mineiro, eu fui comendo quieto. Eu tava lá e não tava. Como elas me viam, elas não em viam. Eu ia lá e oi, tudo bom com você? Ai, eu vou no bar, e sumia. Não dei aquele tempo de *fiquei e levei corridão*. Eu fui chegando tão mansa que quando elas se deram por conta eu já estava lá. Mas eu pagava pau, fiquei quase um ano assim. Bebida, tudo que elas pediam eu dava. E foi graças a isso que hoje em dia eu sou super respeitada. Eu ia a noite mais para perguntar, eu adorava ficar conversando com elas. E elas eram bem escaldadas, travesti não gosta de ficar conversando. Elas fugiam de mim. Eu começava a perguntar que hormônio elas tomavam, coisas de silicone, elas fugiam de mim, elas pareciam um sabonete. *Ai, tô trabalhando, pare com esse assunto, sai daqui Alice! Alice no país das maravilhas. Sai Alice! Ainda esta no país das maravilhas?* Toda travesti novinha a gente chama de Alice, porque ainda esta no país das maravilhas, ainda não caiu a ficha, que esta vida é uma vida difícil e sofrida. (Entrevista realizada com Afrodite em 20 e 21.03.2007).

As falas das travestis demonstram que o interesse relacionado ao território vai além do ganho financeiro obtido com o comércio das práticas sexuais. Este elemento, trazido pela travesti Afrodite, mostra o papel do território, um dos textos invisíveis de que trata Duncan (1990), demonstrando o paradoxo da importância do território ao ser travesti, uma espacialidade que, como lembrada por uma das travestis, possibilita que estas possam viver aquilo que gostariam de viver durante todo o dia, mesmo que esta seja uma vida sofrida e difícil. Podemos substituir este “todo dia”, por outras espacialidades. É perante isto que o território nasce como elemento preponderante do sujeito.

O território, enquanto elemento fundante da vida adulta da travesti, apresenta-se relacionado a categoria *Prostituição*, como visto no esquema 03 abaixo, categoria preponderante quando tido o território como constituidor da memória das travestis. Dos totais de falas referentes a Território – Prostituição, mais de 60% estiveram orientadas aos seguintes elementos: ao território como uma atividade comercial; como um local de aceitação e de admiração do ser travesti; como um local de aprendizado, tanto de práticas convencionadas no grupo como de técnicas de transformação do corpo; um local de existência de consumo de drogas e álcool; existindo violência e preconceito; devendo a travesti, com o objetivo de evitar embates entre diversos grupos, buscar discrição. O esquema 05 a seguir demonstra, dentro destes 60%, as preponderâncias das evocações, tomadas em seu conjunto:



Esquema 05 - PROSTITUIÇÃO.

Fonte: Campo realizado entre março de 2006 a julho de 2007.

Organização: Marcio Ornat, 2007.

Desde o início deste trabalho não descartávamos a visualização do território da prostituição travesti como um meio de auferição de renda. O fato das evocações *Local de atividade comercial* e *Local de aceitação e admiração do ser travesti* ter os mesmos percentuais de evocação de 22% confirma que a vida espacial da travesti é estruturada a partir do paradoxo de interdição e de acolhida espacial, notadamente o território.

Nossa sociedade não reserva às travestis outra atividade produtiva fora da prostituição, tendo como única saída uma prática associada a comercialização sexual que ocorre através do território. O espaço do trabalho, para as travestis constituindo-se como espaço interdito, é o elemento contraditório / complementar do território, sendo este o local de reconhecimento do sujeito travesti. É através deste fenômeno, com localização temporal e espacial, que ocorre a relação entre espaços interditos e território da prostituição travesti, vinculando-se a transferência do indiscutível e inaceitável espacialmente, notadamente relacionado a casa, ao espaço urbano, a escola, ao trabalho, e aos mais diversos espaços interditos, ao discursivamente e espacialmente tratável, através do território. Assim, como visto nas seguintes falas paradigmáticas:

Se eu pudesse trocar tudo isso eu trocaria, por um trabalho. Não que me forçasse a me vestir como homem, isso jamais, mas como eu sou sim. Se eu conseguisse um emprego em uma loja eu venderia e ficaria feliz. Sairia da rua e ficaria ali tranqüila. Mesmo agüentando o preconceito e a humilhação, porque eu sei que tem. Eu encararia, eu trocaria noite pelo trabalho. (Entrevista realizada com Hera em 28.03.2007).

Eu queria continuar meu trabalho de ativista, trabalhar. Arrumar um emprego e trabalhar. Não apenas de ativista, em qualquer área. Arrumar um emprego e trabalhar, pra eu poder ajudar a minha mãe. Mostrar para a minha família que não foi a minha vida inteira só a prostituição. Que eu tenho capacidade. Que eu fui capacitada pra ser alguém, pra ser uma profissional. (Entrevista realizada com Héstia em 15.03.2007).

Sempre vai vir alguém e falar que tem que mudar. (...) Nunca eles vão aceitar você do jeito que você é. Mas depois que passar no concurso, me esperem. Porque nunca vai ser tarde. Eu tenho 23 anos, com 24 eu passo em um concurso, se Deus quiser.

Porque tem dias que você tá neurótica. Hoje vou levantar, vou tomar hormônio, já tô indo para Curitiba, to botando seio, já to linda na rua. Teve isto também. Porque eu já tinha perdido as esperanças. Tava formada, não arrumava emprego, saia procurar e não conseguia nada. Então pensava: será que este é o meu destino? (Entrevista realizada com Eos em 24.02 e 07.03.2007)

Embora Benedetti (2000) argumente sobre a necessidade de divorciar a identidade travesti e a atividade da prostituição, também é fato, infelizmente, de que a grande maioria das travestis brasileiras tem sobrevivido graças à esta atividade. A transformação do corpo da travesti vai muito além da necessidade estética relacionada à prostituição, como se a construção do corpo estivesse apenas referida a obtenção de ganhos. Contudo, não podemos minimizar a condição que é imposta à vida de interdições vividas pelas travestis, sobretudo no mundo do trabalho.

O território, assim, é um local de auferição de renda. Todavia, este território, além de lhes garantir a sobrevivência econômica, é um importante elemento fundante do sujeito travesti, pois da mesma forma que os mais diversos espaços interditos impossibilitam a mais simples vivência espacial, é através do território que as travestis obtêm e vivem uma intensa espacialidade, notadamente territorial. As entrevistas realizadas evidenciam a importância do território na existência das travestis, tanto relacionado a um local de amizades e redes de solidariedade, como possibilitando a constituição do ser travesti, constituição esta que envolve tanto a adequação de comportamentos aos códigos do grupo, quanto à transformação do corpo, como visto nas falas paradigmáticas abaixo:

No começo você não sabe se maquiar, mas você vê uma, duas ou três vezes, você pega todo o macete, o truque como que é. O cabelo também (...). Isso a gente aprende na noite. Isso a gente aprende vendo. (...) Muito da feminilidade que eu sou hoje eu aprendi na noite. (Entrevista realizada com Pandora em 05.03.2007).

Já para a minha transformação, me ensinou a ser mais feminina, né? (...) Me tornou mais mulher. (...) O lugar na noite me ajudou para eu ser bem mulher, totalmente mulher. Totalmente feminina, a minha cabeça mudou totalmente. (Entrevista realizada com Eos em 24.02 e 07.03.2007).

Teve uma influencia total. Hoje eu sou uma pessoa mais forte. Quando eu era criança, se uma pessoa me falasse alguma coisa para mim eu chorava, hoje em dia não, hoje em dia eu retruco. Eu perdi totalmente a vergonha, pelo fato de eu fazer programa, então eu sou obrigada a me comunicar com as pessoas, eu era tímida e hoje em dia eu não sou. (...) Hoje sou uma pessoa mais forte, eu não deixo mais pessoas me passagem mais a perna. Hoje em dia eu sou cobra criada, com certeza. Antes não antes eu era bem ingênua. E tanto que eu caí na rua, às vezes eu não sofri tanto que as travesti percebiam que eu passava uma ingenuidade para elas. Eu pensava que ser travesti era ser uma mulher, casar, ganhar jóias do marido (deu uma gargalhada), era isso que eu pensava. (...) Eu aprendi na rua, tudo eu aprendi na rua. A minha vida mudou. Tudo, tudo, tudo eu consegui, cirurgia plástica, através da rua. O travesti vira travesti na rua. Como eu falei para você, eu nem sabia que travesti era ativa. Eu fiquei assustada, a primeira vez que eu fiz ativa, eu fiz dando risada. Ele de quatro e eu dando risada. Eu achei que era uma coisa do outro mundo. (Entrevista realizada com Afrodite em 20 e 21.03.2007).

É através do território da prostituição travesti que se apreende e se ensaia as formas de comportamentos, significados lingüísticos, sinais corporais que permitem as provocações, assédios, disputas e rivalidades. Os elementos comuns são a esperteza, a força e a malícia, elementos sempre lembrados e considerados, necessários na composição do ser travesti. No processo de aprendizagem é comum a figura da 'madrinha' que, geralmente, é uma travesti experiente e de valor moral reconhecido segundo os códigos identitários do grupo. A 'madrinha' possibilita um aprendizado mais rápido do ser travesti, além de avalizar seu ingresso mais tranqüilo no território repleto de conflitos de toda ordem. Afinal, a vivência cotidiana dessas pessoas é marcada por situações de insegurança, descaso e abandono. São em função destas adversidades sofridas, em outras espacialidades, que elas se tornam mais decididas, mais firmes, mais fortes, mais espertas, guerreiras em defesa de suas próprias vidas, criando uma couraça espessa para suportar o sofrimento, a violência e a intolerância social.

A relação entre o território e as transformações gradativas do corpo, para

atingir o objetivo do corpo travesti, é comum em suas expressões. É no território que elas observam, apreendem e produzem práticas e técnicas corporais, criam maneiras de se vestir, se maquiar, enfim, incorporam os elementos identitários do universo feminino ao corpo biologicamente masculino e realizam, paradoxalmente, a 'subversão da idéia' de que o sexo é o definidor do gênero, reiterando discursos normativos e disciplinares, a partir da utilização de elementos próprios do pólo feminino. Estes comportamentos são ações de comunicação próprias do território da prostituição travesti que constituem simultaneamente um espaço de laços afetivos, sociabilidade e identidade, estruturados a partir de discursos que re-significam os corpos, os prazeres, os desejos e os amores.

O corpo é uma matriz de comunicação, onde características físicas, não verbais, gestos, comportamentos, objetivados como marcas do corpo, compõem esta ação, movimento que ocorre através do território. Assim, o território é elemento que institui o ser travesti e é por ele instituído num movimento constante de mudanças e localizações das relações de forças.

Esta análise difere das clássicas formas de visualização do território como um simples resultado de uma ação grupal que objetiva delimitar e controlar, *produto* da junção de espaço-fronteira-poder, demandando ações de manutenção.

A pesquisa realizada trouxe novos elementos de reflexão para compor o conceito de território. As relações presentes no espaço de atividade de prostituição travesti em Ponta Grossa é um território que pode ser compreendido por um espaço apropriado por um grupo que exerce a centralidade das relações de poder, ou seja, uma complexa relação existencial que institui sujeitos - espaço - poder e é simultaneamente por eles instituída, através das performances cotidianas.

Assim, como Rose (1993), o território é paradoxal, constituído por múltiplas e

variadas dimensões e espacialidades do ser travesti, posicionando sujeitos ora no centro, ora na margem de relações de poder, dependendo das marcas que estes corpos carreguem. Um território que se faz da separação / conexão entre eu e outro, entre centro e margem em constante movimento.

O território da prostituição travesti é altamente transitório, em construção permanente, tanto quanto o corpo, o sexo, o gênero, o desejo e a vida. Vai além de uma mera área apropriada e controlada, constituindo-se também com instituído e instituinte das identidades travestis, recriando e tensionando a heteronormatividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Construímos, durante a caminhada realizada, a compreensão da co-relação existente entre o território da prostituição travesti e a instituição do sujeito travesti na cidade de Ponta Grossa, Paraná. Tratamos de sujeitos que com suas práticas espaciais, simultaneamente se apropriam de determinadas porções do espaço, transformando-os em território, e paradoxalmente transgridem e reproduzem a heteronormatividade compulsória.

Aos sujeitos que não correspondem a linearidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo, são socialmente qualificados como desviantes, doentes e imorais. As travestis são pessoas que a partir de suas práticas desnaturalizam a linearidade rígida entre sexo, gênero, desejo e prática sexual. Contudo, a partir da performatividade, reiteram em seus corpos um conjunto de práticas e normas sociais de gênero que são anteriores ao agente. Como visto por Butler (2003), o gênero enquanto uma identidade sutilmente constituída espacialmente e temporalmente, é produzida através da repetição estética de ações. Assim, a apreensão da dimensão espacial constituidora deste processo é de fundamental importância, notadamente relacionada ao território.

Nosso conceito inicial referenciava-se ao entendimento de um território como área definida e delimitada por e a partir de relações de poder, um espaço apropriado por um grupo social e delimitado por uma fronteira que estabelecia e reforçava a posição de *insider / outsider*, como visto por Souza (2000), um processo de inclusão e exclusão de objetos, indivíduos e ações. Entretanto, a posicionalidade do pesquisador em relação ao grupo focal, com suas experiências espaciais, possibilitou o re-arranjo do conceito do território na exploração da dissertação.

Assim, a partir da triangulação de informações levantadas, tanto pelo campo orientado à construção da dissertação, como compondo a pesquisa relacionada aos espaços de interdição da vivência espacial travesti⁴⁰, compreendemos que a vida desta pessoa é estruturada pelo paradoxo entre interdição espacial travesti e o território da prostituição travesti, uma única possibilidade socialmente permitida de sobrevivência dessas pessoas.

Constatamos que a mesma sociedade heteronormativa que exclui as travestis dos espaços de convivência social diurna, possibilita a criação dos território da prostituição travesti e comercialização de práticas sexuais, noturna. Pois, o poder que busca normatizar os comportamentos dos corpos, como visto por Foucault (1998), não distingue pessoas entre dominados e dominantes, mas complexidades existenciais, portanto espaciais.

Assim, adotamos o conceito de território definido por um espaço apropriado por um grupo que exerce a centralidade das relações de poder. Território constituindo uma complexa relação existencial que institui sujeitos - espaço – poder e é simultaneamente por eles instituída, através das performances cotidianas. Território que é constituído pelo paradoxo entre centro e margem nas relações de poder, partes integrantes do território da prostituição travesti.

Um calidoscópio espacial complexo, que é composto, como defendido por Duncan (1990), por um conjunto de textos que são depositários e transmitem informações, um espaço – discurso, comunicado por práticas sociais. Estes textos que compõe, nos termos do autor, a “paisagem texto”, são intertextuais, se interrelacionam, se entrecruzam. Assim, construímos a partir desta dissertação a visibilidade de um dos textos não hegemônicos e sua dimensão espacial,

⁴⁰ Protocolo de Pesquisa “Ausências e silêncios do discurso geográfico: a produção do espaço interdito”, tendo como pesquisadora responsável a Dr^a Joseli Maria Silva

relacionado às travestis profissionais do sexo. Da mesma forma, a construção da visibilidade do texto produzido pelas travestis, possibilitou que vislumbrássemos que este texto é um texto à margem do poder hegemônico, mas paradoxalmente possível e existível na mesma relação com a hegemonia, visível na afirmação do grupo, de que *os mesmos homens que fecham suas portas durante o dia são os que abrem suas pernas durante a noite*.

Travestis possuem identidades múltiplas, plurais e espacialmente pluri-localizadas, formando o espaço paradoxal, constituído por múltiplas teias de sociabilidade, cada uma com suas próprias espacialidades, sendo o território uma delas, assim como proposto por Rose (1993). As teias podem se interceptar, serem autônomas ou complementares, ou mesmo contraditórias. Estas espacialidades compõem a memória das travestis, captadas nos relatos de vida, demonstrando a constituição da experiência urbana do ser travesti. Constituem-se como elementos de identificação que acabam fortalecendo os próprios laços sociais estabelecidos na vivência do território da prostituição.

As travestis profissionais do sexo constituem-se num processo interminável de transformação. Assim, os relatos do passado estão impregnados e impregnam os códigos identitários hodiernos, formando um universo coerente de elementos que dão sentido a sua existência, mesmo frente as diferenças internas ao grupo e ao poder da heteronormatividade.

Assim, as espacialidades vividas pelas travestis são de fundamental importância à existência do grupo, mesmo que elas sejam fruto de sofrimentos, exclusão e interdição. As espacialidades que compõem as memórias travestis simultaneamente criam os laços de afetividade do grupo de pertença e a diferenciação entre outros grupos. São constituidoras da experiência travesti e da

identidade travesti, relacionadas a reprodução da heteronormatividade, bem como de sua transgressão. As principais espacialidades evocadas nas falas das travestis estavam relacionadas à casa ao espaço urbano, e ao território.

A espacialidade da casa e do espaço urbano, como constituidoras das memórias e da vivência travesti, demonstraram que as relações que se estabelecem envolvem a mãe, o pai, os familiares, amigos de infância, e sociedade de forma geral. De um lado é na espacialidade da casa que o corpo não alinhado a heterossexualidade é apontado como desviante e transgressor, sendo na maioria das vezes rejeitado. Todavia, paradoxalmente, é nesta mesma espacialidade que o corpo já travesti, na relação conjugal, busca os elementos do pólo feminino, como fundamentais na manutenção do relacionamento. Assim, é na fase adulta, através da performatividade, que regras e normas são reiteradas, cristalizando em uma relação conjugal de indivíduos em conflito com a ordem vigente de gênero, as mesmas normas contidas na heterossexualidade compulsória. Assim, estas espacialidades são apontadas como formadas pela mescla de elementos de aceitação e rejeição.

As experiências que são vividas pelas travestis profissionais do sexo, experiências relacionadas a casa e ao espaço urbano, são compartilhadas no grupo, promovendo processos de identificação, processo que conflui para o espaço que se torna território. É a vivência do território, instituído por normas e comportamentos orientados aos corpos, que produzem as identidades travestis, conseguindo localizar estas pessoas perante outros grupos sociais. Porém, as posições de sujeitos são móveis, em centro e margem, pois o território da prostituição travesti é relacional, envolvendo configurações de poder entre os sujeitos que configuram as relações. O território paradoxal é constituído por múltiplas dimensões, podendo a travesti em

cada uma delas se encontrar em centro e margem de relações de poder. É esta possível plurilocalização das travestis que pode subverter a ordem de forças entre *eu* e *outro*, pois estes são simultaneamente separados e conectados.

É através do território, na relação corpo – espaço, que a travesti provoca a rejeição e a admiração. São as marcas dos elementos próprios ao feminino que possibilitam o enquadramento ou a exclusão de determinado grupo social, corpos que sofrem sanções dependendo da espacialidade que se encontrem. Isto é possível pelo fato de que o espaço constitui relações de poder entre centro e margem, da mesma forma que é por ele composto.

O território paradoxal é gestado pela violência, funcionando como um ritual de passagem, orientado à corpos que desejam aceitação no território. Outro elemento deste controle é a humildade, atitude esperada das novas travestis, relacionada a um conjunto de deveres e regras de comportamento àquelas desejosas de pertencer ao grupo e ao território da prostituição. Ser humilde para o grupo é admitir que é nova, colocando seu corpo no lugar relacionado a periferia das relações de poder

A violência pressupõe batalha, que tem no território relação paradoxal como a necessidade da cordialidade, que é muitas vezes entendida como amizade. O grupo, embora mantenha relações de violência entre seus componentes, procura conviver com todo tipo de diferenças, gestando conflitos. É este texto produzido pelas travestis que lhes possibilita uma sobrevivência enquanto grupo, paradoxalmente, a partir da prostituição. Território que é instituído e instituinte do grupo.

O território compreende *local de ganhos* e *local de admiração e aceitação de forma* complementar, confirmando o paradoxo de interdição e acolhida vivida

especialmente pelas travestis. O território é um local de obtenção de ganhos da comercialização das práticas sexuais, mas também um elemento importante na constituição do ser travesti. Uma importância que se relaciona a construção de amizades e redes de solidariedade, e a construção do ser travesti, da adequação de comportamentos à transformação do corpo. É a partir do território que ocorre o aprendizado do ser travesti, permitindo aos sujeitos adentrar no universo de provocações, assédios, disputas e rivalidades. Um território que é constantemente constituído e constituinte, assim como corpo, o sexo, o gênero, o desejo e a vida.

REFERÊNCIAS

- ARENDRT, H. Sobre a violência. In: BITTAR, E. ; ALMEIDA, G. **Curso de Filosofia do Direito**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2004.
- BACHELARD, G. **The Poetics of Space**. M. Jolas. New York: Orion Press. 1964.
- BENEDETTI, M. **Toda Feita: o corpo e o gênero das travestis**. Dissertação Mestrado em Antropologia Social – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2000.
- BINNIE, J.; VALENTINE, G. **Geographies of sexuality – a review of progress**. Progress in Human Geography 23,2 (1999) p. 175-187.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. 160 p.
- BUTLER, J. **Bodies that Matter: On the Discursive Limits of "Sex"**. New York & London: Routledge, 1993.
- _____. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 236 p.
- CAMPOS, H. Á. Permanência e Mudança no Quadro de Requalificação Espacial de Cidades Brasileiras: O Caso das Territorialidades do Sexo na Área Central do Recife. In: **Revista Território**. Nº 09, Rio de Janeiro, Jul/Dez 2000. p. 25 – 43
- CANÇADO, A. Paixão e honra: criminalidade passional em Ponta Grossa na década de 30. In: **Espaço e Cultura: Ponta Grossa e Campos Gerais**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2001. p. 193 - 208
- CASTRO, I. E. de. O Problema da Escala. In CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L (Orgs.). **Geografias: Conceitos e Temas**. 2ª edição, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 117 – 140.
- CATONNÉ, J. P. **A sexualidade, ontem e hoje**. 2ª Edição. São Paulo: Cortez, 2001. 120 p.

CHATEAU, J. **O Jogo e a Criança**. São Paulo: SUMMUS, 1987. 139 p.

CORRÊA, R. L. Espaço, Um Conceito - Chave da Geografia. In CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L (Orgs.). **Geografias: Conceitos e Temas**. 2ª edição, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 15 – 47.

CONSGROVE, D. Geografia Cultural do Milênio. In: CORRÊA, R. L; ROSENDAHL, Z. **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. 248 p.
COSGROVE, D. A Geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L; ROSENDAHL, Z. **Paisagem, Tempo e Cultura**. . Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. 123 p.

CUCHE, D. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1999. 258 p.

DIÓGENES, G. **Cartografias da Cultura e da Violência: Gangues, Galeras e Movimento HipHop**. São Paulo: Anablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desportos, 1998. 246 p.

DUNCAN, J. S. **The city as text: the politics of landscape interpretation in the Kandyan Kingdom**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. 229 p.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988. 152 p.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1998. 295 p.

GALLINA, J. F. Pós-Feminismo a partir de Judith Butler. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, 14(2): 549 - 571, Maio – Agosto/2006.

GOMES, P. C da C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. 366 p.

GREINER, C. **O corpo: pistas para estudos interdisciplinares**. São Paulo: Anablume, 2005. 150 p.

HAERSBAERT, R. **O Mito da Desterritorialização: do “Fim dos Territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. 400 p.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2002. 349 p.

KULICK, D. **Travestis, sex, gender and culture. Among brasilina transgendered prostitutes**. Chicago: The University of Chicago Press. 1998.

LOURO, G. L. "Pedagogias da Sexualidade". In: —. (Org.) **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte, Autêntica. 1999.

_____. Teoria Queer: Uma política pós-identitária para a educação. In: **Revista de Estudos. Feministas**, 2001, vol.9, no.2, p.541-553. ISSN 0104-026X

_____. **Um Corpo Estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004. 90 p.

MATTOS, R. B. de; RIBEIRO, M. Â. C. Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro. In: **Revista Território**. Vol. 01, nº01. Rio de Janeiro. Jul/ Dez, 1996. p. 59 – 76.

MAYOL, P. O Bairro. In: Certeau, M. de; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, Cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996. 372 p.

MCDOWELL, L. **Gender, Identity and Place. Understanding Feminist Geographies**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999. 284 p.

MICHAUD, Y. **A Violência**. São Paulo, Ática, 1989.

MOTT, L.; CERQUEIRA, M. **Matei porque odeio gay**. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2003. 179 p.

NABOZNY, A. **A participação política e gênero na produção dos espaços de pobreza em Ponta Grossa - PR**. Relatório Final de Iniciação Científica. Universidade Estadual de Ponta Grossa, sob orientação da Prof^{ra}. Dr^a. Joseli Maria Silva, 2005.

OLIVEIRA, R. da S. Do espaço fechado ao espaço coletivo: o balé do lugar em meio à territorialidade da prostituição dos travestis na área central de Nova Iguaçu, Rj. In: RIBEIRO, M. A. **Prostituição na metrópole carioca**. Rio de Janeiro: Editora Eco-museu Fluminense, 2002. 160 p.

ORNAT, M J. **Pobreza, gênero e deslocamentos espaciais intra-urbanos em Ponta Grossa – PR**. Relatório Final de Iniciação Científica. Universidade Estadual de Ponta Grossa, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Joseli Maria Silva, 2005.

ORNAT, M J.; SILVA, J. M. Deslocamento cotidiano e gênero: acessibilidade diferencial de homens e mulheres ao espaço urbano de Ponta Grossa – Paraná. In: **Revista de História Regional**. Volume 12, Número 01 – Verão de 2007. p. 175 - 195

PELÚCIO, L. Na noite nem todos os gatos são pardos. Notas sobre prostituição travesti. In: **Revista Semestral do Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu**. Universidade Estadual de Campinas, julho – dezembro de 2005. p. 217 – 248.

PELÚCIO, L; MISKOLCI, R. Fora do Sujeito e Fora do Lugar: Reflexões sobre performatividade a Partir de uma Etnografia entre Travestis. Texto incluso no CD do **30º Encontro Anual da ANPOCS**, 2006. Disponível em: <www.ufscar.br/richardmiskolci/>. Acesso em: 20 de agosto de 2007

PERES, W. S. **Subjetividade das travestis brasileiras: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania**. 2005. 201 p. Tese de Doutorado – Instituto de Medicina Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

POLLAK, M. Memória e identidade social. In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, 10, 1992.

PRINS, B.; MEIJER, I. C. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. In: **Revista de Estudos. Feministas**, 2002, no.1, p. 155 – 167.

RIBEIRO, M. A. Prostituição de Rua e Turismo em Copacabana – A avenida Atlântica e a procura do prazer. In: **Revista Território**. Ano II, n° 03. Julho / Dezembro 1997. p . 87 – 104.

_____. **Prostituição na metrópole carioca**. Rio de Janeiro: Editora Eco-museu Fluminense, 2002. 160 p.

ROSE, G. **Feminism & Geography. The limits of Geographical Knowledge**. Cambridge: Polity Press, 1993. 205 p.

ROSSI, R. **As representações sociais das mulheres chefes de família sobre o arroio do Padre em Ponta Grossa – PR**. Ponta Grossa, 2005, 73 pg. (Monografia). Orientação: Dr^a Joseli Maria Silva, UEPG, 2005.

ROUGEMONT, D. **A história do amor no ocidente**. São Paulo: Ediouro, 2003.

SANTOS, J. T. dos. “Incorrigíveis, afeminados, desenfreiados”: Indumentária e travestismo na Bahia do Séc XIX. In: **Revista de Antropologia. Departamento de Antropologia da USP**. V. 40, nº 02, São Paulo, 1997. p. 145 – 182.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil na análise histórica. In: **Educação e Realidade**, Porto Alegre, Julho a Dezembro, 1990. p. 5 – 22.

SETTON, M. da G. J. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. In: *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, 2002. p. 60 – 70.

SILVA, H. **Travesti – a Invenção do Feminino – etnografia**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, Iser, 1993. 176 p.

SILVA, J. C. da. O conceito de território na geografia e a territorialidade da prostituição. In: RIBEIRO, M. A. **Prostituição na metrópole carioca**. Rio de Janeiro: Editora Ecomuseu Fluminense, 2002. 160 p.

SILVA, J. M. Cultura e territorialidades urbanas: uma abordagem da pequena cidade. In: **Revista de História Regional**, 5(2): Inverno 2000. Disponível em: <<http://www.rhr.uepg.br/v5n2/joseli.htm>>. Acesso em: 30 de setembro de 2005.

_____. Análise do espaço sob a perspectiva de gênero: um desafio para a geografia cultural brasileira. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.) **Geografia: temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

_____. Amor, paixão e honra como elementos da produção do espaço cotidiano feminino. In: Texto apresentado no **V Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional Sobre Espaço e Cultura**, realizado na UERJ, Rio de Janeiro, entre os dias 26 a 29 de setembro de 2006.

_____. A produção do espaço interdito da experiência cotidiana do sujeito transgênero. In: Texto apresentado no **VII Encontro Nacional da ANPEGE**, Realizado na UFF, Niterói, entre os dias 24 a 27 de setembro de 2007.

SOUZA, M. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografias: Conceitos e Temas**. 2ª edição, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 77 – 115.

SPINK, M. J. P., MEDRADO, B.. Produção de sentido no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, M. J. P. (org.) **Práticas Discursivas e Produção de Sentido no Cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 1999. 296 p.

SPINK, M. J. P., FREZZA, R. M. Práticas Discursivas e Produção de Sentidos: a perspectiva da psicologia social. In: SPINK, M. J. P. (org.) **Práticas Discursivas e Produção de Sentido no Cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 1999. 296 p.

SUERTEGARAY, D. M. A. Geografia e trabalho de campo. In: Texto apresentado no **Colóquio “O Discurso Geográfico na Aurora do Séc XXI”**. Florianópolis, 27 a 29 de novembro de 1996. s/p.

VILLALOBOS, J. U. Guerra. Geografia e Sexo: Os Discursos e Práticas no Território Brasileiro. In: **Scripta Nova Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Universidad de Barcelona, Nº 45 (53). 1º de Agosto de 1999. ISSN 1138-9788.

WACQUANT, L. Que é gueto? Construindo um conceito sociológico. In: **Revista de Sociologia Política**. Curitiba. Novembro de 2004. p. 155 – 164.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. In: **Revista de Estudos. Feministas**. vol.9, no. 2, 2001. Disponível em <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 16 de janeiro de 2005

YOUNG, Í. M. Throwing Like a Girl: A Phenomenology of Feminine Body Comportment, Mobility, and Spatiality. In: **Identities—Race, Class, Gender and Nationality**. Oxford. Blackwell Publishing, 2003. p. 163 – 174.

ANEXOS

Anexo 1

Roteiro de Entrevista para as Travesti**Identificação**

Nome:		Nome de Batalha:	
Cidade de Nascimento:		Quanto tempo mora em Ponta Grossa:	
Mora com: () familiares () companh. () amigos () sozinha		Quantos residentes:	Onde mora:
Idade:		Mora em casa: () própria () alugada () cedida	
A quanto tempo mora nesta residência:		Onde é o ponto que você fica mais tempo:	
Desde que ano batalha em Ponta Grossa?			
Onde batalhava antes de vir a Ponta Grossa?			
Horário que vai para a rua	Durante semana: das ___:___ às ___:___ hs	Sábado-Domingo-Feriado: das ___:___ às ___:___ hs	
Onde fica seu escurinho:		Qual o hotel rotativo frequentado próximo do ponto:	
Quais os môtéis mais frequentados: 1º _____ 2º _____ 3º _____			
Rendimento semanal médio:		Escolaridade:	
Trabalhou em outra atividade: () sim () não () trabalha Qual: _____			Qual: _____

Constituição do Sujeito Travesti Dia __/__/__.

01. Poderia resgatar o processo de transformação do seu corpo masculino para o feminino e as tensões ocorridas? (Pessoais e Sociais)

- Como foi seu processo de transformação? Houve algum momento marcante?
- Como sua família reagiu a sua transformação? Antes e hoje...
- Como você vê seu corpo?
- O que você acha que as pessoas pensam sobre o seu corpo?
- Você leva sua vida a partir de qual referência de pessoa?
- Qual o modelo de corpo que você almejava em seu processo de montagem?

02. Fale sobre o cotidiano da batalha na rua, desde o seu início até os dias atuais?

- Como foi o início na batalha?
- Você (enquanto grupo pertencente às travestis) tem alguma vantagem em relação aos outros grupos que se prostituem?
- Já usou drogas? E as outras travestis?

- Quando um cliente escolhe ter um programa com você, o que ele procura?
03. Se você pudesse diferenciar o uso do corpo nas práticas pessoais / amorosas das comerciais, como descreveria?
- O seu desejo sexual realiza-se quando você é passiva, ativa ou ambos? Porque?
 - Como são os relacionamentos amorosos das travestis? (Como deve ser o comportamento da travesti e de seu companheiro no relacionamento).
 - E no relacionamento, dito convencional, entre um homem e uma mulher?

04. O que é o ser travesti para você?

Constituição do Território Travesti Dia __/__/__.

01. Tem conhecimento da história da prostituição travesti em Ponta Grossa? (nomes, locais, tempo, contexto).
02. Quais os critérios de escolha do ponto de prostituição? (Diferença entre centro e BR).
03. Como foi o processo de instituição deste território? Como foi a relação com moradores e policiais?
04. Quando você escolheu seu ponto, como rompeu com a resistência e a concorrência?
- No início e hoje?
 - Quem manda no território?
05. Existe alguma divisão entre as travestis? Alguma divisão de poder...
06. Como é feito o controle do território pelas travestis?
- Na relação entre as travestis?
 - E entre as travestis e a sociedade em geral?
07. Como as travestis vivenciam entre si o cotidiano do local de batalha?
08. Qual a influência do local de batalha em seu processo de transformação?
09. Qual a importância dele hoje para você?
10. Qual deve ser o comportamento da travesti para ser aceita no local de batalha?
11. O que você busca dizer quando se monta e vai para a rua?
12. Qual travesti que brilha em Ponta Grossa?
13. Tem algum sonho? Qual é? Qual sua expectativa para o futuro?

Anexo 2

Os fragmentos de vida que trazemos aqui nasceram de uma convivência de aproximadamente dois anos com o grupo das travestis que retiram seu sustento a atividade da prostituição em Ponta Grossa – PR, não esgotando tais fragmentos de forma nenhuma a complexidade de suas histórias de vida. Assim, buscamos proteger estas fontes, utilizando-se de nomes que reportam as figuras femininas contidas na Mitologia Grega. Os nomes utilizados foram: Hera - rainha do paraíso e a guardiã do casamento; Atena - deusa da sabedoria e da guerra; Artêmis - deusa da caça e dos animais selvagens; Afrodite - deusa do amor; Héstia - deusa do coração e da chama sagrada; Deméter - deusa da agricultura; Eirene - personificação da paz para os gregos; Eos - deusa que enunciava a chegada do sol; Nike - deusa grega da vitória; Pandora - doadora de todos os talentos divinos ou de todos os males da humanidade; Têmis - deusa da justiça.

NIKE

Nike nasceu em Ponta Grossa - Paraná. Porém, com poucos anos de vida foi com sua família morar em Arapoti, como apontado, uma cidade pequena e tradicional. Devido ao fato de possuir um comportamento que não coadunava com o restante da cidade, era muito conhecida. Por um lado esta condição lhe dava prazer, relacionada a fama. Mas por outro, este conhecimento era o veículo da discriminação. Até os doze anos estas questões não eram visíveis para Nike. Como descrito em sua entrevista, ela percebeu aproximadamente com doze anos que seu corpo e seu comportamento não eram correspondentes aos da sociedade heteronormativa.

Este fato era sempre percebido em momentos onde meninos e meninas expunham seus corpos, como no espaço escolar, através das atividades de Educação Física. O traje solicitado para a atividade era o motivo do início da exposição da discriminação de seus colegas, com a utilização de adjetivos relacionados a *menininha* e *viadinho*. Outro fato era o constrangimento de, mesmo tendo um comportamento feminino, no momento da verificação da presença, ser chamada pelo nome masculino. Nike aponta que não sabia o que seria ou queria ser, mas tinha a certeza que era diferente dos demais, pois mesmo sendo menino, sentia atração por outros meninos da escola onde estudava.

Ao passo que ia crescendo, via que seu corpo tinha maior aproximação de um corpo feminino do que de um corpo masculino. Mas isso não gerou uma tensão psicológica, pois acreditava que quando fosse adulta, esta transformação culminaria em uma operação de mudança de sexo. Esta expectativa foi transformada pela experiência vivida no serviço militar. Antes deste período, a travesti aponta que tinha uma aparência de mulher, sempre sendo confundida como tal, e sofrendo com isto na família.

Devido a pressões familiares, Nike se alistou no Exército e foi selecionada. O período vivido no exército proporcionou tanto transformações corporais como no processo de identificação, enquanto indivíduo perante outros grupos sociais. Essas pressões relacionavam-se a necessidade de corresponder ao sonho de sua mãe, de ver seu filho servindo ao exército. Quando do alistamento, os responsáveis pela seleção demonstraram que ela não seria bem vinda. O único caminho para a entrada no exército seria provocar a ira do sargento responsável pela seleção. E assim o fez, dirigindo insultos ao responsável, e tendo como resposta à tal provocação a afirmação que serviria o exército.

Quando de sua entrada nesta instituição, Nike possuía, segundo sua fala, um corpo e um comportamento andrógino, mas o que seria vivido no exército transformaria estas características. Com a alimentação do exército, a prática constante da depilação e de exercícios, seu corpo perdeu a forma feminina que tinha, passando a ter um corpo masculino, transformando-se 58 kg em 80 kg no momento do seu desligamento da corporação. Nike falou que sempre teve a cabeça esclarecida, e a sua idéia era cumprir aquele período no exército como qualquer cidadão, e também fazer a vontade da mãe. Contudo, mesmo tendo esta apreensão do serviço militar, sua prática no exército não se fez deslocada de seus desejos, desejando todos e tendo todos que pode ter. Tal relação não foi tão confortável, pois sofreu muito preconceito.

A decisão de se assumir travesti ocorreu no ano de 2001, logo após o desligamento do exército, decisão tomada a partir das experiências que foram vividas nesta instituição. Nike sempre quis ser mulher, mas após sua passagem pelo exército, viu que seria uma mulher diferente. Além do fato de ser passiva na relação sexual, teve a primeira relação ativa com um colega de quartel. Até então Nike nunca tinha tido tal relação.

A idéia de se montar sempre foi uma constante, pois nos momentos em que participava de peças de teatro, sempre adorou vestir-se de mulher. Contudo, a decisão de transformar-se em travesti ocorreu após o desligamento do exército, quando devido a motivos de desavença familiar, não tinha rendimento e nem um local onde morar, descobrindo seu *eu* na esquina, no território da prostituição travesti.

Após o início da vida na prostituição em Ponta Grossa - PR, Nike conta que começou a freqüentar uma casa que dirigia seus trabalhos à profissionais do sexo e

a travestis, chamada Casa Ágape, instituição de cunho evangélico. Para ela, o objetivo da Casa Ágape era a conversão dos frequentadores da casa ao cristianismo, tirando as pessoas da rua, fazendo com que cada um entendesse que *homem era homem e mulher era mulher*, pois Deus tinha um propósito para a vida de cada um. Devido a uma situação de fragilidade vivida pelas travestis que iniciam a vida na prostituição, Nike passou a frequentar a Casa Ágape com assiduidade.

O principal caminho de convencimento da Casa Ágape era que as travestis deveriam ser aquilo que eram antes, a travesti voltando a ser um homem heterossexual. E uma das indagações de Nike era de como ela voltaria a ser uma coisa que ela nunca havia sido, pois desde criança ela sabia o que gostaria de ser, apontando que isto estava relacionado ao seu nascimento, que havia nascido assim, e seria assim para o resto da vida.

Além destas questões, a aceitação de Nike no território da prostituição por outras travestis, localizado nas proximidades da Caixa Econômica Federal, não foi algo automático. Devido ao pouco tempo de desligamento do exército, o seu corpo ainda carregava as marcas do processo de masculinização física pelo qual tinha passado. Um de seus ressentimentos refere-se ao fato de que estas travestis não haviam enxergado a travesti que existia dentro dela. Para o restante das travestis, Nike era inaceitável na noite, tendo sempre que se esconder. Após ter enfrentado tais circunstâncias, Nike conseguiu conquistar seu espaço.

Desde então Nike busca construir em seu corpo, segundo sua fala, um estereótipo feminino desejado. Mas não uma aparência apenas relacionada ao silicone, pois para ela a travesti está na cabeça, pois o que conta é o se sentir mulher. Hoje Nike trabalha durante o dia, passando quase que despercebida, podendo ser travesti apenas durante a noite. Sua justificativa de não viver 24 horas

por dia como mulher assentasse sobre o fato de que a sociedade não aceita uma travesti atrás de um balcão trabalhando. Tem pretensão pelo silicone, mas o que conta para Nike atualmente é a necessidade. Sua defesa é que vive, mas não sobrevive da noite, sendo a noite um complemento de renda. Além desta característica, o território da prostituição travesti é o único local onde se realiza enquanto mulher, podendo ser aquilo que gostaria de vivenciar durante todo o dia.

PANDORA

Nascida em Pitanga – Paraná, Pandora viveu seus primeiros quinze anos entre esta cidade e o município de Guarapuava – Paraná. Relata que com oito anos descobriu que não iria ser um homem normal, pois não tinha a prática de realizar brincadeiras que se relacionavam ao universo masculino. Em certa ocasião seu pai foi chamado à escola, devido à preocupação da professora em relação a este comportamento distinto. Mas para o espanto da professora, seu pai declarou que já sabia que seu filho era diferente, tendo notado isto desde criança.

Com aproximadamente 12 anos, no espaço da casa, enquanto seus irmãos orientavam-se a cristalizar a masculinidade sobre seus corpos, com roupas e adereços do universo masculino, em Pandora nascia o desejo de ser menina, buscando formar uma aparência referente ao universo feminino. A primeira tensão ocorreu em relação ao cabelo, vindo em seguida o consumo de hormônios. Porém, não houve em sua fala algum fato que demonstrasse alguma forma severa de pressão ou preconceito por parte de sua família, salvo no questionamento surgido em seus irmãos dos porquês de tal vontade em ser mulher.

Seu início na vida da prostituição não foi fácil, pois ainda morava com seus

pais. Devido ao auxílio que prestava a família, não tinha muitos problemas. Mas após “casar”, saiu de casa, ficando dois anos casada, indo residir em Guarapuava - PR. Nesta cidade seu companheiro faleceu, e não tendo como retornar para a casa dos pais, resolveu tentar a vida em Ponta Grossa.

Quando chegou em Ponta Grossa, o local com maior número de travestis batalhando era o Posto Presidente. Pandora não chegou a trabalhar neste local, mas conseguiu resgatar alguns pedaços da história deste território. Suas lembranças mostraram algumas travestis que fizeram parte da história da prostituição em Ponta Grossa, como a Baby, que hoje reside em Curitiba, e algumas que já faleceram como a Valéria, a Cris, a Luiza, Miss Brown e a Carlinha. Devido ao fato da construção de um viaduto no local de concentração das travestis, que era o Posto Presidente, as que batalhavam na estrada começaram a viajar.

Quando do seu início na prostituição travesti em Ponta Grossa, o local escolhido foi onde é hoje o Posto Paraná. Após a construção do posto, Pandora relata que as coisas ficaram mais seguras. Durante algum tempo ela batalhou no centro da cidade, nas proximidades da Caixa Econômica Federal – Centro, porém a vivência espacial não eram tão tranqüilas como na rodovia, havendo muitos conflitos com moradores, policiais e outras travestis em relação a disputas territoriais.

Em seu modo de pensar considera como de fundamental importância a vivência com todas as travestis que passaram por sua vida. Algumas ensinando coisas boas, outras nem tanto. Para Pandora, o ser travesti é aquela pessoa que, nascendo rapaz, com o tempo se transforma em travesti. Mas não uma travesti como sinônimo de roubo, droga, violência, mas como sinônimo de trabalho, de garra, de beleza.

HERA

Hera é considerada pelas travestis que batalham a mais tempo em Ponta Grossa como pertencendo ao grupo das novas travestis. E tive conhecimento da existência de Hera após algum tempo de convivência com o grupo das travestis, fato que demonstrava sua posição na periferia das relações de poder. Sua participação era de muito importante como sujeita pesquisada, pois sua fala poderia enriquecer, e de certa forma, auxiliar no alinhavo de diversas falas. E assim ocorreu. Consegui ter contato com Hera apenas no território da prostituição, marcando uma tarde para podermos conversar.

O local escolhido por Hera foi sua residência. No dia marcado fui a sua casa, a qual me recebeu de forma muito amistosa, mesmo que tivéssemos tido apenas uma ocasião de conversa, notadamente no primeiro contato. Hera iniciou sua fala relatando que sua infância, vivida na cidade de Curitiba – PR, foi bem natural. Brincava tanto com brincadeiras masculinas como femininas, desde ao jogo de bola, como o brincar de casinha. Porém percebia que, mesmo tendo amigos, seu foco preferencial eram as meninas, pois mesmo que estabelecesse relações de amizade com meninos, sentia-se completa em companhia das meninas, permanecendo mais tempo ao lado delas.

Hera trata que na sua adolescência as situações tornaram-se mais preocupantes, pois mesmo tendo um comportamento muito próximo do feminino, seu corpo ainda era masculino. Este foi o momento quando teve a sua primeira experiência sexual passiva. Mas, para Hera este fato não foi algo que a deixou incomodada, tratando-o como um fato normal.

O principal constrangimento que teve foi contar a seus pais que não era como

os demais meninos. Hera havia conseguido contar para sua mãe da questão, não conseguindo fazê-lo ao seu pai, o qual ficou sabendo por terceiros. Tal situação gerou tamanho constrangimento frente a seus amigos, que este decidiu sair de casa.

A transformação de Hera não foi algo traumático, sendo recebida por ela como algo natural, devido ao fato de sempre ter sido afeminada. O ponto de ruptura foi quando saiu de casa, indo morar em uma boate em Santa Catarina. Neste momento havia chegado a hora de se transformar por completo, deixando de ter um corpo andrógino para ter um corpo feminino. Batalhou durante algum tempo nesta boate, vindo em seguida para Ponta Grossa.

Sua inserção do território da prostituição travesti em Ponta Grossa havia ocorrido através de uma amiga de Curitiba, que era nascida e tinha família no município. Devido a desavenças entre Hera e as demais travesti que batalhavam em Ponta Grossa, teve que parar de batalhar, indo para as boates de Santa Catarina e Paranaguá. Seu retorno a rua ocorreu em Curitiba, situação que a deixou assustada. Via-se fazendo algo que nunca tinha planejado para a vida, a prostituição, pois sempre considerou que possuía capacidade de realizar qualquer outra atividade. O constrangimento relacionava-se ao fato de que não tinha nenhuma outra coisa a vender a não ser o seu próprio corpo. Não tinha ninguém por si e precisava lutar, mesmo que na prostituição. Desta forma, Hera distingue a prostituição de boate com a que ocorre na rua. Para ela, na boate vai que quer, não passando terceiros, família, crianças... pois toda vez que ela via uma criança passando na rua, ela estava vendo seu irmão.

Sua entrada na prostituição em Curitiba não se fez de forma individual, mas a partir de uma cafetina, uma das muitas que 'organizam' a prostituição em Curitiba. Hera trata o período que batalhou em Curitiba como um tempo bem mais

confortável, pelo fato de que estava pagando uma cafetina, tendo certa proteção. Nos trinta reais que pagava diariamente estavam inclusos a alimentação, a água, a luz, o pernoite, e mais o direito de estar na rua se prostituindo. Este local era um ponto de concentração periódica de travestis de diversos locais do Brasil, inclusive originárias de Ponta Grossa. Hera havia tido uma péssima relação com as travestis de Ponta Grossa, pois estas haviam proibido sua permanência no território. Devido a isto, Hera conseguia estabelecer uma relação amigável apenas com as travestis que eram de outros locais.

Hera não se considera uma travesti perfeita, pelo fato de tomar hormônios. A principal questão é que pelo fato da ingestão de hormônios não consegue ser ativa em uma relação. Para ela, porém, a travesti é mais do que aquela personagem da esquina, sendo seu principal elemento o fato de assumir a sexualidade frente ao mundo, se amando, não desrespeitando ninguém, mas também não aceitando o desrespeito.

Hoje ela batalha em Ponta Grossa, e mesmo considerando que o território tem uma importância meramente financeira, concorda que a noite faz bem para o ego, sendo vista, comentada e admirada. Mas com todo o glamour que a noite possa proporcionar, trocaria tudo por um trabalho, que não a forçasse a vestir roupas masculinas, mesmo que houvesse preconceito e humilhação. Como afirmado, Hera trocaria a noite pelo trabalho.

TÊMIS

Uma das primeiras travestis a estabelecermos contato foi Têmis, travesti muito conhecida em Ponta Grossa, tanto pelo tempo de vivência no território da

prostituição travesti, como pela militância em favor dos grupos homossexuais. Após conhecê-la, relatei qual era o objetivo principal deste trabalho, mostrando-se muito receptiva pela possibilidade de aumento de visibilidade das questões envolvendo o universo travesti.

Marcamos uma tarde para a conversa, fato que ocorreu na Ong da qual hoje é presidente. Têmis iniciou sua fala tratando de sua infância. Durante este período viveu como menino em Porto Alegre, e mesmo se sentido feminina, buscou forçar sua masculinidade, tendo relacionamentos com meninas. Tanto seus irmãos como seu pai nunca haviam questionado sua masculinidade. A única pessoa que percebia que seu comportamento era diferente dos outros meninos era sua mãe, a pessoa de maior ligação. O relacionamento com seus familiares era bom. Seu pai era separado de sua mãe, tendo sido criada pelo padrasto. E diferente do relacionamento com pai, mãe e padrasto, existiam diversas tensões com seus irmãos, recebendo uma forte cobrança para que não fosse afeminada. Mesmo que questionasse tais acusações, no fundo sabia que era diferente.

O acontecimento que dividiu a vida de Têmis foi ter presenciado o assassinato de sua mãe, tendo como autor do ato seu irmão. Após tal fato, Têmis foi posta a própria sorte, pois seus familiares não queriam ter um homossexual na família. A única pessoa que resolveu lhe estender a mão foi sua irmã, que morava em Caxias do Sul, tendo ido morar com ela. Aos quinze anos, sua vida começou a ficar mais complicada, pois havia começado a trabalhar em uma empresa, e estava sentindo-se cada vez mais afeminada. Seu cotidiano na empresa era insuportável, pois havia muita pressão e deboche dos colegas. Quando Têmis conheceu uma travesti que batalhava em Caxias do Sul, decidiu assumir sua sexualidade, isto com dezesseis anos. Tal decisão aconteceu quando estava indo de ônibus para o

trabalho, se deparando como uma travesti muito linda. Segundo sua fala: “Ela estava de vestido, e como eu queria estar naquele vestido, queria estar vestindo aquele sapato, queria me sentir assim, encarar a sociedade, dar a minha cara a tapa, e enfrentar o preconceito” (Entrevista realizada com Têmis em 07.03.2007).

O fato de ver aquela travesti foi o apoio para a sua transformação, buscando segundo ela, a felicidade que não tinha. O primeiro dia na batalha é lembrado em detalhes por Têmis. Sua madrinha, a travesti conhecida no ônibus, a levou para a zona, dando sapato, mini-saia e bluzinha. Conseguiu fazer muitos programas, percebendo que era aquilo que ela queria para a vida, queria ser bonita, admirada e desejada.

Em seu processo de transformação, Têmis relacionou tudo que aprendeu a convivência que teve com sua madrinha, uma travesti que hoje é presidente de uma Ong em Caxias do Sul. Apontou que seu início foi sofrido, mas era suportável devido a não existência do preconceito, pois seu corpo agora era aceito por outras pessoas, notadamente seus clientes. O dinheiro era muito atrativo, pela rapidez com que o conseguia.

E mesmo que a vida que levasse fosse mais confortável, a prostituição travesti em Caxias do Sul era muito perigosa, pois no período em que batalhava lá, eram assassinadas em torno de três travestis por semana. Têmis batalhava na rua, mas morava em um local denominado por ela de zona do meretrício, local de residência de uma de suas irmãs. Lá existia uma casa que era chamada de casa de Santa Maria, de propriedade de uma cafetina que dava abrigo só a travestis, cobrando diárias caríssimas. As travestis que ali ficavam vinham do estado de São Paulo e Rio de Janeiro. Sua estadia estendeu-se por seis anos nesta casa.

Têmis defende, como as demais travestis, que tinha em seu corpo mais

hormônios femininos que masculinos. Mas mesmo assim, tomava hormônio desde que havia assumido sua sexualidade, buscando com isso melhorar sua pele, seu cabelo, buscando um corpo mais desejável. Foi colocar silicone no corpo aproximadamente a quatro anos atrás, com bombadeira, fazendo o seio, o quadril e as pernas.

Certo caso que ela relatou, foi o fato de que, as travestis mais velhas de Caxias do Sul, pressionavam as travestis mais novas para comprar uma droga que na época se chamava “bola”, um moderador de apetite para emagrecer. A droga pela droga não alterava o estado das travestis, mas misturada com aguardente transformava-se em um alucinógeno fortíssimo, tirando a sensação de frio e de cansaço por doze horas. Esta mistura substituía o consumo de cocaína, que tinha efeito forte, mas com curta duração. A violência era quase uma constante na noite em Caxias do Sul, não conseguindo Têmis escapar dela. Certa noite, após desavenças com um cliente, Têmis levou um tiro no pescoço. Isto mudou a sua forma de ver a prostituição em Caxias do Sul. A experiência de quase morrer, sem ter o auxílio de nenhum familiar, fez com que decidisse ir embora da cidade, vindo batalhar em boates de Santa Catarina.

A distinção clara que foi levantada por Têmis entre o tempo que em ela caiu⁴¹, e o tempo atual relaciona-se com a facilidade encontrada pelas novas travestis. Em sua época relata que a violência e a insegurança era uma constante. A relação com a prisão também era comum. Têmis ficou uma semana presa, mas haviam colegas mais velhas que haviam ficado detida por dois anos.

Com dezoito anos conheceu sua companheira em uma boate no município de Tubarão – SC. O último município que trabalhou em boate foi São Bento do Sul, vindo em seguida para Ponta Grossa, devido ao fato da família de sua companheira

⁴¹ Termo utilizado pelas travestis para nomear o fato do início da vida na prostituição.

residir neste município. Têmis nos falou que não havia comparação entre a segurança da boate a segurança da rua, apesar dos compromissos que tinha como vender bebida para dar lucro para os proprietários das casas noturnas.

Há treze anos Têmis batalha em Ponta Grossa. Quando da época em que trabalhava em boates, o rendimento era bem maior, mas devido ao descompromisso com a própria vida, a única coisa que tinha eram quatro paredes e o que tinha dentro, ou seja, o quarto onde vivia com sua companheira.

Têmis nos falou que começou a dar valor no dinheiro quando chegou em Ponta Grossa, conseguindo fazer poupança e comprar um carro e uma casa, constituindo uma vida mais estável. Porém, estabilidade conquistada com muita dificuldade, pois a não existência da violência de policiais contra travestis é coisa de pouco tempo. Têmis concluiu sua fala neste momento, mostrando a distinção clara entre o passado e o presente, pois segundo ela, quem conseguiu alguma coisa através da prostituição, conseguiu, e quem não conseguiu, não consegue mais, devido a diminuição do valor do programa, a disseminação de doenças, e a popularização das drogas. Além destas questões, Têmis é a algum tempo presidente de uma Organização Não-Governamental que trabalha dando apoio aos homossexuais de Ponta Grossa, lutando contra a disseminação de doenças sexualmente transmissíveis (DST – Aids), e contra o preconceito e a discriminação.

HÉSTIA

A história da vida da travesti Héstia, de certa forma, se mescla com a própria história do território da prostituição travesti em Ponta Grossa. Nosso contato com Héstia ocorreu em uma boate, local de batalha da travesti em 2006. Porém, mesmo

sendo uma das primeiras travestis a estabelecermos contato, ela foi uma das últimas travestis a conversarmos. Isto ocorreu devido ao fato de Héstita ter sofrido uma ação de grande violência em Ponta Grossa, ficando por um grande tempo hospitalizada e em recuperação domiciliar. Após este longo inverno, estabelecemos novo contato, realizando uma rica conversa em sua casa, conversa com previsão de duração de uma hora e meia, mas que devido a intensidade e riqueza de detalhes estendeu-se por uma tarde. Iniciei a conversa perguntando como havia sido o início de sua vida, e assim começamos.

Mesmo sabendo que era delicada demais em relação aos outros meninos, Héstita não sabia que era homossexual. Sendo natural de uma cidade tradicional e preconceituosa como Ponta Grossa, como tratado em sua fala, foi matriculada por sua família, desde as séries iniciais, em um colégio de padres chamado Seminário São José, atual colégio Sagrada Família, em Ponta Grossa – PR. O comportamento diferencial, que sua família havia notado, estava relacionado ao fato de Héstita não brincar em meio aos meninos, com brincadeiras específicas do seu universo, como a bola, os carrinhos e as brincadeiras de força. Suas brincadeiras preferidas estavam relacionadas ao universo feminino. Estes comportamentos não eram reprimidos ao extremo por sua família, pois mesmo que não se sentissem confortáveis com tal situação, sua família deixava as coisas acontecer. Héstita através de sua fala, de certa forma, justificava o fato de ser diferente, como se fosse algo de família, pois nos contou que já tinha um homossexual na família, um irmão do seu pai.

Héstita lembrou que travestis, como as que vivem hoje, não existiam quando era pequena. Havia homens que apenas em carnavais demonstravam sua sexualidade disparatada. Geralmente a homossexualidade masculina era muito bem guardada. Héstita devia participar destas festas populares, pois contou que cresceu

presenciando estes comportamentos. Sabia que havia homens que na época eram denominados de 'perobos ou viados'. Mas apenas com aproximadamente quatorze anos descobriu a existência de homens, fisiologicamente falando, que se comportavam como mulheres durante todo o tempo. Que para constituírem corpos mais próximos do feminino, ingeriam hormônios que faziam crescer os seios, transformando a voz e a pele. Todavia, as conversas relacionadas a este universo eram proibidas, pois a discriminação sempre tinha como limite a violência.

Héstia iniciou sua transformação aos quatorze anos, idade em que tinha conhecido um grupo de travestis que havia assumido sua sexualidade em Ponta Grossa. Existia um clube chamado Castelinho, localizado na BR 376 (sentido Curitiba - Castro), nas proximidades do Núcleo Santa Paula. Este era um local de encontro em finais de semana, o local do bailão como ela falou, um ambiente não muito tranqüilo, pois outro nome utilizado para denominar o Castelinho era o 'risca faca'. As pessoas sabiam que entravam, mas não sabia se saíam, e como. Este período era vivido aproximadamente em 1979. O Castelinho não estava relacionado a prostituição para as travestis, mas sim a um lugar de divertimento, pois segundo Héstia as travestis que batalhavam neste período residiam em outras boates.

Duas travestis foram muito lembradas por Héstia, sendo elas referência de coragem e determinação, não apenas para ela, mas para muitas travestis de Ponta Grossa. A convivência com estas travestis possibilitou sua transformação, a partir do aprendizado proporcionado por estas relações.

Da mesma forma que na relação das outras travestis com seus familiares, foi difícil assumir sua sexualidade frente a sua família. Quando resolveu assumir que era travesti, esta ação culminou na sua saída de casa. Mas mesmo com o ocorrido, continuou a estudar, indo à escola com sua irmã. Concluiu seus estudos no Colégio

Meneleu, se formando no curso Técnico de Administração de Empresas. O relacionamento com seus irmãos sempre foram complicados, não conversando com eles até hoje. Diferentemente, sempre teve uma relação de respeito e carinho com suas irmãs e com sua mãe. Não conviveu com o pai, pois sua mãe não tinha um relacionamento estável, mas como dito, apenas um caso, tendo seu pai outra família em Ponta Grossa.

Héstia tem um passado muito rico, tendo trabalhado em diversas boates em Ponta Grossa, e na Região Sul e Sudeste. Também teve a experiência de trabalhar como ativista durante seis anos em uma Ong de Londrina. Porém, uma das histórias que Héstia tem para contar não é nada nostálgica. Através de uma ação altamente homofóbica, Héstia foi para o hospital quase sem vida, depois de ter sido espancada por um grupo de homens, há aproximadamente um ano atrás. Ficou durante um longo tempo se recuperando no hospital e após em casa. Mas como velha guerreira, com força e determinação conseguiu recuperar sua saúde.

Quando tivemos esta conversa, Héstia falou que tinha muitos planos para o futuro. Tinha como sonho voltar a trabalhar como ativista, ter algum rendimento para poder retribuir tudo que sua mãe havia feito por ela em toda a vida. Mas também mostrar para a família que a sua vida não havia sido inteiramente dedicada a prostituição, que tinha capacidade para ser alguém. Não falava apenas estas coisas para sua vida, mas esperava isto de todas as travestis. Para ela as travestis de Ponta Grossa deveriam ser como as travestis de outras cidades que conheceu, como as do Rio de Janeiro, Brasília e São Paulo, invadido colégios, lojas, universidades, montando seus próprios negócios, mostrando que existiam e que eram capazes de realizar quaisquer atividades.

Um de seus sonhos foi realizado. Héstia reiniciou sua vida na militância,

voltando a trabalhar em uma Ong de Ponta Grossa, continuando a esperar um futuro com mais amor entre as pessoas, não apenas entre as travestis, mas entre a sociedade em geral.

ARTÊMIS

Tendo nascido em Ponta Grossa – PR, a história da travesti Artêmis tem começo no ano de 1995, quando tinha 9 anos de idade, período quando percebeu que era diferente de outros meninos. Esta frase foi proferida por quase todas as travestis no início das nossas conversas: “Eu não me interessava por nenhuma coisa de menino, não tendo lembranças de ter sido menino, ou ter tido práticas masculinas durante a infância”. (Entrevista realizada com Artêmis em 29.03.2007).

Com doze anos conheceu algumas travestis, percebendo que as mesmas angústias que vivia eram comuns em outras travestis, e apreendendo que um dos caminhos para resolução destas questões era fazer a sua escolha, entre esconder aquilo que sentia ou expor sua sexualidade. E assim o fez. Com doze anos começou a tomar hormônio indicado pelas travestis que conhecia. Seu aprendizado ocorreu tanto na relação com as travestis que conhecia em Ponta Grossa, como em casa de cafetina de Curitiba. Estes locais são para as novas travestis de fundamental importância, pois além do aprendizado, a montagem do corpo e a colocação de silicone tem ocorrência nestas casas. Só que o tempo de permanência de Artêmis em Curitiba foi também o momento do início na atividade da prostituição, permanecendo em Curitiba por dois anos.

Um elemento que tem existência em quase todas as histórias de vida das travestis é o fato de desistirem dos estudos logo cedo, devido ao preconceito que

tem vivência no espaço escolar, local de socialização dos corpos na heteronormatividade. Os corpos que escapam da linearidade imposta pela heteronormatividade em relação ao sexo, gênero e desejo, não conseguem se manter nesta instituição. Artêmis não foi diferente, tendo apenas conseguido concluir o 1º grau. Se esta atividade é muito difícil de ser exercida, o trabalho fora da prostituição corresponde a regra. Artêmis, em seus 21 anos, nunca esteve ocupada em outra atividade diferente a da prostituição.

Artêmis nos falou que a relação com os familiares sempre foi agradável, mesmo sofrendo muito preconceito na época da escolha pelo transformar-se em travesti. Hoje Artêmis relata que toda a sua família aceita sua escolha, e que a relação com seus familiares não mudou, permanecendo a mesma que existia anteriormente a da transformação.

Porém, alguns elementos devem ser tratados, elementos estes que foram levantados a partir de anotações das experiências vivenciadas junto ao grupo das travestis. Artêmis, depois de ter ido para Curitiba, não conseguiu retornar para casa, tendo ido morar em cortiços ou em boates. Nunca teve uma aceitação considerável de seus familiares. Todavia, esta aceitação não esteve presente em sua vida de forma completa, em relação às travestis. Estava na periferia das relações de poder, mesmo sendo considerada por algumas travestis como uma das antigas. Isto era demonstrado quando seu comportamento no território da prostituição travesti era reprovado, isto em falas de outras travestis. Na conversa que tivemos até Artêmis sabia que era motivo de comentário no território da prostituição travesti, comentários estes na maioria das vezes desagradáveis.

Na sua busca de transformação, Artêmis não tinha um corpo específico de referência, mas sempre quis ter um corpo o mais próximo do feminino, tendo peito,

quadril e pernas femininas. Para ela “O travesti tem que ser aquela mulher, com o órgão masculino, mas aquela mulher que brilha. Que tem glamour, tem educação. Não aquela mulher grotesca, entende. Para mim é isso. Basicamente é isso.” (Entrevista realizada com Artêmis em 29.03.2007).

Esta busca relaciona-se para ela a corresponder a uma demanda, a demanda dos clientes e a própria busca pelo glamour. Cada elogio recebido de um cliente é o combustível para a busca de um corpo mais bonito, mais feminino. Esta busca relaciona-se também a transformação corporal de outras travestis, pois a beleza é um elemento que compõe relações de poder entre centro e margem através do território. Hoje Artêmis vive em outro local do momento desta conversa, sendo responsável por um bar, que é um local de convívio das travestis. Continua a batalhar na noite, não de forma intensiva como no passado. Tem de certa forma renda garantida e um local para morar, buscando viver o território da prostituição travesti como um dos elementos de sua vida, um local onde pode sentir-se bonita, pode sentir-se de fato mulher.

EIRENE

A travesti Eirene não tinha o interesse de nos auxiliar neste trabalho. Em diversas abordagens se mostrou avessa à possibilidade de abrir sua vida, mesmo que tivesse sua identidade protegida. Após muita insistência, Eirene concordou em nos fornecer uma entrevista. Duas coisas nos chamaram a atenção. A primeira se relacionou ao motivo pelo qual não queria conceder uma entrevista. Eirene havia tido conflitos com um grupo de travestis, havendo segundo sua fala uma identificação da minha pessoa com este grupo. Tinha medo de que sua declaração

pudesse ser usada com ela. E como também relatado, após minha insistência, senti que havia uma condição de sigilo das informações prestadas. Isto deu legitimidade para a possibilidade de uma conversa. O segundo ponto refere-se ao relacionamento que Eirene tem com seu companheiro. O único local possível de ocorrência da entrevista era a sua casa, mas havia a questão do ciúme de seu companheiro. A possibilidade existente de se estabelecer uma conversa em sua casa era que eu me passasse por homossexual:

quando você ligou ontem, eu falei (para o companheiro) que era o Marcio que eu ia dar entrevista, mas fique tranquilo que é mona⁴² também. (...) Eu falei, daí ele não tem ciúme. Eu falei que você era gay. (riu). Ele falou: quem é esse Marcio que você tá mandando vir amanhã? Eu falei que era um cara que tava fazendo um trabalho pra a universidade, mas falei para ele não se preocupar que ele era gay também, ele tá precisando e eu vou dar entrevista. Daí ele falou: se é gay não tem problema. (Entrevista realizada com Eirene em 03.04.2007).

Após esta quase novela, e depois de muito riso, começamos nossa conversa. Eirene nos falou que começou a batalhar muito cedo, pois seu pai a havia expulsado de casa com doze anos. Os principais motivos da ação do pai, segundo Eirene, fora a fato de que nunca havia se visto como menino. Não gostava de usar roupas de menino, se sentido bem com as roupas das suas irmãs. A escola não era também um lugar amigável, e isto era visto por seu pai. A violência, como expressão extrema da homofobia era uma condição constante na escola. Cansada de apanhar, Eirene desistiu dos estudos antes de concluir o antigo primeiro grau.

Eirene não tendo para onde ir, dormia em casas abandonadas ou em praças. Sua higiene era feita no chafariz, na praça da Catedral, em Maringá - PR – PR. A alimentação provinha das feiras livres que tinham ocorrência em Maringá - PR. Porém, o que era utilizado por Eirene para a sua alimentação eram os restos das

⁴² Nome usado entre as travestis como sinônimo de homossexual, travesti, gay.

feiras. Outra fonte de alimentação era a mendicância. Certa vez, uma senhora a adotou, sensibilizada com a condição de Eirene. Todavia, esta senhora achava que Eirene era uma menina sem corpo formado. Quando esta descobriu que Eirene era menino, a expulsou de casa.

A única saída era voltar para a rua, escondendo o que havia ganhado desta senhora, como roupas e calçados, em meio a mata do Parque Ingá, em Maringá - PR. A mendicância não supria suas necessidades, começando Eirene a roubar. Certa noite, quando dormia na praça, um grupo de travestis que batalhavam na Avenida Brasil, comovidas com a condição de Eirene, decidiram-na ajudar, levando-a a casa onde residiam, casa de cafetina,

Daí lá elas me deram comida, me deram roupa, sabe, me deram hormônio e tudo. Daí eu já comecei a ter peito. Daí elas falaram: agora você já tá arrumadinha, tá começando a crescer peitinho, vamos dar um jeito na tua vida agora, porque a gente não pode ficar sustentando você pro resto da vida, a gente tem a nossa vida também. Daí comecei a me prostituir. Daí foi na rua que eu fui perder a virgindade mesmo. Daí eu morava nesta casa da cafetina e batalhava a noite. (Entrevista realizada com Eirene em 03.04.2007).

Depois de um longo tempo morando nesta casa e batalhando na noite em Maringá - PR recebeu uma oferta de trabalho em boate na cidade de Ponta Grossa. Com dezesseis anos veio morar em uma boate, antigo La Barca. Depois de passar por mais duas boates, quando o movimento nas boates estava diminuindo, Eirene, com o incentivo de outras travestis, que já não batalhavam mais em boates, decidiu sair e ir para a rua, notadamente o centro da cidade, território da prostituição travesti, história esta que se estende até hoje. Porém, diferentemente da boate, sua entrada no território não foi automática e tranqüila. Existia muita resistência das travestis que a tempo batalhavam na noite, em relação a novas travestis, recém saídas de boates. E mesmo que houvesse muita violência, o território era de certa

forma um caminho sem volta, não havendo a possibilidade de retorno a boate. Assim, após muita insistência, Eirene foi aceita no grupo das travestis.

Após 24 anos, Eirene voltou para Maringá - PR, para rever a sua família. Seu pai já havia falecido, e devido a grande transformação pela qual passou, não foi reconhecida e aceita por seus familiares. Sua fala neste momento teve um tom de cansaço, pois viu que mesmo depois deste longo tempo, as coisas não haviam mudado. Sua decisão foi a de virar a página, aceitando o fato de que não adiantava correr atrás de seus familiares. Hoje Eirene é casada, tendo, apesar do ciúme declarado de seu companheiro, uma boa vida.

Vê o território da prostituição como fonte de renda, ou melhor, um complemento da renda do companheiro. Um sonho para o futuro é sair da noite. Durante um período da vida a noite era o glamour, mas com o tempo percebe-se que este glamour é uma ilusão, uma representação. Além destas questões, a prostituição não é mais vista como uma fonte muito grande de renda, pois como já ouvido em outras falas, quem já conquistou o que queria, já conquistou, e quem não conquistou, não conquista mais. Eirene percebeu, depois de tanto tempo no território da prostituição travesti, que o território não pode ser o único local de ocorrência de respeito e admiração. Outros espaços também devem proporcionar isto.

EOS

Eos é uma das travestis que conhecemos a pouco tempo. Diferentemente da maioria das travestis, Eos é formada em Magistério, tendo trabalhado em outra atividade diferente da prostituição, como professora por pouco tempo, até que o preconceito a excluiu da sala de aula.

Devido ao fato de Eos estar trabalhando no período em que foram realizadas as entrevistas, em uma videolocadora, dividimos nossas conversas em dois momentos, nas manhãs do dia 24 de fevereiro e do dia 03 de março de 2007. Eos iniciou sua fala relatando que sempre notou que não tinha um corpo normal, um corpo de homem. E o principal elemento que demonstrava esta diferença era a situação de uma voz afeminada, além do fato de Eos sentir atração desde a infância por corpos masculinos.

Mesmo que houvesse preconceito no espaço escolar, todos os obstáculos não foram motivo para que Eos desistisse de seus estudos. Mas, este fato é exceção, pois via de regra, a estrutura posta de exclusão é tão intensa que as travestis não conseguem concluir os estudos. O período da conclusão do curso de magistério se sobrepôs ao do início na prostituição. Mesmo antes da conclusão do curso, já havia ido para a rodovia, território da prostituição travesti denominado pelo grupo como BR, com uma das travestis que ali batalhava.

Sua entrada no território da prostituição ocorreu não pela necessidade, mas pela diversão. Seu prazer era ser admirada e desejada, ser vista plenamente como mulher. Isto só era possível na noite, no território da prostituição travesti. Mas o território, além de estar relacionado a manutenção da identidade e da individualidade travesti, também é fonte de renda, e como esperado, a chegada de Eos despertou a ira de algumas travestis que dependiam da noite como fonte de renda. É necessário lembrar que as novas travestis no território são sempre mais procuradas, pela própria novidade da situação para os clientes. Além das ameaças recebidas por algumas travestis, Eos também incomodou algumas prostitutas, agora pelo fato de ser identificada com o universo homossexual, ou melhor, com um indicativo da homossexualização daquele espaço.

A fonte de renda de Eos na época era um seguro desemprego que estava recebendo. Durante o tempo que teve esta fonte de renda, a vida foi tranqüila. Mas quando a fonte acabou, e não conseguiu encontrar emprego, o que restou foi voltar para o local que em um primeiro momento era fonte de diversão. Lutou para não ir definitivamente para a BR, ficando durante aproximadamente 3 meses em uma das principais avenidas, no Bairro da Nova Rússia. Este lugar não era de fato um território da prostituição travesti, pois a prostituição é um fenômeno relacional, não tem condição de existência sem clientes. Após aceitar que o local era impróprio para a obtenção de rendimentos, decidiu ir a BR, pedindo guarita a Pandora, uma das travestis que a tempo batalhavam ali.

Pelas tensões que haviam sido construídas no primeiro período na prostituição, o local que lhe foi cedido não foi o melhor, não tendo rendimento considerável para sua manutenção financeira. Não conseguindo mais se manter, teve que voltar para a casa da mãe, local de onde tinha saído devido ao preconceito. E se inicialmente Eos poderia escolher seus clientes, a condição que se encontrava não mais possibilitava isto. Sua imersão completa na prostituição construiu em sua mente uma relação muito próxima da idéia de ser travesti como sinônimo de prostituição. Se no início sentia-se desejada, agora era vista como uma mera mercadoria.

Eos é uma travesti que não constrói desavenças com ninguém, fugindo dos problemas. Esta circunstância fez com que Têmis a ajudasse a entrar no território da prostituição travesti centro, local onde obtinha mais renda em relação a BR. Neste momento Eos estava namorando, e o convite de ir morar junto com seu companheiro foi o motivo para que Eos saísse da prostituição.

Algo que sempre era lembrado por Eos era o fato de ser professora, não de

boca, mas formada, com comprovação. Todo o período que viveu na prostituição, sob sua análise, serviu para que ela refletisse sobre o que de fato valia a pena na vida, desde a possibilidade de ter uma relação estável com o companheiro, à ficar longe das drogas e da violência.

Uma parte de sua fala, que mais nos chamou a atenção, fazendo com que refletíssemos sobre nossa postura como sujeito pesquisador em relação ao sujeito pesquisado, e a interferência que de fato acontecia, produto da relação entre ambos, foi quando questionada sobre qual era seu exemplo de comportamento e de pessoa, Eos nos falou:

E daí quando você entrou fazer o trabalho, eu me imaginava você. Se ele pode, eu também posso. Você foi uma referência que entrou e mostrou que eu poderia dar aula. Mas você é diferente, porque você não é uma travesti. Mas pelo teu esforço. Então se ele conseguiu, porque é que eu não posso. Podia estar bem louca andando pelos corredores da universidade. Isso ajudou um pouco mais a ver o mundo... as pessoas entram na nossa vida na hora certa. (...) quando você entrou, é claro que você não falou sobre hormônio, mas você disse, você pode ir para a frente se você quiser. Referências pequenas que se tornaram grandes, pois me despertaram para outras coisas. (Entrevista realizada com Eos em 24.02 e 07.03.2007).

Hoje Eos não vive mais da prostituição, pois seu companheiro se colocou como responsável pelas despesas com a casa. Seus projetos hoje se relacionam a universidade, pois deseja fazer vestibular, e realizar concurso público. Seu desejo em relação a concursos refere-se ao fato de que após o período de estágio probatório, não haveria mais a possibilidade de ser demitida por preconceito, pelo fato de ser travesti. Esta é uma esperança que Eos cultiva, conseguir um trabalho estável e transforma-se por completo, ser uma professora travesti.

AFRODITE

O interesse das ciências sociais pela questão dos grupos excluídos não é um fato tão recente. O principal motivo deste interesse relaciona-se a circunstância de que estes grupos demonstram, ou melhor, cristalizam a disritmia e assimetria de funcionamento do sistema social, produzindo grupos de excluídos. Porém os trabalhos, para que produzam adequados resultados, devem estar estruturados a partir de adequadas abordagens metodológicas. É algo que vem mostrando-se na geografia um problema, na concepção teórico-metodológica, relaciona-se a forma de acesso aos grupos.

Diferentemente do que o senso comum demonstra, nossa abordagem não se fez no território da prostituição travesti, pois a nossa presença poderia alterar a dinâmica e a configuração do grupo na noite. Nossa escolha foi procurar um outro caminho que possibilitasse o acesso ao grupo das travestis, com suas histórias de vida. O melhor caminho foi a Ong Renascer. Estabelecemos nosso contato com Afrodite através da Ong, já na primeira oportunidade, em que ela encontrava-se visitando a instituição. Contudo, sua solicitação era que fossemos a sua casa, para que pudessemos estabelecer uma conversa livre, longe dos olhos atentos de outras travestis que freqüentam a Ong. Após o combinado, cheguei a sua casa no período da tarde, do dia 20 de março de 2007. A riqueza da discussão realizada neste dia foi tamanha que não pudemos concluir o roteiro de entrevista, marcando para concluí-lo no dia seguinte.

No primeiro dia solicitei que Afrodite resgatasse o processo de transformação do seu corpo masculino para o feminino e as tensões ocorridas, e assim começamos nossa conversa. Lembrou do período em que tinha aproximadamente seis anos.

Tendo nascido em Ponta Grossa, nos falou que a infância vivida foi tão normal como as demais crianças, não havendo um rigidez nas atividades lúdicas realizadas, como brincadeiras de menino e de meninas. Se o fato de brincar com brincadeiras femininas eram sinônimos de diferença, isto não era percebido como uma aberração social por seus familiares. Até sua mãe, interrompendo nossa conversa, me mostrou uma foto quando Afrodite era bem pequena. Devia ter menos de quatro anos, pois foi com aproximadamente esta idade que seu pai faleceu. Enfim, nesta foto que me foi mostrada, Afrodite estava com uma blusa e uma saia de crochê feminina, e sentada no colo de seu pai. Sua mãe me falou que todos achavam que tudo não passava de uma brincadeira, que guardando aquelas fotos para a posteridade, teria um objeto de brincadeira com seu filho, mostrando: *olhe, quando você era pequeno, se vestia de mulher... Agora veja, o homem em quem você se transformou...*

Afrodite foi perceber que era diferente dos outros meninos através do espaço escolar, isto com oito anos. E as formas como os outros meninos comunicavam a Afrodite que seu comportamento era distinto dos demais, era a violência. Como visto,

Caiu a ficha mais ou menos com uns oito anos de idade. Eu vi que eu era diferente porque eu comecei a apanhar na escola. Não é que eu vi, eles me obrigaram a ver. Porque para mim eu era uma pessoa normal, eu era um ser humano. Ai com oito anos eu já comecei apanhar, apanhei até a oitava série. *Apanhei apanhado mesmo*⁴³. Eu nunca tentei bater, porque eu sempre fui da paz, eu só chorava. Eu tinha a resposta que uma menina teria. Se uma menina apanha na escola, o que ela faz, ela chora. Eu chorava. Pros olhos das pessoas era um piá chorando, mas para o meu coração era uma menina. (Entrevista realizada com Afrodite em 20 e 21.03.2007)

O argumento que foi utilizado em quase toda a entrevista é de que ela era assim por natureza, não era um homem pervertido que tinha prazer em se vestir de mulher. Sua condição estava relacionada a sua cabeça. Contudo, antes dos dezoito

⁴³ Grifo Nosso.

anos, ela tinha um corpo andrógino, não um meio termo entre o corpo masculino e feminino. Mas esta, digamos transição, não foi tranqüila, não pelo fato de possíveis conflitos psicológicos em relação ao que era fisicamente e o que queria ser. Seus conflitos eram, podemos falar são, relacionados a sociedade, a impossibilidade de agüentar a pressão homofóbica existente nas diversas formas de vivencia do espaço urbano. Como relatado, ela chorou até os dezoito anos, chorava constantemente. Não tinha amizade com ninguém. Não conseguia ficar em meio a meninos pela incompatibilidade de comportamento, e era excluída do círculo de amizades femininas. Sentia que a presença de seu corpo nos mais diversos espaço incomodava as pessoas. Temendo a rejeição, sua escolha foi permanecer sozinha. Afrodite é uma pessoa que não tem muitas amizades. A rejeição não é apenas algo que ela acha que pode acontecer, é um fato concreto em sua vida.

Neste grande período de conflito, foi de fundamental importância a tranqüilidade e a aceitação existente no espaço da casa. Desde os dez anos sabia que seria uma pessoa diferente, não sabia o que seria, mas esta certeza ela tinha, e desde muito pequena, sua principal declaração era de que havia dois caminhos, a aceitação ou a rejeição, norma em quase todas as histórias relatadas pelas travestis. Afrodite nos falou que não houve conflito no espaço da casa, pelo fato de que seus familiares eram muito educados e compreensivos. A única exigência que sua mãe e seus irmãos tinham é de que não aceitariam que ela entrasse na prostituição.

A riqueza lida na fala de Afrodite relaciona-se ao outro extremo do movimento pendular que é a relação entre a vida travesti e a sua dimensão territorial. Se para muitas das travestis o território da prostituição é um local por excelência de auferição de renda, condizente com a condição de exclusão por qual todas as travestis passam, para Afrodite o território é o espaço constituído por tudo que nunca teve no

espaço como um todo. Seus familiares percebiam que sua existência era embebida em sofrimento, devido ao fato de não gostar de viver em sociedade. Para Afrodite a aceitação de seus familiares foi muito importante para a sua formação como pessoa:

Todos os meus familiares aceitam. Meu avô era ferroviário, uma pessoa assim bem machista, a ponto de bater na esposa. Lembro que uma vez meu tio falou bem assim: o Leandro é gay. O meu avô falou: ele não é gay, ele é homossexual. E era um senhor de idade, que quando era jovem era machista e batia na esposa. É porque todo mundo via que eu não era safadeza, que tinha alguma coisa diferente. Eles viam. Eu brincava com boneca com dois-três anos de idade. Eu nunca brinquei de carrinho, eu não sei o que é ser homem. Eu acho que a única vez que eu me vesti de homem mesmo, que eu quis me vestir de homem, foi quando eu fiz a primeira comunhão. Que eu coloquei o terninho. Depois disso... Sempre tive o bom relacionamento com a família, só que com a sociedade nunca. Nunca deu certo. E como eu falei, eu não quero viver em sociedade. Eu prefiro viver a vida que eu levo. (Entrevista realizada com Afrodite em 20 e 21.03.2007).

A determinação de sua mãe era de que até os dezoito anos quem era responsável era ela. Após isto, Afrodite que fizesse o que quisesse. Quando completou esta idade, Afrodite começou a correr atrás de seus desejos. Saía aos finais de semana, não para batalhar, mas para conhecer e conviver com as travestis que batalhavam na Caixa Econômica Federal – Centro. Neste período ainda fazia enfermagem. E devido a norma, não agüentando o preconceito e a discriminação, agora no estágio como auxiliar de enfermagem, decidiu desistir e se apropriar do conhecimento necessário a sua transformação completa. Estas visitas constantes fizeram com que sua entrada no território da prostituição fosse tranqüila, pois os laços de amizade construíram esta ponte de não concorrência entre Afrodite e as demais travestis. Hoje sua posição é de que não quer viver em sociedade. Seu sofrimento sempre esteve relacionado à vida fora do território da prostituição travesti,

Eu sofri, mas só quando eu estudei e vivi em sociedade. Depois que eu virei travesti mesmo, porque travesti não é só ter uma aparência de mulher, ser

travesti é enfrentar a vida como mulher mesmo, e não ser uma mulher marginalizada que foge da polícia, ou que tem medo, não é nada disso. É enfrentar tudo, estar pronta pra tudo. Então pra mim tanto faz, se as pessoas me olham com maus olhos ou com bons olhos. (...) Saio de casa discreta. Eu saio com uma calça mais comprida, tem o bar (...), visto uma saia e um top e pronto. Porque a maioria das vezes eu vou de ônibus. Eu passo esnobando todo mundo. Porque isto é o meu escudo. Então as pessoas ao invés de estarem com preconceito de mim, ficam com ódio de mim, porque eu passo jogando o cabelo, eu passo fazendo cara de belíssima. Então ao invés do preconceito, eles ficam com ódio, é ao contrário. Mas eu prefiro isto. (...) E eu nunca quis isto pra mim, eu nunca quis ser a palhaça. Eu sempre quis ser uma mulher bonita e nunca uma palhaça. (Entrevista realizada com Afrodite em 20 e 21.03.2007).

Os principais elementos que foram apontados por Afrodite em relação ao território da prostituição travesti de Ponta Grossa – PR estavam relacionados de um lado ao aprendizado, e de outro a possibilidade de realização travesti. Afrodite aprendeu a ser forte frente às adversidades da vida. Se em tempos anteriores, qualquer afronta era motivo de lágrimas, hoje as respostas são outras. A perda da ingenuidade é para ela o principal fato do aumento da força frente à vida. Aprendeu que travesti vira travesti na rua, ou melhor, no território, desde ao comportamento do corpo e da prática sexual, tanto passiva como ativa, como a própria transformação do corpo.

O território tem importância vital para Afrodite, pois é através do território que ela consegue ser a mulher que ela quis ser a vida inteira, realizando-se pessoalmente, financeiramente, sexualmente e afetivamente. Na sua fala: “eu não troco a minha vida pela vida de ninguém. Por vida de médico, de advogado, pela vida de ninguém. Sofro, sofro, a gente pode levar uma pedrada, passar frio, mas é lá que eu sou feliz” (Entrevista realizada com Afrodite em 20 e 21.03.2007).

ATENA

Tendo nascida em Santana de Ferros – MG, Atena começou a demonstrar

um comportamento distinto em relação aos outros meninos com aproximadamente nove anos. Para ela, este fenômeno é visível em filhos temporões, enquadrando-se nesta circunstância. Sua diferenciação não se relacionava as brincadeiras, mas a atração que sentia por seus amigos, não conseguindo encontrar alguma coisa que fosse motivo de agrado nas meninas. Tais segredos puderam ser mantidos por pouco tempo, sendo descobertos por seus familiares. Diferente do comportamento da mãe, seu pai e seus irmãos não aceitaram tal situação. Atena percebeu que não conseguiria conviver ao lado de seus familiares, pois o principal argumento utilizado por seu pai era de que isto se colocava como motivo de vergonha, não apenas para Atena, mas para toda a família, pois o assunto já tinha lugar colocado nos comentários da vizinhança.

A convivência na família e na vizinhança era insuportável. A ajuda veio de uma das irmãs. Esta estava vindo de Boa Viagem, dirigindo-se em mudança para São Paulo. Mesmo que não usasse roupas femininas em São Paulo, Atena não conseguia na maioria das vezes se passar por homem. Em muitas ocasiões era tratada como se fosse uma menina de cabelos curtos, era chamada de mocinha. Até na vizinhança era confundida como se fosse uma das irmãs de Minas Gerais. Porém, quando seu “sexo oficial” era solicitado, o constrangimento era imenso. Para não ser motivo de riso, Atena decidiu transforma-se por completo, começando a se vestir de mulher durante todo o tempo. Como falado, se antes, quando se vestia com roupas masculinas já era confundida várias vezes com uma mulher, agora, utilizando roupas femininas, “passava batido”.

O seu início na prostituição aconteceu através de um convite feito por uma travesti que batalhava, e que morava nas proximidades da casa de Atena. Um dia quando passava na frente de sua casa, Atena foi chamada: “você trabalha? Eu falei

que trabalhava em uma firma ali em cima. Daí ela falou: mas porque você não batalha, vai ganhar bastante dinheiro, você é novinha e bonitinha (Entrevista realizada com Atena em 04.04.2007)”. A proposta desta travesti era de que Atena continuasse trabalhando, mas aos finais de semana fosse batalhar, pois isso aumentaria seus ganhos mensais. E assim fez, trabalhando durante o dia em uma metalúrgica e a noite batalhando.

A decisão de iniciar a transformação do corpo nasceu após conversa realizada com um psicólogo, o qual a havia alertado para as questões envolvendo uma transformação definitiva do corpo. O que realmente importava era o fato de Atena sentir-se bem consigo mesma e com o mundo. Durante este processo, Atena trabalhava em uma metalúrgica e batalhava a noite, na Avenida do Estado, em frente as Juntas Provisórias, em São Paulo capital. O rendimento duplicado possibilitou que Atenas fizesse duas cirurgias plásticas, uma no nariz e outra colocando prótese de seio.

Havia na década de 1970 um movimento considerável de travestis em direção a Europa. A possibilidade de prostituição estrangeira era a chance definitiva de melhoria material de condição de vida. Atena possuía uma amiga travesti que já tinha entrado na Europa. De São Paulo, Atena foi ao Rio de Janeiro e do Rio de Janeiro, para a França:

Fui através de uma amiga minha na época que tinha ido pela primeira vez, a gente era muito amiga, morávamos juntas em uma quitinete no Rio de Janeiro, daí uma se ajudou a outra. Nós trabalhávamos na Lapa no Rio de Janeiro, lá na Vieira Solto. Ela já tinha uma amiga dela que já estava em Cabo Ferrá. E daí essa amiga mandou a passagem para ela e eu ajudei ainda com um pouco de dinheiro. Mas na intenção de você vai e depois eu vou. Você se estabiliza e depois eu vou. E assim foi feito, ela foi, e depois me mandou o dinheiro que eu tinha emprestado a ela cobrindo mais a passagem na época, que eu não me lembro se naquela época era trezentos e noventa dólares. Você tinha que passar com um dinheiro mostrando que você ia gastar aquele dinheiro lá como turista. A primeira vez eu entrei como turista e a segunda como jornalista. (Entrevista realizada com Atena em 04.04.2007).

Após ficar por durante três anos na França, Atena voltou ao Brasil, permanecendo aqui por três meses. Após este período, voltou a França, ficando por últimos quatro anos, tempo finalizado devido a ocorrência de uma crise na Europa, crise esta que culminou em uma deportação maciça de travestis, entre os anos de 1978 a 1982. A tensão da possibilidade de ser deportada e perder tudo que havia acumulado durante o tempo de trabalho fez com que Atena decidisse volta em definitivo para o Brasil.

Seu retorno também este relacionado ao um prestar de contas que tinha com sua família. Atena não tinha estabelecido contato com sua família desde que tinha saído com doze anos de casa. Mas o retorno foi completamente diferente da partida. Atena havia voltado com muito dinheiro, exigindo aceitação de seus familiares. Hoje Atena tem uma relação, como dito, de igual para igual, sendo respeitada por todos os seus familiares.

Em seu retorno ao Brasil, Atena continuou a batalhar. Todavia, acostumada em obter grande rendimento da prostituição européia, viu que no Brasil isto não seria possível. Sua decisão foi constituir um grupo de mulheres, notadamente prostitutas, com a fachada de um ballet, e viajar apresentando-se pelas boates da região sul e sudeste. Como dito, a viagem acontecia no “truque”, pois as mulheres não eram bailarinas, mas sim prostitutas, sendo vendidas como tal nas boates.

Da França Atena veio para Minas Gerais, para Governador Valadares. Permaneceu neste município devido ao período que passou em uma clinica de desintoxicação de drogas, pois para agüentar o frio na França, havia se viciado em Heroína. Quando seu tratamento acabou, Atena decidiu retornar à São Paulo, montando o ballet com as prostitutas. A relação entre o grupo de ballet de Atena e a boate acontecia da seguinte forma, a boate ligava e findava um contrato de alguns

meses, onde as prostitutas faziam shows de streap tease, de dublagem, e tendo a obrigação das meninas, que viajavam com Atena, de dar lucro aos proprietários das casas, com a atividade da prostituição e a venda de bebidas. Desta forma o ballet viajou por todo o Rio Grande do Sul, por Santa Catarina, pelas principais cidades do Paraná, e pelo interior de São Paulo.

Assim, este período durou aproximadamente oito anos. Contudo, a gestão de dezoito bailarinas, entre mulheres e travestis, não era algo fácil, porque no final das contas, Atenas era a responsável por todas. Depois de refletir muito sobre sua vida, Atena decidiu fechar seu grupo e escolher uma cidade, que fosse tranqüila, para continuar sua vida. Havia várias opções, como as cidades de Balneário Camboriú e Blumenau. Mas sua busca era o sossego acabando por escolher Ponta Grossa. Sua entrada no território da prostituição em Ponta Grossa foi tranqüila, pois pela convivência que tinha com as travestis, tanto em boates como no território, já era conhecida e respeitada. Havia até travestis que tinham viajado com Atena, e que hoje compõe a história do território da prostituição travesti, como Eirene e Héstia.

Desde então Atena batalha no território da prostituição travesti denominado BR. Nestes mais de trinta anos, os mais diversos territórios da prostituição travesti, tanto localizados em São Paulo, como no Rio de Janeiro, como em Cabo Ferrá – França, como em Ponta Grossa, funcionaram como locais de aprendizado, um aprendizado de convivência com a sociedade. Para Atena, é através do território que se aprende a distinguir o preto do branco, aprende-se quem é quem. Aprende-se, em suma, a viver e a conviver com as pessoas, compreendendo a necessidade de apreensão das diferentes formas de comportamento, necessárias em relação às distintas formas de espacialidade e territorialidades.

DEMÉTER

Deméter é nascida em Ponta Grossa, porém com treze anos foi morar com seus familiares no Japão, retornando ao Brasil com vinte e dois anos. Suas memórias resgataram a circunstância de que sempre gostou de coisas de menina, assim como roupas e batom. Só que isto não passava em branco, pois sempre apanhava pelos seus desejos. Se existia certa pressão advinda dos pais, seus avós a tratavam como uma criança normal, atendendo a seus desejos.

Durante os nove anos vividos no Japão, o preconceito foi uma constante na vida de Deméter. Tanto na escola em que estudava como na Universidade de Chibua, em Tóquio. Sentia que era perseguida pelo fato de ser diferente dos demais adolescentes. Seus trajes cotidianos eram a calças jeans e a camiseta. Porém, o cabelo comprido e o comportamento corporal mais próximo do feminino que do masculino, e o não interesse pelas mulheres eram os indicativos do seu desvio em relação à heteronormatividade. Devido à pressão que recebia, tanto no espaço escolar, acadêmico, público ou da casa, Deméter viveu com medo, retraindo e escondendo o que realmente queria para si. Até os dezoito anos sua cabeça era mantida em constante conflito, pois sabia que era isto que queria, mas não sabia se queria se assumir enquanto travesti, revelando sua distinta sexualidade.

A revelação de sua condição foi motivo de grande conflito na família. Quando atingiu seus dezoito anos, Deméter decidiu contar a seus pais que a sua maior vontade era assumir aquilo que sentia, que havia reprimido durante muito tempo seus desejos, e que esta condição não era mais suportável. A resposta de sua mãe foi a declaração de que preferia ter um filho morto do que um filho homossexual. E as principais acusações foram dirigidas a seu pai e a seus avós, pela complacência

que estes trataram a situação desde que Deméter era pequena. Tal situação culminou em um convite para que fosse embora de casa. Após ser expulsa de casa, Deméter concluiu sua formação em letras, continuando a trabalhar:

Eu trabalhei na Epson e juntei uns cinco mil dólares e vim embora. Pensei comigo: lá eu me viro, mas aqui eu não quero ficar mais. Porque eu já estava enjoada, não aguentava mais, pois além do preconceito de todos, também dos meus irmãos, pois a gente não tem uma vida assim boa entre irmãos. Eu me dou mais com a minha irmã, com minha irmã a gente se identifica, mas com o meu irmão mais velho não, a gente tem problemas. (Entrevista realizada com Deméter em 18.04.2007).

Quando do seu retorno, Deméter veio até São Paulo, pois tinha uma amiga que ali residia. Durante o período de hospedagem, Deméter era responsável por algumas despesas da casa, como parte da alimentação, a luz e a água. Depois de quatro meses sem trabalhar, o dinheiro acabou, e junto com isto a boa relação que tinha com sua amiga. Após ser expulsa de casa novamente, o único local que lhe restou foi um banco da praça do Tatuapé, em São Paulo. Certo amigo soube da sua situação, e ofereceu ajuda. Porém, esta ajuda não durou mais que uma noite, pois os familiares deste amigo não aceitaram Deméter. Não havia segundo sua fala, outra saída a não ser a prostituição.

Daí eu fui para o centro de São Paulo com ele (o amigo), daí a gente desceu na Praça da Sé, e ficamos conversando, só que daí ele falou que não ia me levar onde fazem programas. Eu nunca tinha feito programas, nunca nunca. Eu preciso de um local onde ocorre prostituição. Mas ele falou que não ia me levar. Se você quer você ache sozinha. Então se você não vai me levar eu vou sozinha então. Só que daí ele foi atrás de mim e me levou. Daí eu fui à Amaral Gurgel. Eu trabalhava bem na frente da faculdade, eu não me lembro o nome da faculdade. Daí eu cheguei lá e perguntei se eu poderia ficar lá e elas falaram que sem problema, porque eu não tinha peito, não tinha corpo, para elas foi indiferente, elas ia ganhar o delas, e eu não ia incomodar. (Entrevista realizada com Deméter em 18.04.2007).

Devido não possuir um corpo desejável para os clientes da prostituição de

São Paulo, Deméter não tinha grandes rendimentos, mas o pouco que conseguia obter da prostituição já era para o momento o suficiente para a alimentação e o pernoite. Mesmo com esta melhoria, Deméter viu-se obrigada a ir embora de São Paulo, pois além do fato do baixo rendimento da noite, os rendimentos não eram contínuos, havendo noites em que voltava para a pensão sem ter feito nenhum programa.

Mesmo ganhando pouco, conseguiu juntar um pouco de dinheiro e vir para Ponta Grossa, terra natal. Todavia, o pouco dinheiro que havia reservado fora todo destinado a compra da passagem. Logo que chegou, teve que ir para a rua batalhar. Sua entrada no território da prostituição foi possibilitada pela postura de humildade que teve, pré-requisito indispensável a todas as travestis que almejam integrar o grupo com suas dinâmicas territoriais, humildade esta se caracterizando pelo pedido de autorização de permanência no território. E devido a sua postura, não houve tensões iniciais pela sua permanência.

No território da prostituição de São Paulo, Deméter estava no limite da periferia das relações de poder, sendo insignificante ao ponto de não incomodar as travestis que ali batalhavam. Em Ponta Grossa, devido o fato da novidade, sua presença começou a alterar a dinâmica das relações. Não havia ameaças explícitas, mas sabia que sua presença não agradava ao grupo das travestis como um todo.

Deméter quando nos falava do território da prostituição, se referia com mais propriedade a Ponta Grossa. E em seus apontamentos, declarou que o território da prostituição travesti era um espaço de aprendizado de comportamento em relação aos clientes, aos policiais e a sociedade. Outro fato relacionou-se a questão de que para Deméter, a travesti vira travesti na rua, com as outras travestis. Mas não apenas relacionado ao aprendizado visual, mas verbal, pois a própria relação de

proximidade que teve e tem com Afrodite produziu uma transformação tanto nas roupas que deveria usar, para valorizar mais seu corpo, como relacionado a mudança de comportamento.

Deméter, mesmo a distância, tem hoje um relacionamento razoável com seus pais, que ainda moram no Japão. Seus familiares de Ponta Grossa dividem-se entre os que a aceitam, os que são indiferentes, e aqueles que demonstram considerável preconceito. Todavia, tais questões são suportáveis pela boa convivência que tem com seu companheiro, convivência esta que tem durado por cinco anos. Sua expectativa em relação ao futuro coloca-se no desejo de sair da rua. Tem muita vontade de entrar na carreira política, tornando-se uma vereadora que tenha um plano de trabalho orientado aos grupos sociais específicos, notadamente os homossexuais e excluídos. Pois, para ela, muita gente pensa que a vida na prostituição é muito fácil. Mas ao contrário, dando voz as falas das pessoas envolvidas com esta atividade, e conhecendo o íntimo de cada uma que trabalha na rua, o quadro que se pinta é completamente outro.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)